

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

FLÁVIA GONÇALVES CALAÇA DE SOUZA

O PROCESSAMENTO DA LOGOFORICIDADE EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

JOÃO PESSOA
2020

FLÁVIA GONÇALVES CALAÇA DE SOUZA

O PROCESSAMENTO DA LOGOFORICIDADE EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração Teoria e Análise Linguística e na linha de pesquisa Processamento Linguístico, como um dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosana Costa de Oliveira
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Dorothy Bezerra Silva de Brito

JOÃO PESSOA
2020

Catálogo na publicação
Seção de Catálogo e Classificação

S729p Souza, Flávia Gonçalves Calaça de.
O processamento da logoforicidade em português
brasileiro / Flávia Gonçalves Calaça de Souza. - João
Pessoa, 2020.
114 f. : il.

Orientação: Rosana Costa de Oliveira.
Coorientação: Dorothy Bezerra Silva de Brito.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística. 2. Anáfora. 3. Logóforo. 4.
Psicolinguística. 5. Processamento correferencial. I.
Oliveira, Rosana Costa de. II. Brito, Dorothy Bezerra
Silva de. III. Título.

UFPB/BC

CDU 81(043)



ATA DE DEFESA DE TESE DE
FLAVIA GONÇALVES CALAÇA DE SOUZA

Aos vinte e oito dias do mês de setembro de dois mil e vinte (28/09/2020), às nove horas, realizou-se, via Plataforma Zoom, a sessão pública de defesa de Tese intitulada "O PROCESSAMENTO DA LOGOPORICIDADE EM PORTUGUÊS BRASILEIRO", apresentada pelo(a) doutorando(a) FLAVIA GONÇALVES CALAÇA DE SOUZA, Graduado(a) em Letras pelo(a) Universidade Federal da Paraíba - UFPB, orientando(a) do(a) Prof.(a). Dr.(a) Rosana Costa de Oliveira (PROLING-UFPB), que concluiu os créditos para obtenção do título de DOUTOR(A) EM LINGÜÍSTICA, área de concentração Teoria e Análise Linguística, segundo encaminhamento do(a) Prof.(a). Dr.(a). José Ferrari Neto, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof.(a). Dr.(a). Rosana Costa de Oliveira (PROLING - UFPB), na qualidade de Orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte co(a)s Profissionais(as) Doutoras(as) Dorothy Bezerra da Silva Brito (Examinadora/UFRPE), Gustavo Lopez Estivalet (Examinador/PROLING-UFPB), José Ferrari Neto (Examinador/PROLING-UFPB) e Eduardo Kennedy Nunes Areas (Examinador/UFF). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente, Rosana Costa de Oliveira, convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao (à) Doutorando(a) para apresentar uma síntese de sua Tese, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Tese, à qual foi atribuído o conceito **APROVADA**. Proclamados os resultados pelo(a) Sr.(a). Presidente, foram encerrados os trabalhos e, para constar foi lavrada a presente ata que será assinada juntamente com os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 28 de setembro de 2020.

Observações

Para a versão final da tese é importante observar todas as recomendações feitas pela banca tais como atualizar a literatura, formalizar o objeto da pesquisa e dar um maior detalhamento à parte metodológica.

Prof.(a). Dr.(a). Rosana Costa de Oliveira
(Presidente da Banca Examinadora)

Prof.(a). Dr.(a). Dorothy Bezerra da Silva Brito
(Examinadora)

Prof.(a). Dr.(a). Gustavo LÓPEZ Estivalet
(Examinador)

Prof.(a). Dr.(a). José Ferrari Neto
(Examinador)

Prof.(a). Dr.(a). Eduardo Kennedy Nunes Areas
(Examinador)

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese ao meu amado Guilherme, por ter feito tantas coisas para viabilizar a escrita deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Àquele que é eterno, Deus, por ter guiado meu caminho desde a graduação até o doutorado e me permitido encontrar a Linguística e fazer dela meu objeto de estudo ao longo desses anos.

Ao meu esposo, Guilherme, por ter escolhido me apoiar nesta jornada acadêmica sendo tão prestativo e amoroso mesmo quando o caminho estava cheio de espinhos e as dificuldades estiveram no caminho.

Aos meus filhos Fernanda e Felipe, pelos laços de amor que nos unem.

A minha mãe Lourdes, sempre presente em minha vida. Ela é meu modelo de integridade moral, de força e companheirismo.

Ao meu pai, Flávio (*in memoriam*), que me ensinou a importância da educação. Sua presença não pode ser mais vista, nem sua voz ouvida, porém, no silêncio, sua existência sempre continuará presente em mim.

Ao meu irmão Bruno, pelo companheirismo.

À minha tia Lúcia, por sempre me apoiar em tudo.

À minha tia Rose, pela admiração que tem por mim.

À minha avó Maria José, por sempre me encher de amor.

À Prof.^a Rosana, por ser muito mais do que uma professora e acreditar que faríamos juntas um trabalho excelente sobre logoforicidade. Meu muito obrigada!

À Prof.^a Dorothy, por ter aceitado me coorientar e me auxiliar neste trabalho.

Ao Prof. Márcio, por ter me mostrado a Psicolinguística Experimental na iniciação científica em 2009 e acompanhado minhas pesquisas até o doutorado.

Ao Prof. Ferrari, pelas inúmeras instruções na estatística.

Aos meus amigos do Laprol, Lorena, Nathália, Judithe, Matheus e Jefferson, pela longa jornada que vivemos em companheirismo.

A todos os sujeitos que participaram da pesquisa.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

“A recompensa de uma boa obra é tê-la feito; a recompensa do esforço é ter crescido.”

A. D. Sertillanges

RESUMO

O presente trabalho busca examinar o processamento da logoforicidade em português brasileiro (PB), mais especificamente aquela expressada pela pró-forma *ele mesmo* em posição anafórica e logofórica. Autores como Reinhart e Reuland (1993), Harris (2000), dentre outros, apontam que anáforas e logóforos são regidos por módulos diferentes na Gramática Universal. De acordo com esses autores, as anáforas são guiadas por fatores sintáticos como localidade e c-comando, enquanto o logóforo pode ou não observar essas condições sintáticas. Com base nesses pressupostos teóricos, fizemos três experimentos de leitura automonitorada com a finalidade de saber se essas diferenças são observadas no processamento *online* dos sujeitos. A nossa hipótese foi de que o processamento dessas duas estruturas seria diferente e que as anáforas seriam processadas mais rapidamente se comparadas o aos logóforos. Os resultados encontrados evidenciaram que a resolução de anáforas e logóforos é diferente, corroborando a hipótese formulada. No experimento 1 obtivemos resultado significativo para o tipo da pró-forma ($p < 0,001$) e não tivemos resultado significativo para a variável concordância ($p < 0,63$). No experimento 2 encontramos diferenças significativas tanto para o tipo da pró-forma quanto para a concordância por meio da ANOVA ($p < 0,002$) e ($p < 0,0004$). Por fim, no experimento 3, o resultado foi significativo para o tipo da pró-forma por meio da ANOVA ($p < 0,005$) e não tivemos resultado significativo para a variável concordância. Dessa forma, obtivemos evidências de que os fatores sintáticos guiam os sujeitos ao processarem o *ele mesmo* anafórico, porém, para o *ele mesmo* logofórico outros fatores influenciaram o processamento correferencial, indo em direção às teorias explicitadas nesta tese. Por fim, apontamos que a Teoria da Reflexividade (Reinhart e Reuland, 1993) parece ser a mais coerente para a explicação desse fenômeno.

Palavras-chave: Processamento correferencial. Anáfora. Logóforo. Ele mesmo.

ABSTRACT

This paper seeks to examine the processing of logophoricity in Brazilian Portuguese (PB), more specifically the one expressed by the pro-forma himself in anaphoric and logophoric position. Authors such as Reinhart and Reuland (1993), Harris (2000), among others, point out that anaphors and logos are governed by different modules in Universal Grammar. According to these authors, anaphors are guided by syntactic factors such as location and c-command, while the logophore may or may not observe these syntactic conditions. Based on these theoretical assumptions, we performed three self-monitored reading experiments in order to find out if these differences are observed in the online processing of the subjects. Our hypothesis was that the processing of these two structures would be different and that the anaphors would be processed more quickly compared to the logos. The results found showed that the resolution of anaphors and logos is different, supporting the hypothesis formulated. In experiment 1, we obtained a significant result for the type of proforma ($p < 0.001$) and we did not have a significant result for the concordance variable ($p < 0.63$). In experiment 2 we found significant differences both for the type of proforma and for the agreement through ANOVA ($p < 0.002$) and ($p < 0.0004$). Finally, in the third experiment, the result was significant for the type of proforma by ANOVA ($p < 0.005$) and had no significant result for the variable compliance. Thus, we obtained evidence that the syntactic factors guided the subjects when processing the anaphoric himself, however, for the logophoric himself other factors influenced the co-referential processing, going towards the theories explained in this thesis. Finally, we point out that the Theory of Reflexivity (Reinhart and Reuland, 1993) seems to be the most consistent to explain this phenomenon.

Keywords: Co-referential processing. Anaphor. Logophore. Himself.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Proposta apresentada por Reinhart e Reuland (1993) para a distribuição das anáforas e pronomes	P.35
TABELA 2 – Exemplo das sentenças utilizadas no teste	P.55
TABELA 3 – RT por condição do experimento de Petra Burkhardt (2002)	P.71
TABELA 4 – Exemplos dos estímulos e previsões experimentais de Keller e Asudeh (2001).....	P.74
TABELA 5 – Exemplos das sentenças experimentais do teste piloto de Calaça (2016)	P.77
TABELA 6 – Condições e sentenças do experimento 1	P.81
TABELA 7 – Condições e sentenças do experimento 2	P.86
TABELA 8 – Condições e sentenças do experimento 3	P.92

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico comparativo das condições do experimento 1	P.84
Figura 2 – Gráfico dos efeitos do experimento 1	P.84
Figura 3 – Gráfico comparativo das condições do experimento 2	P.89
Figura 4 - Gráfico comparativo do tipo da proforma	P.89
Figura 5 - Gráfico comparativo do tipo de concordância	P.90
Figura 6 – Gráfico dos efeitos do experimento 2	P.90
Figura 7 – Gráfico comparativo do tipo da pró-forma	P.91
Figura 8 – Gráfico comparativo do tipo da congruência.....	P.91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. O ELE MESMO	P.17
2. A TEORIA LINGÜÍSTICA DA ANÁFORA	P.20
2.1. Clements (1975)	P.27
2.2. Chomsky (1981)	P.29
2.3. Zribi-Hertz (1989)	P.31
2.4. Reinhart e Reuland (1993)	P.34
2.5. Minkoff (2004)	P.42
3. A TEORIA PSICOLINGÜÍSTICA DAS ANÁFORAS E LOGÓFOROS	P.47
3.1. Processamento correferencial intrassentencial das anáforas	P.47
3.2. Processamento correferencial dos logóforos	P.57
4. OS EXPERIMENTOS	P.77
4.1. Experimento 1	P.77
4.1.1. Método	P.78
4.1.1.1. Participantes	P.78
4.1.1.2. Material	P.78
4.1.1.3. Procedimento.....	P.80
4.1.2. Resultados e discussão	P.81
4.2. Experimento 2	P.83
4.2.1. Método	P.83
4.2.1.1. Participantes.....	P.83
4.2.1.2. Material	P.83
4.2.1.3. Procedimento.....	P.85
4.2.2. Resultados e discussão.....	P.86
4.3. Experimento 3.....	P.89
4.3.1. Método	P.89
4.3.1.1. Participantes	P.89
4.3.1.2. Material	P.89
4.3.1.3. Procedimento.....	P.90
4.3.2. Resultados e discussão.....	P.91

5. DISCUSSÃO GERAL	P.92
6. CONCLUSÃO	P.93

APÊNDICE

ANEXO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

A presente tese versará em torno da expressão *ele mesmo* em português brasileiro (PB), de modo a observar seu comportamento na língua em questão, especificamente o seu processamento *online* em domínios sintáticos e logofóricos¹. Em especial, observaremos o estabelecimento da correferência na busca de saber se este é mais dependente de informações de caráter sintático ou discursivo, a fim de clarificar essa discussão na literatura. Nos limitaremos ao uso da proforma *ele mesmo* em contextos de reflexividade.

A Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1981) trata sobre o componente da gramática que regula a interpretação de frases nominais. Certas configurações envolvendo expressões anafóricas parecem ser problemáticas para a formulação de tal teoria, o que levou a propostas de revisões que concorrem entre si. Alguns autores propuseram uma base em restrições estruturais, enquanto outros argumentaram que as anáforas em configurações não canônicas são isentas da teoria da ligação, mas sujeitas a restrições pragmáticas.

A vinculação nas frases nominais de imagens (PNPs, do inglês *picture noun phrases*) e em coordenadas gerou um interesse considerável da literatura, e tem levado a uma série de revisões da Teoria da ligação. Nesta tese, buscaremos observar experimentalmente essas disputas teóricas, investigando em tempo real a distinção de representação da proforma *ele mesmo* em contexto sintático e logofórico através de experimentos psicolinguísticos.

Com relação ao processamento de frases *online*, há uma discussão sobre as sentenças que possuem uma única oração serem restritas exclusivamente à atuação dos Princípios de Ligação postulados por Chomsky (1981), tanto nos estágios iniciais do processamento quanto nos estágios que o seguem, como o modelo apresentado por Nicol & Swinney (1989). Já trabalhos como o de Sturt (2003) afirmam que a resolução da correferência anafórica ocorre em dois estágios: no primeiro estágio as informações sintáticas são acessadas e no segundo estágio

¹A logoforicidade apresenta diferentes formas gramaticais a depender da língua em que está inserida. Em algumas línguas, há um morfema para indicar a logoforicidade, já outras línguas possuem marcadores específicos que devem ser investigados. Inicialmente, Clements (1975) fez uso do termo *logofórico*, apontando a relevância do ponto de vista do orador da sentença, em que, ao pronunciar qualquer frase, pode reportar os eventos sob sua ótica ou sob a ótica de outros indivíduos. A utilização discursiva da anáfora como foco também pode ser descrita na literatura, sendo rotulada como enfática (*emphatic*) (KUNO 1987, ZRIBI-HERTZ 1989). E, mais recentemente, a anáfora SELF usada logoforicamente, ou seja, estando livre para ocorrer em qualquer posição (REINHART e REULAND,1993). Aqui, a logoforicidade é vista sob a ótica de Reinhart e Reuland (1993), como apresentado nos capítulos seguintes.

a resolução da correferência é controlada por aspectos semântico-discursivos. Entretanto, os modelos citados por esses autores não contemplam, especificamente, a discussão do processamento de logóforos, apesar de citarem a possibilidade de haver certos tipos de estrutura em que há o uso da anáfora e não há a atuação dos princípios de ligação. As abordagens psicolinguísticas que tratam deste fenômeno, apresentadas no capítulo 4 da presente tese, podem ser vistas em Foraker (2003), Dillon (2013), Sturt (2014), Clackson (2014), entre outros.

Nesta conjuntura, o propósito do presente estudo é elucidar a discussão do processamento do *ele mesmo* sintático e logofórico em sintagmas coordenados como em (1-3) abaixo, apresentando dados em PB para as questões divergentes que a literatura sobre este fenômeno aponta.

(1) a. O primo de Luiza barbeou apenas ele mesmo com o barbeador no banheiro.

b. O primo de Luiza barbeou Alana e ele mesmo com o barbeador no banheiro.

(2) a. Carlos cortou apenas ele mesmo com a faca na cozinha.

b. Carlos cortou Joana e ele mesmo com a faca na cozinha.

(3) a. Gabriel feriu apenas ele mesmo com a lâmina na barbearia.

b. Gabriel feriu ambos Júlia e ele mesmo com a lâmina.

Seguindo o raciocínio de Reinhart e Reuland (1993), em (1a), (2a) e (3a) temos exemplos de sentenças em que ocorre o processamento sintático, visto que não há um sintagma coordenado contendo um reflexivo. Já nas sentenças em (1b), (2b) e (3b) há exemplos de sentenças em que há o processamento logofórico. Esse processamento logofórico se dá devido ao reflexivo estar situado em um sintagma coordenado.

Como a interpretação de reflexivos logofóricos envolve acesso a operações não-sintáticas, como o acesso às noções de discurso e de ponto-de-vista, e os reflexivos co-argumentos envolvem apenas operações sintáticas (REINHART e REULAND, 1993), levantamos a hipótese de que os contrastes entre esses dois reflexivos terão custos de processamento diferentes e que isto está relacionado à previsão das teorias de que os logóforos não estão sujeitos às mesmas restrições sintáticas da anáfora, sendo os logóforos licenciados por restrições semânticas ou discursivas.

Uma outra hipótese é que se houver um contexto de violação nessas sentenças, como defendido em Harris (2000), é provável que haja uma resposta para a violação logofórica diferente da resposta encontrada nas violações do tipo sintáticas, já que são ativadas de maneira divergente, apresentando custos de processamento diferentes entre essas duas estruturas.

Levando em consideração que há evidências nos estudos em Psicolinguística de que o acesso à informação sintática e discursiva é previsível, é coerente investigarmos nessa pesquisa os contextos em que há a provável ativação dessas informações com a disponibilidade da proforma *ele mesmo* em posição logofórica nas sentenças experimentais, como também aquelas que estão regidas pelas condições de ligação.

Em resumo, nosso intento é preencher essa lacuna de estudos envolvendo a logoforicidade em PB ao averiguar o processamento do *ele mesmo* em contextos sintáticos e logofóricos. Nós estamos particularmente interessados em examinar a recuperação dos antecedentes durante o processamento para reflexivos coargumentos em comparação com os que não são coargumentos. Dessa forma, perscrutaremos de que maneira esses reflexivos se comportam no estabelecimento da resolução correferencial.

Para tanto, fizemos três experimentos de leitura automonitorada. Os contextos investigados foram:

1. Reflexivos anafóricos e logofóricos com dois potenciais antecedentes: um lícito e um não-lícito, seguindo a concordância de gênero. A principal característica deste experimento é o segundo potencial antecedente, que está no interior do sujeito, mas não exige o reflexivo, visto que o reflexivo concorda com o primeiro potencial antecedente;

Ex: O genro de Karla cortou apenas ele mesmo com a faca na cozinha. O genro de Karla se cortou?

O genro de Karla cortou Joana e ele mesmo com a faca na cozinha. O genro de Karla se cortou e cortou Joana?

2. Reflexivos anafóricos e logofóricos com apenas um potencial antecedente lícito;

Ex: Daniel penteou apenas ele mesmo com a escova no quarto. Daniel se penteou?
Daniel penteou Lucia e ele mesmo com a escova no quarto. Daniel se penteou e penteou Lúcia?

3. Reflexivos anafóricos e logofóricos com um potencial antecedente lícito e um não-lícito. Neste terceiro experimento há a presença dos quantificadores *apenas* e *ambos*, o que sinaliza que o reflexivo a seguir é uma anáfora e um logóforo, respectivamente.

Ex: O irmão de Viviane machucou apenas ele mesmo com o carro na BR230. O irmão de Viviane se machucou?

O irmão de Viviane machucou ambos ele mesmo e Karla com o carro. O irmão de Viviane se machucou e machucou Karla?

A discussão sobre essas estruturas em Chomsky (1981), Reinhart e Reuland (1993) e Harris (2000) nos permitiu fazer as seguintes hipóteses: o custo de processamento entre as estruturas anafóricas e logofóricas serão diferentes, visto que no processamento da anáfora sintática os princípios de ligação guiam o processador no estabelecimento da correferência. Já para a anáfora logofórica, entram em jogo aspectos discursivos. Além disso, supomos que o primeiro antecedente e os quantificadores não irão interferir nesta diferença.

É importante destacar que existe uma carência de estudos experimentais em PB sobre a resolução de logofóros e os processos que ela exige, o que justifica a presente proposta e a coloca como pioneira nos estudos sobre o fenômeno em PB.

Em resumo, a nossa proposta de pesquisa visa observar o comportamento da proforma *ele mesmo* a partir da noção de argumentos e de logoforicidade proposta por Reinhart & Reuland (1993), de modo a considerar a evidência psicológica como sensível a esses processos de correferência.

A tese está dividida levando em conta os seguintes temas e capítulos:

Na Introdução delimitamos o objeto de estudo deste trabalho, mostrando que há uma ausência de estudos em PB que aclarem a discussão que envolve o processamento da logoforicidade na literatura.

No capítulo 1, “O ele mesmo”, mostramos nosso ponto de vista com relação à expressão *ele mesmo* e como tal expressão pode ser enquadrada na descrição de Reinhart e Reuland (1993). Somado a isso, expomos que a associação do pronome “ele” à anáfora “mesmo” torna a expressão dependente referencialmente.

No capítulo 2, foi delineado o fenômeno da logoforicidade no inglês e no português. Além disso, constituem o conteúdo central desse capítulo as propostas teóricas para a logoforicidade: as abordagens sintáticas e semântico-pragmáticas.

O capítulo 3 é dedicado completamente à exposição dos trabalhos experimentais com reflexivos. Apresentamos, conjuntamente, a discussão sobre a logoforicidade nas sentenças em PB utilizadas em alguns experimentos.

No capítulo 4 descrevemos os experimentos realizados e os resultados obtidos com os falantes do português para o *ele mesmo* em contextos sintático e logofórico, e no capítulo 5 fizemos uma discussão geral sobre os resultados obtidos nos experimentos. Por fim, na seção Conclusão, tecemos as principais conclusões a que chegamos neste trabalho, oferecendo explicações acerca do processamento dessa expressão em contextos logofóricos.

CAPÍTULO 1: O *Ele mesmo*

Nesta tese escolhemos estudar a pró-forma *ele mesmo* em contextos sintáticos e logofóricos, de acordo com Reinhart e Reuland (1993), visto que essa expressão aparece em vários usos no PB. Podemos constatar isto nas frases abaixo:

- (4) José olhou para ele mesmo no espelho do quarto.
- (5) O primo dos meninos apresentou Carla e ele mesmo no casamento.
- (6) Matheus falou com ele mesmo ao pensar nos problemas financeiros.
- (7) Vinícius encontrou a foto que ele mesmo tirou no ano anterior.
- (8) O ciclista pedalou no campeonato e ele mesmo acelerou no final da prova.
- (9) Guilherme, ele mesmo, fez a petição e entregou ao advogado.
- (10) Pedro cortou ele mesmo no braço.

As frases acima nos mostram que há diversas configurações em que o *ele mesmo* pode surgir em nossa língua. Essa variedade de usos torna um desafio para os linguistas proporem normas de distribuição dessa proforma, em razão de haver a junção dos elementos *ele* e *mesmo*.

Na presente tese analisaremos essa expressão a partir da distribuição referencial da pró-forma e a semântica dos predicados em que ela aparece, como apresentado por Reinhart e Reuland (1993). Nosso esforço neste capítulo se intensifica em examinar essa pró-forma ao delinear sua distribuição em PB.

A expressão *ele mesmo*, como mencionado acima, compõe-se das palavras *ele* e *mesmo* podendo este último, apesar de algumas diferenças de traços, como gênero, ser traduzido pelo inglês *self*. A pró-forma *ele* é apresentada na gramática tradicional como pronome, que vem do latim *pronomen* e significa estar no lugar do nome, segundo Schocair (2010, p. 143). A palavra *mesmo* é derivada da junção das formas enfáticas *ipsus*, e *met-* do latim, formando a palavra *medipsimu*. De acordo com Otero (1999 p. 1450), essas formas se agregavam à pronomes pessoais para dar ênfase ao seu sentido. Estas, sozinhas, assumem papéis diferentes dentro de sentenças do PB. É interessante observar que, nos contextos apresentados, “ele” e “o mesmo” são intercambiáveis. Vejamos:

- (11) a. O João cortou ele com a faca no restaurante do shopping.
b. O João cortou o mesmo com a faca no restaurante do shopping.

- (12) a. A moto de Lucas foi consertada por ele.
b. A moto de Lucas foi consertada pelo mesmo.

- (13) a. Ana penteou ela antes de sair de casa.
b. Ana penteou a mesma antes de sair de casa.

Esses vocábulos juntos, por sua vez, assumem uma outra função, que pode ser enquadrada na função de reflexivizar um predicado, distanciando-se da função pronominal nos termos de Reinhart e Reuland (1993). Isso pode ser reforçado pela sua maior semelhança com o papel reflexivo do *self* se comparado ao pronome:

- (14) a. O João cortou ele com a faca no restaurante do shopping.
b. O João cortou ele mesmo com a faca no restaurante do shopping.

- (16) a. Ana penteou ela antes de sair de casa.
b. Ana penteou ela mesma antes de sair de casa.

Nas sentenças acima, nota-se que pode haver uma leitura ambígua nas sentenças em “a”, ao contrário das sentenças em “b”, o que nos permite dizer que o “mesmo” reforça a interpretação reflexiva e atua como elemento desambiguador em muitos casos.

Além disso, o *ele mesmo* pode apresentar as variações de gênero e número: *eles mesmos, ela mesma e elas mesmas*:

- (17) A Carla convidou ela mesma para almoçar no restaurante do shopping.
(18) Lucas e Daniel dirigiram eles mesmos seus veículos.
(19) As meninas pentearam elas mesmas antes de ir ao desfile.

Estas pró-formas, juntas, também podem gerar ambiguidade na frase, visto que *ele* pode se referir a uma entidade que não esteja presente na frase e *mesmo* pode estar relacionado ao verbo, como uma partícula enfatizadora:

(20) Marcos_i criticou ele_k mesmo.

No caso acima, resta saber se nesse caso o *mesmo* enfático equivale ao *mesmo* pró-forma, ou se é um caso de homonímia. Apesar disso, é interessante observar que o “mesmo” enfático tem que ser acompanhado também de uma ênfase prosódica.

Galves (2001a *apud* BRITO, 2009) observa que no dialeto falado em Minas Gerais o *ele* pode se comportar como anáfora e como pronome. Assim, o *ele* pode ter uma leitura anafórica, mesmo desacompanhado de *mesmo*. Em (21) temos um exemplo do *ele* como elemento anafórico e em (22) e (23) temos o *ele* se comportando como pronome:

(21) José_i observou ele_i no reflexo da água.

(22) José_i observou ele_k no reflexo da água.

(23) José_i observou Camila e ele_i no reflexo da água.

Nos exemplos dados abaixo, podemos notar também que, apesar do *ele* poder ser considerado anafórico, como mostra o estudo de Galves (2001a *apud* BRITO, 2009), há, por vezes, a necessidade de destacar o valor de posse, enfatizando-se com o *mesmo*.

(24) a. Miguel_i cortou ele_i enquanto manipulava o alimento.

b. Miguel_i cortou ele mesmo_i enquanto manipulava o alimento.

(25) a. Arthur_i lavou ele_i com o sabonete novo.

b. Arthur_i lavou ele mesmo_i com o sabonete novo.

Nos exemplos (24-25) existe a relação de c-comando² prevista pela Teoria da Ligação de Chomsky (1981). Porém, em PB também é possível encontrar contextos em que a pró-forma *ele mesmo* aparece e não há c-comando. Reinhart e Reuland (1993) os classificam como sendo uma anáfora logofórica. As sentenças em (26) e (27) são, respectivamente, ocorrências sintáticas e logofóricas do *ele mesmo*.

(26) Ocorrência com c-comando

- a. O menino machucou ele mesmo no parque.
- b. O filósofo fala com ele mesmo a todo momento.

(27) Ocorrência sem c-comando

- a. O menino machucou Carla e ele mesmo no parque.
- b. O filósofo fala com desconhecidos na rua e com ele mesmo a todo momento.

Nos julgamentos de aceitabilidade feitos por Calaça (2016) nota-se que o *ele mesmo* é aceito como uma anáfora não c-comandada em PB, o que aponta que a configuração estrutural de c-comando não é obrigatória para o uso dessa pró-forma. A autora considera, assim como Reinhart e Reuland (1993), que esse tipo de estrutura é gramatical. Os dados encontrados em julgamento de aceitabilidade apontam para essa possibilidade, já que foram obtidos valores significativos para a aceitabilidade dessas estruturas logofóricas. Calaça (2016) apresenta, entre outros, os seguintes exemplos de frases aceitas em PB:

(28) O primo de Leandro barbeou Arthur e ele mesmo no banheiro da rodoviária.

(29) O irmão de Vítor penteou Lucas e ele mesmo com a escova da sua tia.

Tomando como base Calaça (2016), a partir do delineamento teórico de Reinhart e Reuland (1993), percebe-se que o *ele mesmo* é aceito como reflexivo por falantes do PB, visto que compartilha muitas características com *self*.

O *self*, na língua inglesa, é um sintagma nominal (SN) que não possui traços de número e gênero e, por esse motivo, são considerados reflexivos e não podem ser usados como demonstrativo (Chomsky 1986b; Keenan 1987). Embora se preserve esses traços em línguas como o PB, eles não projetam um argumento que possa ser interpretado independentemente,

²De acordo com Kenedy (2013), α c-comanda β se e somente se: α é um constituinte diferente de β , α não domina β , β não domina α e todo nó sintático que domina α também domina β .

referindo-se a alguma entidade no mundo (embora isso não implique que eles devem ser variáveis ligadas, como no caso dos logóforos). Nós tomamos essa característica de dependência como a propriedade responsável por sua natureza anafórica ou logofórica.

Ainda de acordo com Reinhart e Reuland (1993), o pronome *ele* tem independência referencial dentro de um domínio sintático³. Em PB, possivelmente quando se associa esse pronome ao *mesmo* ele passa a ser dependente referencialmente de um antecedente presente no mesmo domínio sintático.

ELE (independente) + MESMO (dependente) = anáfora SELF
--

A ilustração acima mostra que talvez a junção desses elementos que têm propriedades diferentes possa explicar que o *ele mesmo* possa ser logofórico ou usado à distância (fora do domínio sintático) sem ser agramatical. Ainda estando longe do antecedente, ou seja, fora do domínio sintático em que o antecedente se encontra, Reinhart e Reuland (1993) afirmam que ele possui a reflexividade.

Dessa forma, o *ele mesmo* é similar ao *self* – apesar do primeiro necessitar do traço de gênero para correferir a um elemento - descrito na teoria da Reflexividade, podendo ocupar posições argumentais e não-argumentais.

Em resumo, o *ele mesmo* é um elemento que pode ser anafórico [+anafórico] e logofórico [+logofórico]. Os exemplos que seguem evidenciam ambos os valores do *ele mesmo*:

(30) O Bruno ajuda ele mesmo a superar seus limites. [+ anafórico]

(31) O Bruno gosta quando João e ele mesmo superam seus limites. [+ logofórico]

³ Entendemos por domínio sintático o limite que apresenta a anáfora e seu antecedente.

CAPÍTULO 2: A teoria linguística da anáfora

Este capítulo tem a ambição de fornecer uma visão geral da teoria da ligação e das diversas questões que ela suscita. Na busca por fazer isso, apresentaremos os trabalhos de Chomsky (1981), Reinhart e Reuland (1993, 2006), Raposo (1992), Miotto, Figueiredo Silva e Lopes (2010), Kuno (1987), Zribi-Hertz (1989) e Minkoff (2004), visto que eles apresentam uma visão geral das relações anafóricas. Nos limitaremos a apresentar as questões que apareceram nas discussões desses estudiosos nas últimas décadas, bem como estabelecer ligações entre esses estudos em outras línguas e o PB.

Para introduzir a temática, apontamos o contraste entre ligação e correferência sob a luz dos estudos desses autores, visto que algumas teorias que tratam da distribuição das formas anafóricas se direcionam para o domínio de vinculação (Chomsky, 1981) e outras para a correferência entre os coargumentos de um predicado (Reinhart e Reuland, 1993).

Sob a luz dessas duas teorias, ilustraremos o exemplo em (32), em que se torna possível perceber o contraste entre a ligação e a correferência. Vejamos:

(32) Apenas Lorena respeita o marido dela.

Na sentença acima o pronome “dela” pode ter duas interpretações: ser o marido dela mesma (Lorena) ou ser o marido de outra pessoa não apresentada na sentença. Para que haja ligação é necessário que opere a lógica sintática de dependência entre o elemento e seu antecedente, porém há estruturas que não podem ser explicadas com base nas restrições de natureza sintática.

A relação que é levada em consideração na teoria da ligação de Chomsky (1981) é a relação de ligação ou vinculação que está inserida no Princípio A da Teoria da Ligação. O conceito de ligação é definido a seguir:

Ligação

Uma categoria A liga uma categoria B se:

- (i) A é co-indexado com B; e
- (ii) A c-comanda B.

A ligação dentro da Teoria da Ligação é tratada, portanto, a partir da posse dos índices referenciais e do c-comando. Quando dois elementos possuem o mesmo índice, eles são correferentes e estão ligados. Quando esses índices divergem, não existe uma relação de ligação e correferência.

Os princípios da referida teoria abordam as propriedades estruturais de expressões linguísticas. Do ponto de vista estrutural, tais expressões podem fazer referência a determinados elementos frasais. Dessa forma, o fenômeno da ligação se estabelece diretamente com os itens e com as dependências referenciais.

Para Raposo (1992), pode-se dizer que uma expressão linguística tem potencial de referência quando pode designar entidades (pessoas, coisas, ideias etc.) ou situações do universo discursivo. Conforme Raposo (1992), as referidas entidades que possuem o potencial de referência são chamadas de DPs⁴. Desse modo, torna-se necessário investigar as relações entre DPs para entender como um dado elemento linguístico se articula com outro elemento linguístico, além de se observar as relações de dependência referencial⁵ em um dado contexto frasal.

Vejamos abaixo exemplos de frases com coindexação:

(33) Joanai falou que elai e Geovane partiram o bolo.

(34) Os primosi brigaram [uns com os outros]i hoje.

Em (33) o pronome *ela* tem como antecedente o DP *Joana* e em (34) *uns com os outros* tem como antecedente o DP *os primos*. O antecedente de um DP *a* é um DP *b* com um índice idêntico (RAPOSO, 1992). Sendo assim, para esse autor, nesses casos, há uma relação de dependência referencial porque ambos possuem o mesmo índice.

Ao se estabelecer uma provável referência entre DPs, evidenciam-se as possibilidades presentes para a distribuição e referência entre eles. A Teoria da Ligação estuda as relações entre os DPs e apresenta três princípios que orientam a distribuição das seguintes formas

⁴ Sintagma determinante, do termo em inglês *Determiner Phrase*.

⁵ Por dependência referencial entende-se a situação linguística em que o valor referencial de um DP é adquirido indiretamente, através do valor referencial de outro DP presente no discurso (RAPOSO, 1992). Essa dependência torna uma expressão indexada à outra, ou seja, ambas as expressões referem-se à mesma entidade do discurso.

linguísticas: anáforas, pronomes e expressões referenciais. Essas formas linguísticas são caracterizadas pelos princípios A, B e C, respectivamente.

O princípio A explica acerca dos usos das anáforas. Esse princípio defende que uma anáfora deve ter obrigatoriamente um antecedente que a c-comande e que possua o mesmo índice referencial. O princípio B, por sua vez, relaciona-se ao uso dos pronomes. Esse princípio afirma que o pronome deve estar livre, não tendo como referente um antecedente em seu domínio local⁶. Já o princípio C refere-se às expressões-R, elas devem estar livres em qualquer contexto sintático. Os exemplos em (35), (36) e (37) mostram esses princípios:

Princípio A

(35) Gabrieli feriu-sei

hoje. Princípio B

(36) Gabrieli disse para Bárbara que elei já treinou na praça hoje.

(37) Quando ela foi presa, a Juliana estava completamente nervosa.

Na frase (35) percebemos que a anáfora *se* deve estar ligada a *Gabriel* por ser o seu antecedente local, além de ser c-comandada por ele. Em (36), o pronome *ele* não está no mesmo domínio do seu antecedente *Gabriel*. Já em (37), a expressão referencial *a Juliana* não está vinculada.

Faz-se necessário definir a noção de c-comando. Nas palavras de Miotto, Figueiredo Silva e Lopes (2010), α c-comanda β se e somente se β é o irmão de α ou filho (ou neto, bisneto...) do irmão de α . “Ser irmão”, neste contexto, significa que β está paralelo a ou (paralelamente) abaixo de α na estrutura arbórea. A relação estrutural de c-comando e não c-comando é exemplificada em (38) e (39) abaixo:

(38) [A prima de Letícia]_i se_i ama.

(39) *A prima d[e Letícia]_i se_i ama.

Em (39) apresenta-se um exemplo de um DP_i que não c-comanda a anáfora *se*. Já em (38) essa anáfora é c-comandada pelo DP_i. As restrições explicitadas acima são definidas entre

⁶Entende-se por domínio local a oração mínima que contém a anáfora e seu sujeito.

os nós de uma árvore, de acordo com o esquema da teoria x-barra. Os referidos nós possuem uma rigidez em suas relações, por isso, deve-se seguir a constituição de tais relações que são fundamentais para a sintaxe.

Em resumo, de acordo com a Teoria da Ligação de Chomsky (1981), uma anáfora é guiada por condições sintáticas tais como localidade e c-comando. Essas condições, entretanto, são revistas por Reinhart e Reuland (1993) que afirmam que as anáforas reflexivizam um predicado quando são argumentos do mesmo predicado do seu antecedente. Assim, conforme os autores, elas são denominadas anáforas sintáticas. Portanto, a anáfora sintática está regida pela sintaxe. Vejamos:

(40) Tâniai machucou ela mesmai com a tesoura.

Em (40), a anáfora *ela mesma* é coargumento do mesmo predicado do seu antecedente Tânia, o que torna essa anáfora uma anáfora sintática.

Em uma pesquisa posterior, Reinhart e Reuland (1993) veem a distribuição dessas formas a partir da relação de correferência entre coargumentos de um predicado, quando não há uma anáfora sintática. A relação de correferência nesse trabalho, assim como a relação de ligação, se dá pela Teoria da Reflexividade, ampliando a distribuição dessas formas para além da sintaxe.

Esse trabalho será tratado no capítulo seguinte, no entanto, pode-se observar que Reinhart e Reuland (1993), de início, diferenciam dois tipos de relações: as relações de ligação e as relações de correferência. Para os autores, as relações de ligação ocorrem quando houver uma interpretação sintática da coindexação. Já a relação de correferência não é diretamente guiada pela sintaxe, entretanto, como muitos problemas da resolução anafórica, é conduzida pelo discurso. Assim, a coindexação é fundamental para a correferência. Para os autores:

Technically, coreference can be obtained only when a pronoun or an anaphor is not coindexed with an antecedent (since when a pronoun or an anaphor is syntactically bound, the only permitted interpretation is that of variable binding).⁷ (REINHART & REULAND, 1999, p.674).

⁷ Tecnicamente, a correferência pode ser obtida apenas quando o pronome ou a anáfora não é coindexada com o antecedente (quando o pronome ou a anáfora é sintaticamente ligada, a interpretação permitida é apenas a de variável ligada).

Em (41), exemplo retirado de Reinhart e Reuland (1993), a interpretação correferencial só pode ser permitida se *Lucie* e *herself* não forem coindexados, já que coindexação é exclusiva da ligação. De acordo com a Condição A de sua teoria, que abordaremos posteriormente, é requerido que tal interpretação seja a de coindexação.

(41) *Luciei praised herself*⁸

Afirma-se ainda que duas expressões nominais sejam correferenciais quando possuírem propriedade referencial e coincidirem de ter o mesmo referente. No caso de (7), *herself* não pode entrar em uma relação correferencial porque não possui propriedade referencial – Reinhart e Reuland, 1993 (doravante R&R) classificam os reflexivos do inglês como [-R].

Os autores citam que os casos com correferência são aqueles em que há um logóforo, pois a relação entre ele e o antecedente só pode ser de correferência⁹. Observe:

(42) *Manuelai machucou Jéssica e [ela mesma]i com a faca.*

A anáfora *ela mesma* em (42) não é c-comandada isoladamente pelo antecedente, mas indiretamente por compor o sintagma coordenado *Jéssica e ela mesma*. Ela não é c-comandada, no entanto, é permitida. Não está ligada pelo coargumento, mas é correferente com o antecedente *Manuela*. Assim, Reinhart e Reuland (1993) asseveram que esse tipo de anáfora é logofórica e não possui relação direta com a teoria da ligação, já que a relação é de correferência.

Dessa forma, se o elemento for coindexado, ele é ligado e se ele não for coindexado, a relação de correferência é permitida. Segundo os autores, a coindexação determina a ligação. As anáforas logofóricas são intercambiáveis com os pronomes, como apontam Reinhart e Reuland (1993). Observe:

(43) *Caioi adora piadas sobre ele mesmoi.*

(44) *Caioi adora piadas sobre elei.*

⁸ Lucie elogiou ela mesma.

⁹ Em discordância com Reinhart e Reuland, autores como Sells (1987) e Chierchia (1989) consideram que os logóforos de perspectiva são ligados.

Em síntese, podem-se observar as diferenças conceituais entre uma anáfora sintática e uma anáfora logofórica. Uma anáfora sintática é um NP referencialmente dependente, observando as condições sintáticas. Uma anáfora logofórica, por sua vez, está livre das condições sintáticas, de acordo com Reinhart e Reuland (1993), apesar de ser também referencialmente dependente.

2.1 Clements (1975)

O texto *The Logophoric Pronoun in Ewe: its role in discourse*, de Clements (1975), aborda questões relacionadas ao discurso em situação real de uso. Observa-se que o autor engloba duas abordagens: a primeira é que o falante reporta-se a partir de sua percepção e a segunda é que o falante reporta-se como orador. Nessa segunda abordagem, o orador não precisa se envolver diretamente nos eventos reportados. Observa-se, nesse caso, que as formas linguísticas foram empregadas a partir da percepção de uma segunda pessoa envolvida no processo. Os fatores discursivos são determinantes em vários aspectos de dada língua. Isso envolve escolhas lexicais e sintáticas, além de escolha gramatical.

Para fazer uso dessas questões discursivas, algumas línguas usam o pronome logofórico. O uso de tal pronome permite distinguir o uso linguístico do orador ou a percepção dele em relação ao discurso do outro.

Para o autor, várias línguas orientais seguem o emprego do pronome logofórico. Como exemplo, cita-se um dos casos ocorridos em uma língua da Nigéria, através do pronome *yè*, em *Ewe*. Esse pronome, nesse caso, é usado para se referir a outro indivíduo diferente daquele que exerce o turno da fala. Dessa forma, vários fatos relacionados à consciência são usados exclusivamente para designar um indivíduo que não é o próprio falante.

Esse fenômeno pode ser percebido em várias línguas como o japonês (KUNO 1972, KURODA 1973), o islandês (THRÁINSSON 1976), o italiano (NAPOLI 1977) e o inglês (KUNO 1972, CANTRALL 1974, KUNO 1975).

Em relação à língua inglesa, há algumas construções específicas. Podem-se observar algumas restrições em relação ao pronome anafórico nos exemplos em orações subordinadas. O autor reporta alguns dos exemplos de Kuno (1975):

(76) a. *Mary said to John that physicists like himself were a godsend.*

b. **Mary said about John that physicists like himself were a godsend.*

(77) a. *Mary told John that as for himself, he wouldn't be invited.*

b. **Mary said of John that as for himself, he wouldn't be invited.*¹⁰

Os exemplos de Kuno (1987) demonstram a presença da semântica para aceitação dos pares expostos acima, "cujo ponto de vista é expresso pela cláusula que contém [o reflexivo]". Nos exemplos em (a), John pode ser interpretado como tendo compreendido ou refletido o que foi proferido por Mary. Já nos exemplos em (b), essa interpretação não pode ocorrer.

Ao se observar e fazer análise detalhada do pronome logofórico em *Ewe*, o autor tratado aqui coloca a relação que se estabelece entre o pronome e as questões discursivas, tanto na língua citada quanto em outras também. Assim, faz-se uma caracterização linguística dos pronomes:

- a. Pronomes logofóricos estão restritos a reportar contextos transmitindo as palavras ou pensamentos de um indivíduo ou indivíduos que não seja(m) o narrador-falante;
- b. O antecedente não ocorre no mesmo contexto reportivo com o pronome logofórico;¹¹
- c. O antecedente designa o indivíduo ou indivíduos cujas palavras ou pensamentos são transmitidos no contexto reportivo em que o pronome logofórico ocorre.

As questões apontadas acima acerca do pronome logofórico são observadas sob uma perspectiva semântica. As questões universais de natureza sintática não se tornam evidentes. Desse modo, aqui se abre uma opção para se observar em estudos futuros que possam estabelecer relações entre as condições sintáticas e os pronomes logofóricos.

Os pronomes logofóricos possuem comportamento linguístico diferente dos demais pronomes. Como já foi mencionado acima, os logofóricos estão em estreita relação com o aspecto discursivo.

¹⁰ (76) a. *Maria disse a João que físicos como ele eram uma dádiva de Deus.*

b. *Maria disse sobre John que físicos como ele eram uma dádiva de Deus.*

(77) a. *Maria disse a João que, quanto a ele mesmo, ele não seria convidado.*

b. *Maria disse de João que, quanto a ele mesmo, ele não seria convidado.*

¹¹ Segundo o autor, em inglês o falante também pode ser o "antecedente".

2.2 Chomsky (1981)

Nesta seção, discorre-se a respeito da Teoria da Ligação formulada por Chomsky (1981). Essa teoria descreve as restrições sintáticas sobre as anáforas, os pronomes e as expressões referenciais. Os princípios de vinculação postulados por Chomsky (1981) foram de três naturezas: A, B e C. O primeiro afirma que uma anáfora, de acordo com o princípio, deve ser ligada ao antecedente que está em seu domínio, ou seja, deve estar ligada ao antecedente presente na oração mínima que contém a anáfora. Aqui, a relação de c-comando ocorre dentro do próprio domínio de vinculação. Pode-se observar isso nos exemplos a seguir:

(45) [A prima de Alice]_i sei acha muito bonita.

(46) O Márioi machucou ele mesmoi enquanto cozinhava.

Já em (47) e (48), pode-se observar exemplos com anáforas que não podem se referir às palavras presentes na estrutura sintática, pois, de acordo com o princípio A torna a sentença agramatical. O DP não está c-comando as anáforas *se* e *ele mesmo*, pois, de acordo com a Teoria da Ligação, a anáfora *se* não pode se referir a *Alice* e a anáfora *ele mesmo* não pode se referir a *Mário*.

(46) *A prima de [Alice]_i sei acha muito bonita.

(47) *O Márioi machucou Paula e ele mesmoi enquanto cozinhava.

O tratamento dado ao pronome dentro do princípio B da Teoria da Ligação prevê que ele esteja livre em seu domínio de vinculação. Na sentença (49), por exemplo, pode-se observar que o pronome não pode se referir ao DP da mesma estrutura sintática. O pronome *ela* e o DP *Milena* estão em um mesmo domínio de vinculação, por isso *ela* não pode ter como antecedente o DP *Milena*.

(49) *A Milenai adora elai.

Desse modo, pode-se constatar que o princípio A e o princípio B apresentam diferenças no que concerne ao domínio de vinculação. O princípio A apregoa que a anáfora deve ser ligada

ao seu antecedente local, já o princípio B afirma que o pronome não pode ser ligado ao dado antecedente local.

O princípio C abrange as expressões referenciais. Para este princípio, as expressões referenciais não precisam ser relacionadas a termos antecedentes em um determinado contexto sintático. O domínio de vinculação deste princípio não corrobora com a ligação a antecedentes locais, como explorado nos princípios A e B. Em (16) a expressão-R *o veículo* não possui antecedente na sentença. O fato de não possuir um dado antecedente local, não torna a sentença com expressão referencial agramatical. As expressões-R não necessitam de um elemento antecedente para extrair seu significado, ou seja, são independentes referencialmente.

(50) O veículo sofreu um acidente trágico.

De acordo com a Teoria da Ligação, as anáforas e os pronomes estão em distribuição complementar. Apenas um dado elemento pode estar na sentença em relação a outro elemento. Assim, para que a sentença seja considerada gramatical, esses elementos devem estar em contextos opostos. Uma anáfora deve ser ligada e um pronome deve ser livre. O fato de a anáfora ser ligada faz da oração gramatical. O que torna uma estrutura agramatical com a presença de um pronome é ele ser vinculado a um dado termo do mesmo jeito que uma anáfora. Dessa forma, vários autores têm demonstrado que não se pode verificar essa distribuição complementar em todos os casos, pois sentenças como (51), contendo logóforas, são consideradas gramaticais.

(51) César sabia que ninguém gosta de Felipe e dele mesmói/delei por causa de suas namoradas.

A proposta de Reinhart e Reuland (1993) difere da apresentada anteriormente acerca dos princípios da Teoria da Ligação. Os autores conferem que as anáforas, como em (51), sejam observadas a partir da noção de argumentos e que permanecem gramaticais a depender de elementos do predicado. A ideia presente na proposta é que a distribuição complementar não exista em sentenças como em (51) que contém uma anáfora logofórica.

2.3 Zribi-Hertz (1989)

O texto de Zribi-Hertz, publicado em 1989, traz algumas críticas sobre os princípios da Teoria da Ligação. Especificamente, em relação ao Princípio A, as ideias apresentadas pela autora fazem referência a dados curtos da língua inglesa e não dão conta suficientemente da diversidade de ocorrências dos pronomes reflexivos em questão.

Como diz a autora, há uma violação presente no Princípio A. Esta violação se deve ao traço peculiar existente entre sintaxe e discurso. Demonstra-se, assim, que o referido princípio da Teoria da Ligação de Chomsky pode ser levado em consideração apenas ao se observar o contexto sentencial. Quando se considera o discurso, a caracterização do princípio fica comprometida.

O ponto central das ideias defendidas por Zribi-Hertz é estabelecer o lugar da anáfora entre a sintaxe e o discurso. Assim, faz-se um levantamento de propriedades presentes nos pronomes reflexivos do inglês para compará-los com aqueles presentes em um *corpus*. Com esta análise, a autora observa que os pronomes reflexivos podem ser ligados a longas distâncias frasais e que algumas das restrições estruturais existentes podem ser violadas. A partir disso, parte-se da ideia de uma integração gramatical entre os reflexivos localmente ligados e a gramática discursiva dos reflexivos ligados à longa distância.

A autora afirma que alguns problemas surgiram após a Teoria da Ligação. Isso pode confrontar a relação de complementação estabelecida entre anáforas e pronomes. Alguns deles são: *Picture NPs*, posições de genitivo, alguns *PPs* e contextos enfáticos que são discutidos por Warshawsky (1965), Ross (1970), Cantrall (1974), Kuno (1987), e outros autores. Observa-se:

(78) a. *They thought that [pictures of {them / themselves}] would be on sale.* b.

We thought that [John's pictures of {us / ourselves}] would be on sale.

(79) a. *John said that there was a picture of {him / himself } in the post office.*

(80) a. *(Mary thought that) [a picture of {you / yourself}] would be nice on the wall.* b.

(Mary thought that) [a picture of {me / myself}] would be nice on the wall.

(81) *They heard the stories about {them / themselves}.*¹²

¹²(78) a. Eles achavam que [fotos {deles / deles mesmos}] seriam colocadas à venda.

Ao observar os exemplos acima, os autores chegaram à conclusão de que os aspectos sintáticos e discursivos devem ser contemplados. Mesmo ocorrendo uma questão de mudança tipológica, o ideal seria observar os dois aspectos.

Ao ressaltar as colocações de Cantrall (1969), a autora expõe as alternâncias possíveis em inglês entre pronomes e anáforas na mesma estrutura sentencial. Já as ideias de Kurora (1973) sugerem que a opção reflexiva de *zibun* mantém relação com o estilo narrativo não-reportivo. O autor esboça, assim, eventos a partir da visão de algum personagem.¹³

As ideias de Cantrall (1969) podem ser observadas no exemplo abaixo:

(82) a. *The womeni were standing in the background, with the children behind themi.*

b. *The womeni were standing in the background, with the children behind themselvesi.*¹⁴

As sentenças expostas em (82a) e em (82b) possuem conteúdo informativo diferente. Em (82b), as crianças estão localizadas “atrás das mulheres”, do ponto de vista interno do protagonista discursivo (as mulheres) e em (82a) as crianças estão “atrás das mulheres”, do ponto de vista do falante. Há dois posicionamentos, um próprio do falante e, ainda, outro relacionado a uma terceira pessoa, que envolve anáforas e pronomes.

Os princípios da Teoria da Ligação de Chomsky não possuem relação com os aspectos semânticos e/ou sintáticos, eles estariam relacionados apenas a questões estruturais. A autora, ao observar tais colocações, discorda dos aspectos que não consideram a sintaxe: “It is the structural properties of pronouns that are, in a sense, derived from their discourse properties.”¹⁵ (ZRIBI-HERTZ, 1989, p. 705).

b. Nós pensamos que [as fotos de John de {nós / nós mesmos}] seriam colocadas à venda.

(79) a. João disse que havia uma imagem {dele / dele mesmo} na estação de correios.

(80) a. (Mary pensou que) [uma imagem {sua/ de si mesmo}] seria bom na parede. b.

(Mary pensou que) [uma imagem {sua / de si mesma}] seria bom na parede.

(81) a. Eles ouviram as histórias sobre eles {eles/ eles mesmos}.

¹³O ponto de vista também é o conceito central das análises dos pronomes em Kuno (1972, 1983, 1987).

¹⁴(82) a. As mulheres estavam em pé ao fundo, com as crianças atrás delas.

b. As mulheres estavam em pé ao fundo, com as crianças atrás delas mesmas.

¹⁵ “São as propriedades estruturais dos pronomes que são, em certo sentido, derivadas de suas propriedades discursivas.”

Nos exemplos em (83) há um contraste semântico:

(83) a. *Johni hid the book behind himselfi.*

b. *Johni hid the book behind himi.*¹⁶

Para Zribi-Hertz (1989), a relação espacial entre John e o livro é entendida como mais direta em (83a) do que em (83b). Nesta última, John escondeu o livro em algum lugar atrás da linha dos ombros, enquanto em (83a), John escondeu o livro muito perto dele, provavelmente em contato com seu corpo.

É argumentado, então, que o “sujeito de consciência” não é uma variação semântica do sujeito sintático, mas que se destaca como um conceito linguístico pertencente à gramática do discurso e que este, ao invés do sujeito sintático, é o conceito relevante para a gramática dos reflexivos ligados à longa distância no inglês.

Pode-se associar o conceito “sujeito de consciência” ao conceito de logoforicidade proposto por Kuno (1987) e Clements (1975). Segundo a autora, o “sujeito de consciência” é um aspecto semântico. Esse “sujeito de consciência”, ainda nas palavras da autora, é geralmente entendido como [+ humano].

A autora argumenta que os aspectos estruturais são motivados por fatores discursivos. As relações anafóricas observadas no estudo pertencem à gramática do discurso, já que as relações de restrições estruturais não se tornam importantes nesse momento inicial. A proposta de Zribi-Hertz (1989) considera as noções de estrutura do discurso para utilizar os princípios de discurso.

Nessa proposta em questão, a prioridade das propriedades envolvidas aponta já de início o discurso. Isso a diferencia da proposta assumida por Reinhart e Reuland (1993), já que, para estes últimos, a sintaxe opera prioritariamente e, caso não seja suficiente, a semântica e o discurso estão livres para atuar. Em resumo, o termo *logoforicidade* tem sido usado na literatura para se referir a dois casos: pronomes logofóricos existentes em línguas africanas (pronomes que possuem uma morfologia diferenciada dos demais pronomes) e anáforas que estão

¹⁶ (83) a. John escondeu o livro atrás dele mesmo.
b. John escondeu o livro atrás dele.

vinculadas fora de um domínio local (Reuland, 2006). No presente estudo adotaremos as definições de Reinhart e Reuland (1993) para anáfora e logóforo.

2.4 Reinhart e Reuland (1993)

A Teoria da Reflexividade proposta por Reinhart e Reuland (1993) surge a partir da observação de problemas e da busca de ajustes para a Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1981). De acordo com os autores, os pressupostos da Teoria da Ligação não davam conta de explicar todas as questões envolvidas no processo correferencial de sentenças. Uma das questões passíveis de investigação mais aprofundada se refere à distribuição de anáforas e pronomes. Os autores mostram exemplos em que a distribuição complementar entre anáforas e pronomes não é de fato seguida. A teoria apresentada por Reinhart e Reuland (1993) expõe diferenças entre ligação e correferência.

Os autores propõem retornar à interpretação dos predicados reflexivos nas línguas naturais. Para eles, essas estruturas seriam a base do fenômeno de reflexivização para observação da estrutura verbal.

A análise com a reflexivização seria pautada prioritariamente nos predicados e não mais nas propriedades anafóricas. A distribuição das formas anafóricas é feita a partir das propriedades semânticas das formas anafóricas. Neste caso, a propriedade estaria pautada no modo de reflexivizar um predicado (*inherent properties*). Promove-se, assim, as propriedades inerentes do predicado e não da anáfora.

Para esses autores, há dois tipos de anáforas: (a) as anáforas locais e (b) as anáforas de longa distância. Em (a), eles se referem às expressões *complex*, as denominadas anáforas SELF, e em (b), eles se referem às expressões *simplex*, as chamadas anáforas SE. Em relação à estrutura interna, as anáforas SE e os pronomes não podem ser associados ao mesmo grupo que as anáforas SELF. Observa-se a seguir:

(84) [NP Pron [N' ... e ...]]

(85) [NP SE [N' ... e ...]]

(86) [NP Pron/SE [N' self]]

Pode-se assumir, então, que as anáforas SE possuem a mesma estrutura dos pronomes e não têm a função de reflexivizar. A propriedade de reflexivizar estaria presente em estruturas com as anáforas SELF. Observa-se a seguinte definição de anáfora:

Anaphors (of both the SE and the SELF type) are referentially defective NPs, which entails, for example, that they cannot be used as demonstratives, referring to some entity in the world (though it does not entail that they must be bound variables). (REINHART & REULAND, 1993, p. 658).¹⁷

Esta definição e as funções de ambos os tipos de anáfora funcionam como fontes iniciais para a formulação da tipologia das expressões anafóricas. Essa tipologia compõe dois grupos, o primeiro é composto pelas anáforas SE e pelas anáforas SELF que contém propriedade de dependência referencial, já o segundo grupo é composto pelas anáforas SE e pelos pronomes que não possuem a função de reflexivizar. Essa tipologia segue na tabela abaixo:

Tabela 1 - Proposta apresentada por Reinhart e Reuland (1993) para a distribuição das anáforas e pronomes.

	SELF	SE	PRONOUN
Reflexivizing Function	+	-	-
R(eferential Independence)	-	-	+

Fonte: Reinhart e Reuland (1993).

Conforme ilustrado no quadro, há diferenças nas propriedades presentes nas anáforas em questão. As anáforas SELF têm a propriedade de reflexivizar um predicado (+ função

¹⁷“Anáforas (de ambos os tipos SE e SELF) são NPs referencialmente defeituosos, o que significa, por exemplo, que eles não podem ser utilizados como demonstrativos, referenciando alguma entidade no mundo (embora isto não signifique que eles devem ser variáveis ligadas)”.

reflexiva), mas não têm independência referencial. Os autores consideram que essa função reflexiva SELF pertence às condições de ligação propostas. As anáforas SE não têm independência referencial, como também não são responsáveis por tornar um predicado reflexivo (- função reflexiva), por serem apenas marcas para predicados inerentemente reflexivos. Os pronomes, por sua vez, não reflexivizam predicados (- função reflexiva), mas, ao contrário das anáforas, têm independência referencial por possuírem traços de pessoa, gênero e número.

Para os autores, tanto a anáfora SE quanto a anáfora SELF podem ser usadas logoforicamente. Os estudos sobre a distinção entre as funções gramaticais e logofóricas da anáfora não são muito claros. A falta de investigação nesse sentido faz criar determinados equívocos em relação à distribuição sintática das anáforas, no que concerne, por exemplo, aos termos *local* e *longa distância*. Esses equívocos se referem aos itens usados logoforicamente, que podem estar presentes em qualquer distância estrutural. Desta forma, os reflexivos logofóricos devem ser considerados gramaticais e apontam que uma propriedade característica da anáfora logofórica é não ser c-comandada (REINHART e REULAND, 1993, p. 660).

Reinhart e Reuland (1993) discutem acerca de elementos da anáfora logofórica e do pronome. Para os autores, há a presença de um pronome sempre que houver uma anáfora logofórica. Os autores não expõem explicações acerca da preferência entre a anáfora logofórica e o pronome.

Em relação à função gramatical, os autores expõem a existência de dois domínios: o local e o de longa distância. O primeiro corresponde ao domínio de reflexividade no qual a anáfora SELF obrigatoriamente reflexiviza o predicado. Esse domínio teria relação com os princípios A e B da Teoria da Ligação. O segundo se refere ao domínio de ligação das anáforas SE guiado apenas pelo princípio B.

As Condições A e B devem ser lidas como condicionais e são assim definidas:

(87) Condição A: Um predicado sintático marcado reflexivamente é reflexivo.

(88) Condição B: Um predicado semântico reflexivo é reflexivamente marcado.

A Condição A se refere a determinados itens sintáticos e a Condição B a itens de natureza semântica. Em A, há os predicados sintaticamente reflexivos como sendo aqueles que tem dois dos seus argumentos coindexados (com os traços de gênero, número e pessoa

indistintos) e, em B, há predicados reflexivamente marcados, que podem ser ou lexicalmente reflexivos (o que é marcado pela presença de uma anáfora SE) ou, ainda, cujo um dos seus argumentos indexados é uma anáfora SELF. A marcação reflexiva não é dada pela anáfora em si.

Desse modo, para Reinhart e Reuland, as Condições A e B não mantêm relação com a configuração sintática de c-comando. O foco das condições não estaria nas propriedades sintáticas de ligar o item anafórico ao antecedente, por exemplo. As referidas Condições possuem propriedades próprias dos predicados de ser ou não reflexivo.

A seguir, pode-se observar como as Condições A e B se aplicam.

(89) a. **Johni likes himi*.

b. *Johni likes himselfi*.

c. *Johni said Ann likes himi*.¹⁸

Em (57a), *John* e *him* são coargumentos do predicado *likes*. O que tornou essa sentença agramatical foi o fato de o predicado sintático não ser reflexivo, devido à marcação dada pela anáfora do tipo SELF, que corresponde à anáfora que reflexiviza predicados, colocando um pronome no lugar (com a indexação proposta). Um predicado como *like* seria sintaticamente marcado como reflexivo, já que um dos seus argumentos seria uma anáfora SELF, conforme a condição A. Em (57b), a sentença mantém relação com a Condição A, tornando-a gramatical devido à anáfora SELF estar na sentença como marcador reflexivo. Já em (57c), o predicado não é reflexivo, não há coindexação entre os argumentos de um mesmo predicado e, por isso, não é guiada pela Condição B. Pode-se observar que *John* é co-argumento de *said* e *him* é co-argumento de *likes*. Em (57c), os predicados não são reflexivamente marcados porque não apresentam semanticamente marcações reflexivas.

Os autores argumentam que um possível problema sobre a Condição A da Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1981) é a ocorrência de anáforas livres em seu domínio, como mostrado

¹⁸(89) a. *John gosta dele.

b. John gosta dele mesmo.

c. John disse que Ann gosta dele.

por Kuno (1987) e Zribi-Hertz (1989), com anáforas SELF de primeira, segunda e terceira pessoas. Pode-se observar os exemplos a seguir:

(90) *Max boasted that the queen invited Lucie and himself for a drink.*

(91) **Max boasted that the queen invited himself for a drink.*¹⁹

Reinhart e Reuland (1993) comentam algumas das ideias trazidas por Zribi-Hertz (1989). Conforme os autores, a violação do Princípio A se deve às anáforas de terceira pessoa ligadas à longa distância e tem o uso conhecido como logofórico. No entanto, os autores argumentam que essa violação não é permitida nos contextos em que há ponto de vista²⁰.

Para Reinhart e Reuland (1993), trata-se de uma questão estrutural e não apenas de uma questão discursiva. Em (58), o predicado é marcado reflexivamente, já que a anáfora SELF é um argumento de seu predicado. Em (59), o argumento de *invited* não é apenas *himself* (anáfora SELF), mas *queen*, com o qual *himself* não compartilha traços de gênero, assim, não há predicado marcado reflexivamente.

As anáforas SELF que ocorrem fora desta posição (logofóricas) estão isentas da condição A, tendo em vista a distinção entre função gramatical e logofórica, o que mostra que a Condição A apenas é aplicada à anáfora em posição argumental e não em outras posições estruturais.

Os autores afirmam ainda que a diferença entre uso anafórico e uso logofórico do SELF não se faz conveniente, já que na estrutura sintática existe apenas um tipo de anáfora, que é regida pela Condição A. Exclui-se, desse modo, a anáfora SELF, não podendo aplicar os predicados a essa Condição. Assim, a logoforicidade não é codificada na sintaxe e o logóforo não tem que ser ligado/coindexado a um antecedente. A sua relação pode ser de correferência (REINHART, 1993, p. 673). Diferentemente da perspectiva de Sells (1987), que afirma que os logóforos são ligados.

¹⁹(90) Max se gabou que a rainha convidou Lucie e ele mesmo para uma bebida.

(91) Max se gabou que a rainha convidou ele mesmo para uma bebida.

²⁰ Tem sido caracterizada na literatura a noção de ponto de vista para indicar que há correferência da anáfora/pronome com o autoralante, nos termos de Kuno (1987), cujo discurso, pensamentos, sentimentos estão sendo relatados.

Assim, há apenas um caso em que a Condição A permite o uso logofórico da anáfora SELF: quando a anáfora não marca o predicado como reflexivo e quando não ocupa uma posição argumental.

A partir dos estudos anteriores sobre logóforos, os autores distinguem dois tipos de logóforos, de acordo com a posição argumental: os *logóforos de foco* e os *logóforos de perspectiva*. Os logóforos de foco são aqueles que são completamente dependentes do contexto e, para ocorrer em posição argumental, precisam sinalizar com clareza um foco. O foco pode ser marcado através de um acento prosódico no momento de fala, por exemplo. Os logóforos de perspectiva são os que não ocorrem em posição argumental e são aceitáveis sem uma justificativa discursiva. Eles observam ainda que estes dois usos não esgotam as possíveis ocorrências da logoforicidade.

Alguns exemplos são mostrados pelos autores a respeito desses dois tipos de logóforos. Em (92) e em (93), há casos de logóforos de foco e em (94) e (95) há exemplos de logóforos de perspectiva:

(92) *Why should the state always take precedence over myself?*

(93) *Bismarck's impulsiveness has, as so often, rebounded against himself.*

(94) *Max boasted that the queen invited Lucie and himself for a drink.*

(95) *There were five tourists in the room apart from myself.*²¹

A Condição A se refere à anáfora. Além disso, também é postulado pela Teoria da Reflexividade que uma anáfora pode ocorrer em determinados contextos e isso não elimina o pronome. Um exemplo desse contexto é quando há um *NP Picture*, como em (64).

(96) *Mary saw a picture of herself.*²²

Podem-se observar as propriedades da anáfora logofórica indicadas por Ross (1970 *apud* REINHART e REULAND, 1993). As propriedades são as seguintes: a anáfora de primeira pessoa pode ocorrer em qualquer posição na sentença; a anáfora de terceira pessoa pode

²¹(92) Por que o Estado sempre tem precedência sobre mim mesmo?

(92) A impulsividade de Bismarck tem, como tantas vezes, repercutido contra si mesmo.

(94) Max se gabou que a rainha convidou Lucie e ele mesmo para um drinque.

(95) Havia cinco turistas no quarto além de mim mesmo.

²²(96) Mary viu uma foto dela mesma.

funcionar como um logóforo de perspectiva, aparecer com o NP *picture*; a anáfora logofórica não tem que ser c-comandada pelo seu antecedente.

Há contextos em que não há regulação da Condição A e há contextos de reflexividade. O uso da anáfora em contextos em que não há a regulação da Condição A pode ser mais acentuado do que em contextos de reflexividade que têm como única opção gramatical a anáfora. Assim, os autores fazem uma distinção entre os reflexivos logofóricos e não-logofóricos. Observa-se:

(97) *Max boasted that the queen invited [Lucie and {himself/him} for a drink].*

(98) *Max boasted that [the queen invited {*himself/him} for a drink.]*

(99) *It angered him that she tried to attract [a man like {himself/him}.]*

(100) *It angered him that [she tried to attract {*himself/him}.]*²³

Em (97) e (98), o reflexivo não é o argumento, mas o NP que o contém carrega o traço. Percebem-se os reflexivos logofóricos, pois eles são incorporados dentro de um NP que é argumento do verbo. Nas sentenças (99) e (100), o reflexivo é não-logofórico, apresentando-se como argumento do verbo.

Para Harris (2000), a questão central da teoria de Reinhart e Reuland (1993) está pautada na restrição sintática que rege a distribuição dos reflexivos e é aplicável apenas aos argumentos. Chama-se de logóforo o reflexivo em posição não argumental, isto é, não são verificados como argumentos de seus predicados. Os reflexivos logofóricos possuem restrição que não é da Teoria da Ligação ou qualquer outra restrição sintática. A violação do logofórico é de natureza extrassintática.

Há também a Condição de Cadeia, relacionada às condições de ligação de Reinhart e Reuland (1993). Pode acontecer a substituição de uma anáfora por um pronome. Essa condição

²³(97) Max se gabou que a rainha convidou [Lucie e {ele mesmo / ele} para um drinque.

(98) Max se gabou de que [a rainha convidou {ele mesmo* / ele} para um drinque.]

(99) Ele se enfureceu que ela tentou atrair [um homem como {ele mesmo / ele}.]

(100) Ele se enfureceu que [ela tentou atrair {*ele mesmo / ele}.]

ainda relaciona-se com a logoforicidade sob o ponto de vista estrutural, pois as anáforas logofóricas não formam uma cadeia.

Menuzzi (1999) aponta alguns problemas apresentados por Reinhart e Reuland (1993), como o fato de que a teoria proposta pelos autores, quando deixam os reflexivos logofóricos fora da Condição A, parece não dar conta satisfatoriamente do caso dos reflexivos logofóricos. Menuzzi (1999) afirma que o motivo da marcação dos logofóricos é diferente, de acordo com o pensamento dele e daquele disseminado por Reinhart e Reuland (1993). Para o autor em questão, os logofóricos são marcados porque violam a condição A, já para Reinhart e Reuland (1993), eles são marcados devido a questões discursivas. Desse modo, para Menuzzi (1999), os reflexivos logofóricos violam a condição A.

Outra questão apontada por ele diz respeito à teoria de Reinhart e Reuland (1993) aplicada especificamente a um caso que ocorre em inglês. Nesta língua, os reflexivos logofóricos, excluindo-se os pronomes, podem aparecer marcados fora de um contexto, já que há a possibilidade de tanto os pronomes quanto os reflexivos logofóricos requererem uma justificativa discursiva. O autor se apoia em Ariel (1990), Safir (1991) e Keenan (1988), que mostram a distribuição dos tipos de NPs no discurso e favorecem a ideia defendida e exposta por ele.

Em vista disso, Menuzzi (1999) afirma que a alegação de Reinhart e Reuland (1993) é insuficiente para diferenciar os reflexivos logofóricos dos outros tipos de NPs. Como consequência, ele levanta a discussão de que Reinhart e Reuland (1993) não esclarecem a razão pela qual a escolha do logóforo deve ser preferida em detrimento do pronome.

Outra crítica feita por esse autor diz respeito à descrição realizada por Reinhart e Reuland (1993). Nesse caso, a crítica se refere à descrição dos reflexivos logofóricos que parece ser satisfatória de início. Há casos com logóforos que compartilham uma unificação no quesito de descrição, porém isso não se verifica na teoria proposta.

Portanto, a partir de suas análises, ele esclarece o conjunto de casos para ocorrência dos reflexivos logofóricos:

- (101) a. Reflexivos dentro de argumento sintático coordenado;
- b. Reflexivos dentro de um predicado sem sujeito;
- c. Reflexivos dentro de um predicado com sujeito expletivo;

d. Reflexivos dentro de um predicado não-formativo.²⁴

2.5 Minkoff (2004)

Minkoff (2004) leva em consideração algumas questões para considerar dadas definições acerca da correferência e da logoforicidade. Em relação à correferência, o autor assevera que as anáforas SELF são sujeitas ao fenômeno, como expõe em exemplos, constituindo a ideia de que é necessária uma operação adicional à Teoria da Ligação. Observam-se os exemplos a seguir.

(102) a. *{That book about herselfi} {hit Sarai}*.

b.**{That book about itselfi} {hit the Hope diamondi}*.

(103) a. *{That picture of herselfi} {pushed Sarai off of the log}*.

b.**{That picture of itselfi} {pushed the Hope diamondi off of the display case}*.

(104) a. *{That story about herselfi} {caused Sarai to become famous}*.

b.**{That story about itselfi} {caused War and Peacei to become famous}*

(105) a. *I put {that picture of herselfi} {next to Sarai}*.

b.**I put {that picture of itselfi}{next to the Hope diamondi}*.

(106) a. *They saw {that picture of herselfi} {next to Sarai}*.

b.**They saw {that picture of itselfi} {next to the rocki}*.²⁵

²⁴(101) a. reflexives within a conjoined syntactic argument;
b. reflexives within a subjectless predicate;
c. reflexives within a predicate with an expletive subject;
d. reflexives within an 'uninformative' predicate.

²⁵(102) a. {Esse livro sobre ela mesma_i} {atingiu Sara_i}.
b.
{Esse livro sobre ele mesmo_i} {atingiu o diamante_i Hope}.
c. {Essa foto dela mesma_i} {empurrou Sara_i fora do registro}.
d.
{Essa imagem dele mesmo_i} {empurrou o diamante_i Hope fora da vitrine}.
e. {Essa história sobre ela mesma_i} {fez Sara_i se tornar famosa}.
f. {Essa história sobre ele mesmo_i} {fez Guerra e Paz_i se tornar famoso}.
g. Eu coloquei {a foto dela mesma_i} {ao lado de Sara_i}.
h. Eu coloquei {a foto dele mesmo_i} {ao lado do diamante Hope_i}.

Para o autor, a gramaticalidade contém alguns contrastes que não são percebidos dentro da Teoria da Ligação. Isso ocorre porque um dado elemento não c-comanda o outro. Há ainda outra observação feita em relação à estrutura das frases expostas acima como exemplos: aponta-se que não há diferenças entre elas, já que podem ser percebidas de forma idêntica.

Minkoff (2004) formula um novo princípio, observando os contrastes colocados anteriormente e esboçando as ideias que podem ir além daquelas compreendidas nos princípios da Teoria da Ligação. Haveria, assim, uma exigência de correferência da anáfora SELF, formulando a primeira versão do Princípio E:

“Uma anáfora SELF deve fazer correferência com uma expressão cujo referente tipicamente possua consciência, o que satisfaz os exemplos em (a) pelo fato de seu referente possuir consciência e é violado em (b), causando agramaticalidade”. (MINKOFF, 2004, p.486) ^{26 27}

Apesar da formulação do Princípio E ao observar os problemas existentes na Teoria da Ligação, há questões que não tornam o Princípio E aplicável. Em algumas situações frasais, pode-se observar que o referido princípio pode ser aplicado, já em outras situações frasais isso não ocorre. Minkoff (2004) aponta os casos em que a anáfora SELF faz correferência, mesmo não existindo um referente que tipicamente possua consciência²⁸. Há outras possibilidades em que o Princípio E pode ser questionado, como nos exemplos em que uma anáfora SELF é livre e agramatical.

Dessa maneira, há a modificação do Princípio E por parte do autor em questão, estabelecendo os limites do *backward coreference domain*:

(107) Princípio E: Uma anáfora SELF deve correferir, e estar no domínio de correferência anafórica²⁹, com uma expressão cujo referente tipicamente possua consciência.³⁰

(108) X está no domínio de correferência anafórica de Y se e somente se existirem dois nós A e B de tal modo que B é predicado de A, A domina X, e B domina Y³¹.

i. Eles viram {a foto dela mesma_i} {ao lado de Sara_i}.

j. Eles viram {a foto dela mesma_i} {ao lado da rocha_i}.

²⁶ A propriedade de consciência em Minkoff (2004) refere-se à característica de animacidade.

²⁷ A Self-anaphor must corefer with an expression whose referente typically possesses consciousness.

²⁸ O termo consciência é usado pelo autor como contrário a animacidade.

²⁹ Tradução nossa para a expressão “*backward coreference domain*” utilizada pelo autor.

³⁰ (107) A free Self-anaphor must corefer with, and be in the backward coreference domain of, an expression whose referente typically possesses consciousness.

³¹ (108) X is in the **backward coreference domain** of Y if and only if there exist two nodes A and B such that B is predicated of A, A dominates X, and B dominates Y.

A questão aqui repousa na satisfação plena do Princípio E, que torna as sentenças aceitáveis ou não aceitáveis.

Os principais motivos que distinguem o princípio E dos Princípios da Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1981) podem ser observados a seguir.

1. A Teoria da Ligação de Chomsky (1981) opera em termos de relação puramente estrutural de c-comando, enquanto que o Princípio E opera na relação estrutural e semântica do domínio de correferência anafórica;
2. O Princípio E é sensível ao atributo da consciência do referente que não é considerado pelo autor como um aspecto nem da sintaxe nem das expressões linguísticas, mas sim de entidades do mundo nas quais expressões linguísticas referem.

Com relação à logoforicidade, Minkoff (2004) salienta que a logoforicidade ainda não foi contemplada dentro do Princípio E. Essa questão envolve os apontamentos de Sells (1987), relacionando o conteúdo semântico ao potencial antecedente de consciência. Esses antecedentes se tornam mais fundamentais ainda nesse Princípio devido às questões dos sentidos atribuídos ao termos dados na estrutura sintática. Em (43), Sara deve ser compreendida como a protagonista, ou seja, o orador deve identificar-se com o potencial de consciência de Sara.

(109) *I put a picture of herselfi to the right of Sarai.*³²

Para o autor, o ideal seria a revisão do princípio E com uma proposta para inserção da questão da logoforicidade.

Princípio E

Uma anáfora SELF livre deve correferir com, e estar no domínio de correferência anafórica do protagonista.³³

³² (109) Eu coloquei a foto dela mesma à direita de Sara.

³³ A free Self-anaphor must corefer with, and be in the backward coreference domain of, a Protagonist.

Para finalizar, pode-se considerar os inúmeros casos de correferência que podem ser analisados à luz do Princípio E.

Neste capítulo foram abordadas algumas teorias que apresentam as propriedades de anáforas, pronomes e logóforos. Ao analisar as propostas de delineamento das propriedades das anáforas, pronomes e logóforos, percebe-se que autores como Clements (1975), Zribi-Hertz (1989) e Minkoff (2004) consideram o discurso como prioridade na interpretação dos elementos reflexivos. Em contrapartida, as propostas de Chomsky (1981) e Reinhart e Reuland (1993) abordam a sintaxe prioritariamente e, caso esta não dê conta da interpretação, a semântica e o discurso são atuantes em um segundo momento.

CAPÍTULO 3: A teoria psicolinguística das anáforas e logóforos

Observamos que poucos são os estudos relacionados a estruturas logofóricas, principalmente em PB. Em uma busca minuciosa não encontramos estudos em processamento relacionados ao fenômeno em nossa língua. Os estudos em Psicolinguística Experimental que procuram entender e explicar o processamento anafórico não apresentam o fenômeno da logoforicidade detalhadamente nem tampouco como cerne da pesquisa.

Nos capítulos anteriores foram destrinchadas as análises formais de reflexivos que revisamos. Para este capítulo, mostraremos algumas abordagens no processamento da correferência com experimentos desenvolvidos tanto com anáforas quanto com logóforos.

Para tanto, iniciaremos apresentando questões que permeiam a discussão do processamento intrassentencial. As três citadas abaixo são as mais recorrentes:

1. Quais são as informações que restringem a ativação do conjunto inicial de candidatos a antecedentes?
2. Quais são as informações que limitam a escolha desses candidatos a antecedentes?
3. Em que momento do processamento essas informações são ativadas?

A literatura sobre o processamento anafórico ainda não tem uma única resposta para as questões acima. Existem vários estudos (Badecker & Straub, 2002, Sturt, 2003,2014, Kennison, 2003, Nicol & Swinney, 1989) que demonstraram que essas respostas dependem de muitos fatores de manipulação e metodologia. A seguir adentramos na abordagem do processamento das sentenças com reflexivos, de modo a nos ater a discutir como se processam as sentenças que contém anáforas e logóforos e como alguns estudiosos têm buscado responder às questões acima.

3.1 Processamento correferencial intrassentencial das anáforas

Alguns estudos sobre o processamento correferencial têm demonstrado que os Princípios da Teoria da Ligação postulados por Chomsky (1981) atuam principalmente no processamento *online* de sentenças que possuem uma única oração. Dessa forma, na Psicolinguística Experimental intrassentencial, esses princípios são levados em consideração nas primeiras etapas do processamento. Essa questão não é tão simples de ser explicada, devido

a dados de processamento que evidenciam a atuação dos princípios em diferentes posições estruturais de sentenças. Nessa problemática existe um forte debate sobre o momento de atuação dos princípios de ligação de Chomsky, no curso do processamento, o que tem se desdobrado em predições diferenciadas com os modelos que postulam o quanto o processamento é afetado pelos tipos de antecedentes, a saber, os modelos: filtro inicial, filtro reversível e interativo.

Inicialmente, o primeiro modelo foi apresentado por Nicol & Swinney (1989), constatando que nos estágios iniciais do processamento e nos estágios posteriores, a ligação entre o antecedente e a anáfora é restrita aos princípios de ligação de Chomsky (1981). O segundo modelo é defendido por Sturt (2003) e Kennison (2003). Apresenta-se, nesse segundo modelo, uma forma intermediária de conceber a atuação dos princípios por meio de um filtro reversível. Já Badecker & Straub (2002) afirmam que há restrições sintáticas nesse primeiro estágio e restrições de caráter discursivo, propondo um modelo interativo.

O modelo descrito por Nicol & Swinney (1989) veicula o processamento em apenas uma direção de determinados antecedentes, isto é, determinadas restrições presentes na Teoria da Ligação podem ser levadas em consideração no processamento. Partindo-se da Teoria da Ligação, outros antecedentes são desconsiderados nos primeiros estágios do processamento e em momentos posteriores.

De acordo com as análises, os autores observaram que o processamento de anáforas possuía dois tipos de antecedentes: disponíveis e indisponíveis, conforme a Teoria da Ligação. Foi feito um experimento de *priming cross modal*³⁴ para testar a atuação das restrições de ligação. Nesse experimento, os participantes ouviam as sentenças e faziam uma decisão lexical, em seguida, visualizavam uma palavra sonda que aparecia após as anáforas e pronomes. Pode-se observar as frases experimentais abaixo:

Anáforas

(110) *The boxer_j told the skier_j that the doctor_i for the team would blame himself_i *for the recent injury*³⁵.

Pronomes

³⁴Quando os estímulos apresentados no *priming* e no alvo são de modalidades diferentes.

³⁵(110) O boxeador falou para o esquiador que o médico culparia ele mesmo pela recente lesão.

(85) *The boxer_i told the skier_i that the doctor_j for the team would blame him_i *for the recent injury³⁶.*

De acordo com o teste, os estágios iniciais da correferência foram influenciados pelos antecedentes disponíveis estruturalmente. Já nos estágios subsequentes, os antecedentes indisponíveis foram imediatamente excluídos e desconsiderados. Chamou-se essa influência exercida pelos antecedentes disponíveis de Hipótese do Filtro Inicial.

Segundo essa hipótese, *the boxer* e *the skier*, em (84), são os antecedentes indisponíveis para *himself* e *the doctor* é o antecedente disponível, já que esse é o antecedente legítimo em termos da Teoria da Ligação. Os antecedentes *the boxer* e *the skier* são excluídos nos primeiros estágios do processamento e em estágios posteriores também. Da mesma forma em (85), em que *the boxer* e *the skier* são permitidos a fazer referência com *him*, enquanto *the doctor* não é permitido.

O estudo posterior de Sturt (2003) encontrou evidências contrárias à existência da Hipótese do Filtro Inicial. Seus dados mostram que as restrições de ligação são aplicadas nos estágios iniciais, contudo podem ser violadas posteriormente. O filtro seria, então, reversível, com a possibilidade de ser violado em um segundo momento do processamento por vários fatores.

Esse estudo desenvolvido por Sturt (2003) evidenciou que, no primeiro estágio do processamento, as restrições de ligação são importantes dentro desse processo. Fatores discursivos não estariam presentes nesse momento do processamento, apareceriam apenas posteriormente.

O modelo apresentado por Badecker & Straub (2002) mostra restrições atuantes no momento inicial do processamento. As restrições apresentadas pelos autores podem ser de natureza sintática ou discursiva. Essas restrições de ligação atuam junto com outros tipos de informações (traços de gênero e número, foco discursivo). Assim, pode-se asseverar a importância dos dois antecedentes disponíveis e dos antecedentes indisponíveis, determinantes nos estágios do processamento. Podem-se observar os exemplos das frases utilizadas no experimento.

³⁶O boxeador falou para o esquiador que o médico da equipe culparia ele pela recente lesão.

(111) Pronome³⁷

- a. *John thought that Beth owed him another opportunity to solve the problem.*
- b. *John thought that Bill owed him another opportunity to solve the problem.*

(112) Reflexivos³⁸

- a. *Jane thought that Bill owed himself another opportunity to solve the problem.*
- b. *John thought that Bill owed himself another opportunity to solve the problem.*

Em relação aos resultados, Badecker & Straub (2002) encontraram dados significativos no segmento pós-crítico. O segmento foi lido mais rapidamente quando o gênero da retomada combinava com o gênero do antecedente em (89a) e (90a). Em (89b) e (90b), a leitura foi mais lenta, pois o gênero dos antecedentes indisponíveis e disponíveis combinava com o gênero da retomada. Tanto antecedentes disponíveis quanto antecedentes indisponíveis atuaram no processamento.

Em PB, um estudo feito por Oliveira et al (2012), investigou como adultos processam a anáfora ‘a si mesmo (a)’ em contextos em que os antecedentes estavam disponíveis e indisponíveis à anáfora, com o objetivo de averiguar se apenas os antecedentes disponíveis estruturalmente influenciam na resolução anafórica. Chamou-se de disponíveis os antecedentes que estavam no domínio de vinculação da anáfora e de indisponíveis aqueles que estavam fora do seu domínio de vinculação.

A partir disso, foi feito um experimento utilizando a técnica de leitura automonitorada com seis condições experimentais, tendo como variáveis independentes o gênero dos antecedentes indisponíveis, o gênero dos antecedentes disponíveis e o gênero da retomada. As variáveis dependentes foram o tempo de leitura do segmento crítico (anáfora) e do segmento seguinte, bem como as respostas obtidas por meio da pergunta ao fim da frase. Segue abaixo exemplos de sentenças utilizadas nesse experimento:

³⁷(111) a) John pensou que Beth lhe devia mais uma oportunidade para resolver o problema.
b) John pensou que Bill lhe devia mais uma oportunidade para resolver o problema.

³⁸(112) a) Jane pensou que Bill devia a ele mesmo mais uma oportunidade para resolver o problema.
b) John pensou que Bill devia a ele mesmo mais uma oportunidade para resolver o problema.

(113) a. Antecedente indisponível feminino, disponível masculino e retomada masculino

Maria disse que João machucou a si mesmo no parque de diversão. João se machucou?

b. Antecedente indisponível masculino, disponível feminino e retomada masculino

João disse que Maria machucou a si mesmo no parque de diversão. João se machucou?

c. Antecedente indisponível feminino, disponível masculino e retomada feminino

Maria disse que João machucou a si mesma no parque de diversão. Maria se machucou?

d. Antecedente indisponível masculino, disponível feminino e retomada feminino

João disse que Maria machucou a si mesma no parque de diversão. Maria se machucou?

e. Antecedente indisponível masculino, disponível masculino e retomada masculino

João disse que José machucou a si mesmo no parque de diversão. José se machucou? f.

Antecedente indisponível feminino, disponível feminino e retomada feminino

Maria disse que Lilian machucou a si mesma no parque de diversão. Lilian se machucou?

Os resultados desse experimento mostraram que os tempos de leitura do segmento crítico, quando o antecedente disponível combinava em gênero com a retomada, foram mais rápidos do que quando havia um antecedente indisponível com mesmo gênero da retomada. Isso significa, segundo Oliveira et al (2012), que o Princípio de Ligação restringe a resolução da anáfora nos primeiros estágios do processamento. A partir desse estudo, pode-se pensar em outras possíveis questões envolvidas no processamento anafórico.

Outro estudo realizado por Oliveira (2013) também investigou a influência dos antecedentes disponíveis e indisponíveis, porém com a anáfora *ele(a) mesmo(a)*. Foram usadas as mesmas frases experimentais e a mesma técnica, mudando apenas o termo anafórico. Os resultados corroboraram para aqueles obtidos anteriormente com a anáfora *a si mesmo(a)* e com a Hipótese do Filtro Inicial, a diferença obtida nesse experimento consistiu apenas na medida *offline*. Os autores sugeriram que pode ter sido encontrado alguma influência do traço pronominal contido na anáfora *ele(a) mesmo(a)*.

Já em Oliveira (2014), a anáfora *ele(a) mesmo(a)* foi segmentada com o objetivo de verificar se o processamento do primeiro segmento, *ele(a)*, sofreria influência do Princípio B, vinculando-se ao antecedente indisponível para a anáfora e se o segmento seguinte *mesmo(a)* faria com que o sujeito fizesse uma reanálise, aplicando o Princípio A. O design experimental e a técnica utilizada foram os mesmos de Oliveira (2013), diferindo apenas nessa segmentação.

Os resultados encontrados por Oliveira et al (2014) vão na mesma direção de Oliveira et al (2012, 2013), ao mostrar que os antecedentes indisponíveis não são levados em consideração, apesar da anáfora estar segmentada. Os sujeitos, quando chegaram ao segmento *ele(a)*, não fizeram a ligação com o antecedente indisponível e, ao lerem o segmento seguinte, *mesmo(a)*, aplicaram o Princípio A, eliminando o antecedente indisponível e fazendo a ligação com o antecedente disponível. Portanto, os resultados desses experimentos dão consistência à Hipótese do Filtro Inicial de Nicol e Swinney (1989), contrariando os resultados obtidos por Badecker e Straub (2002) e Sturt (2003), que verificaram a influência dos antecedentes indisponíveis na resolução da correferência.

A partir desse estudo, Calaça e Oliveira (2014) se propuseram verificar outra relação existente entre a anáfora e o seu antecedente, a relação de c-comando. É importante destacar que os estudos citados anteriormente detêm-se a investigar questões relacionadas à localidade do antecedente, ou seja, esses trabalhos não focaram a noção de c-comando, somente a localidade.

Nesse estudo, foi observado o comportamento da anáfora *a si mesmo(a)* com dois tipos de antecedente: um que c-comandava a anáfora e outro que não a c-comandava, que ora combinavam em gênero com a retomada, ora não. A hipótese de trabalho partiu da ideia de que as sentenças com anáfora e antecedente que a c-comandava tinham a resolução correferencial mais facilitada. Nesse caso, os indivíduos teriam mais facilidade de leitura nesses tipos de frases, já que estão restritos ao Princípio A, para o qual são levados em consideração os aspectos sintáticos, do que nas frases em que a anáfora estabelece a ligação fora desse princípio, por levar em conta processos além do sintático. Quanto ao gênero, esperava-se que nas condições em que a anáfora possuísse o mesmo gênero do antecedente que a c-comandasse fossem lidas mais rapidamente do que em condições em que o gênero da retomada não combinasse com o do antecedente que a c-comandasse.

Neste trabalho, foi utilizada a técnica *online* de leitura automonitorada. Abaixo, podemos ver os exemplos das condições experimentais.

(114) a. FMRF - Feminino, masculino, retomada feminina

A neta de Beto pintou a si mesma no atelier de arte. A neta de Beto se pintou?

b. FMRM - Feminino, masculino, retomada masculina

A neta de Beto pintou a si mesmo no atelier/de arte. O Beto se pintou?

c. MFRM - Masculino, feminino, retomada masculino

O neto de Márcia pintou a si mesmo no atelier de arte. O neto de Márcia se pintou? d. MFRF - Masculino, feminino, retomada feminino

O neto de Márcia pintou a si mesma no atelier de arte. A Márcia se pintou?

e. FFRF - Feminino, feminino, retomada feminino

A neta de Márcia pintou a si mesma no atelier de arte. A Márcia se pintou?

f. MMRM - Masculino, masculino, retomada masculino

O neto de Beto pintou a si mesmo no atelier de arte. O Beto se pintou?

Os resultados do experimento descrito acima mostraram que não houve um efeito principal, contudo houve um efeito de interação entre o primeiro antecedente e a retomada anafórica ($p < 0,0001$). Já na interação entre o segundo antecedente e a retomada, não se obteve um efeito significativo ($p = 0,144$).

Esses resultados apontaram a relevância da noção de c-comando na interpretação da anáfora *a si mesmo(a)*. Quando as sentenças tinham como antecedente um DP que estava c-comandando e concordava em gênero, como nas condições FMRF, MFRM E FFRF, o processamento foi mais rápido do que nas sentenças em que a anáfora combinava em gênero, mas não tinha uma relação de c-comando com o antecedente mais próximo, como nas condições FMRM, MFRF, MMRM.

Isso indica, de acordo com as autoras, que o domínio de c-comando do sujeito sobre um DP parece ser um fator atuante, pois foram encontrados tempos de leitura mais rápidos em frases em que a anáfora teria como única ligação possível um DP que a c-comandava do que em frases que esse domínio não poderia ocorrer, o que confirma a hipótese inicial deste estudo.

Do mesmo modo, como nos resultados obtidos por Oliveira et al (2012, 2013, 2014), é perceptível a relevância da sintaxe e do Princípio A da Teoria da Ligação na resolução da anáfora *a si mesmo(a)*. No estudo de Calaça e Oliveira (2014) foi possível encontrar evidências de que a anáfora *a si mesmo(a)* está restrita ao Princípio A, especialmente à noção de c-comando, já o antecedente que c-comandava a anáfora foi processado mais rapidamente do que aquele que não a c-comandava, apesar dos traços de gênero combinarem com a retomada. Logo,

na ausência de um antecedente que c-comande a anáfora, os sujeitos levaram mais tempo na resolução correferencial.

O experimento realizado pelas autoras teve como objetivo verificar se a anáfora *a si mesmo(a)* está sujeita ao c-comando independentemente da concordância dos traços de gênero entre a anáfora e seu antecedente. Essa questão foi apontada, por meio do resultado do experimento, como um fator que distingue o processamento entre as condições experimentais analisadas aqui.

Lacerda (2014) realizou um experimento de leitura automonitorada com a finalidade de analisar se os diferentes tipos de retomada (reflexiva – *se*, nula – \emptyset , pronominal – *ele(a)*), a semântica do verbo (prováveis reflexivos e prováveis não reflexivos) e as diferenças dialetais entre Minas Gerais e Paraíba teriam influência no processamento correferencial anafórico. Foram utilizadas sentenças como as abaixo:

(115) a. Verbo provável reflexivo com retomada reflexiva (VRRR)

Marcelo machucou se no parque de diversão. Marcelo machucou a si mesmo?

b. Verbo provável reflexivo com retomada nula (\emptyset) (VRRN)

Marcelo machucou na escola de música. Marcelo machucou a si mesmo?

c. Verbo provável reflexivo com retomada pronominal (VRRP)

Marcelo machucou ele no parque de diversão. Marcelo machucou a si mesmo?

Os resultados apontam que houve um efeito significativo do tipo de retomada e de grupo (MG e PB). Ocorreu uma leitura reflexiva nas sentenças quando houve o absentismo do *se* e o uso do *ele*, com relação ao grupo de Minas Gerais, porém no grupo da Paraíba não houve a leitura reflexiva da ausência do *se* nem do uso do *ele*. Observou-se também uma forte probabilidade da influência da semântica verbal.

É importante destacar a influência semântica do verbo no processamento dessas sentenças. Percebeu-se a influência do tipo de predicado no processamento das retomadas nulas (RN), pois o tempo de leitura no segmento pós-crítico foi mais custoso. No grupo de Minas Gerais, o argumento foneticamente nulo foi interpretado como elemento anafórico, diferentemente do grupo da Paraíba, que considerou essas sentenças como agramaticais.

Nas condições com retomada reflexiva (RR), tanto no grupo de Minas Gerais como no da Paraíba, o tipo do verbo não marcado reflexivamente na presença da anáfora *se* fez com que

o tempo de leitura fosse maior. Uma explicação razoável para esse resultado é dada por Reinhart & Reuland (1993) e pontuada pelas autoras do estudo, as quais afirmam que um predicado marcado reflexivamente é reflexivo, ou seja, na presença da anáfora *se*, o predicado se torna reflexivo independentemente do tipo de verbo.

Com relação à retomada pronominal (RP), no grupo da Paraíba os resultados com relação aos dois tipos de verbos foram semelhantes. Porém, quando havia a ausência de um antecedente acessível sintaticamente e a presença de um verbo provável não reflexivo, a leitura da sentença não foi reflexiva no grupo da Paraíba, diferentemente do grupo de Minas Gerais. Nas condições VRRP – verbo provável reflexivo com retomada pronominal –, o pronome *ele(a)* foi ligado localmente, e em VNRP – verbos prováveis não reflexivos com retomada pronominal –, foi ligado a um antecedente fora da sentença, no grupo de Minas Gerais. Os resultados mostram que a leitura foi mais lenta na condição VNRP.

Os dados encontrados por Lacerda (2014) evidenciam que o processamento da resolução da correferência ocorreu em dois estágios. Inicialmente – *bonding* – os princípios da Teoria da Ligação atuaram, porém de modo divergente dos resultados apontados por Nicol & Swinney (1989) e Oliveira, Leitão e Henrique (2012), pois, no trabalho de Lacerda (2014), houve influência de antecedentes indisponíveis na resolução da correferência, além da influência da semântica do verbo e da variação dialetal. No segundo estágio – *resolution* –, ocorreu o processamento dos mecanismos interpretativos. Diante disso, esse trabalho mostrou que tanto fatores sintáticos como semânticos, além da variação dialetal, podem influenciar no processamento.

A partir dos trabalhos desenvolvidos anteriormente a respeito do processamento anafórico e dos resultados encontrados acerca da influência da semântica verbal, Henrique (2017) investigou a influência da reflexividade verbal no processamento das anáforas *a si mesmo(a)* e *se*. A autora utilizou-se da noção de reflexividade defendida por Reinhart & Reuland (1993) e da classificação verbal das autoras Christiano (1991) e Melo (2008) para aplicar três testes de julgamento de aceitabilidade, *offline*, no intuito de determinar qual verbo aliado às anáforas *a si mesmo(a)* e *se* são considerados mais aceitáveis no português brasileiro.

No primeiro teste de julgamento de aceitabilidade utilizou-se dos verbos pertencentes aos três níveis de reflexividade e das anáforas *a si mesmo(a)* e *se*. A hipótese levantada por ela para este primeiro experimento foi a de que verbos com maior carga de reflexividade, neste caso os primários, segundo Christiano (1991) e Melo (2008), seriam mais aceitáveis do que os demais verbos. O experimento continha 45 frases experimentais, divididas em 15 conjuntos.

Em cada conjunto havia uma frase com a anáfora *a si mesmo(a)*, outra com o reflexivo *se* e outra com um SN – sintagma nominal. No final de cada sentença o participante enumerava (1) para mais aceitável, (2) para aceitável e (3) para menos aceitável. Vejamos algumas das frases utilizadas no teste:

(116)

Tabela 2: Exemplos das sentenças utilizadas no teste.

Tipo de sentença	Sentenças
Verbos Primários	‘A si mesmo(a)’: Maria penteou a si mesma no terraço da sua casa. SN: Maria penteou a filha no terraço da sua casa. ‘Se’: Maria penteou-se no terraço da sua casa.
Verbos Secundários	‘A si mesmo(a)’: Julia sentou a si mesma na cadeira de balanço. SN: Julia sentou a filha na cadeira de balanço. ‘Se’: Julia sentou-se na cadeira de balanço.
Verbos Terciários	‘A si mesmo(a)’: Simone acusou a si mesma do acidente na avenida. SN: Simone acusou a vítima do acidente na avenida. ‘Se’: Simone acusou-se do acidente na avenida.

Fonte: Henrique (2017, p. 51).

Após a análise estatística dos dados, constatou-se que a hipótese não foi confirmada, pois o tipo de verbo não influenciou a aceitação ou não das frases apresentadas. As frases com o reflexivo *se* foram as consideradas mais aceitáveis, independentemente do tipo de verbo. A autora afirma que existem alguns fatores que tangenciaram esse resultado. O primeiro deles diz respeito a natureza diferente das anáforas, além do reflexivo *se* não carregar traços de número e gênero, o que já encontramos no *a si mesmo(a)*, o *se* marca a estratégia reflexiva primária do PB³⁹.

Um segundo teste foi aplicado com intuito de observar mais uma vez a influência do tipo de verbo, já que não foi identificada nenhum tipo de influência verbal no primeiro

³⁹ Classificação estabelecida por Faltz (1985). Essa classificação está associada a frequência de realização, isto é, o *se* é mais usado no PB do que o *a si mesmo(a)*. Desse modo, o *se* pertence a estratégia primária e a adjunção do *mesmo(a)* a um elemento pronominal faz parte da estratégia reflexiva secundária do PB.

experimento. Desse modo, utilizou-se dos mesmos verbos do primeiro teste, sendo esses distribuídos em frases com e sem o reflexivo *se*. A hipótese investigativa foi a mesma.

O segundo teste tinha 30 frases experimentais, sendo 15 frases com o reflexivo *se* e 15 sem, para cada frase havia cinco opções de resposta (1) Mais aceitável; (2) Aceitável; (3) Pouco aceitável; (4) Menos aceitável; (5) Não aceitável. A anáfora *si mesmo(a)* não foi usada neste teste. Os resultados também anularam a hipótese, pois evidenciaram, de modo geral, que as frases mais aceitas foram aquelas que havia um verbo do nível secundário aliado ao *se*.

Com vistas a explicar os resultados do segundo experimento, um terceiro teste foi realizado. Neste teste foram utilizados apenas os verbos do nível secundário, dado que, apenas os verbos deste nível interferiram na decisão dos falantes, e o reflexivo *se*. O design experimental foi alterado e as frases experimentais foram divididas em três tipos: presença do verbo secundário com o reflexivo 'se' (SecCSE), presença do verbo secundário sem o reflexivo 'se' (SecSSE) e uma sentença controle. O teste continha 30 frases e cada uma delas havia cinco opções de resposta.

Neste terceiro experimento as autoras não encontraram efeito significativo para o tipo de verbo e, sim, para a retomada anafórica *se*, propondo que a aceitabilidade das frases se deu quando o *se* estava presente, independentemente do tipo de verbo.

Diante dos resultados encontrados nos três testes de julgamento de aceitabilidade, a autora evidencia que a maior aceitabilidade se deu nas frases que continham o *se*, independentemente do tipo verbal. Uma das explicações foi a de que a anáfora possui um grau de reflexividade maior que o componente que marca lexicalmente o verbo. Este fato foi provado ao apresentar os postulados de Reinhart & Reuland (1993) que defendem o fato do *se* possuir um traço SELF no léxico, que o permite transformar todo o predicado ao qual esteja contíguo em transitivo reflexivo, não sendo necessária a presença do verbo para reflexivizar o predicado.

Os estudos descritos acima não tratam da discussão do processamento dos pronomes e das anáforas logofóricas. Tratam exclusivamente do uso de anáfora em relação aos princípios da Teoria da Ligação. Nos tópicos a seguir apresento alguns experimentos em psicolinguística com pronomes e com logóforos.

3. 2 Processamento correferencial dos logóforos

Em relação ao estudo psicolinguístico, envolvendo especificamente a logoforicidade, Foraker (2003), utilizou a forma SELF logoforicamente para examinar se as informações

discursivas utilizadas na interpretação desse logofórico são semelhantes às usadas na interpretação do pronome. Nesse estudo, foi realizado um experimento de leitura automonitorada no qual foi controlada a distância entre o logofórico / pronome e seu antecedente, com três posições possíveis para o antecedente (*First-mentioned, Middle e Most Recent*). Nesse experimento, Foraker (2003) mostra que houve um efeito *Spill over* (após o logofórico / pronome), o qual revelou que logofóricos e pronomes foram processados de forma semelhante apenas nas condições em que o antecedente estava a uma distância longa ou intermediária em relação à retomada. Quando o antecedente foi mencionado mais recentemente, o logofórico foi lido mais rapidamente do que quando este estava em posição distante ou intermediária. Desse modo, podem-se observar questões estruturais que influenciaram o processamento da sentença. A distância relacionada ao logofórico e ao antecedente pode modificar o tempo de leitura do logofórico.

Os autores percebem que a correferência da anáfora logofórica utiliza o mesmo tipo de informação pragmática e discursiva, bem como aquelas utilizada para correferência pronominal. Houve o mesmo padrão de processamento para logofóricos e anáforas. O conjunto de frases do experimento segue exemplificado em (117) e (118) abaixo:

(117) *Logophoric Reflexive*

First-mentioned: Megan wondered/ if Isaac had found out/ that Rick wanted to invite/ Sally and herself/ to the birthday party.

Middle: Isaac wondered/ if Megan had found out/ that Rick wanted to invite/ Sally and herself/ to the birthday party.

Most Recent: Rick wondered/ if Isaac had found out/ that Megan wanted to invite/ Sally and herself/ to the birthday party.⁴⁰

⁴⁰ Reflexivos logofóricos

Mencionado primeiro: Megan perguntou se Isaac tinha achado que Rick queria convidar Sally e ela mesma para a festa de aniversário.

Médio: Isaac perguntou se Megan havia achado que Rick queria convidar Sally e ela mesma para a festa de aniversário.

Mais recente: Rick perguntou se Isaac tinha achado que Megan queria convidar Sally e ela mesma para a festa de aniversário.

(118) *Pronoun*

First-mentioned: Albert was upset/ when Debbie didn't care/ that Rachel had endangered/ Gordon and him/ on the climbing trip.

Middle: Debbie was upset/ when Albert didn't care/ that Rachel had endangered/ Gordon and him/ on the climbing trip.

Most Recent: Rachel was upset/ when Debbie didn't care/ that Albert had endangered/ Gordon and him/ on the climbing trip.

Outros estudos na língua inglesa também foram realizados com o intuito de investigar o fenômeno abordado aqui. Sturt (2003) encontrou evidências de que o antecedente logofórico poderia afetar o processamento em um momento posterior à leitura do referido logofórico, sendo a sintaxe acessada em um primeiro momento. O autor descreve um experimento de *eyetracking* em sentenças como em (119):

- (119) a. *Jonathan was pretty worried at the City Hospital. He remembered that the surgeon had pricked himself with a used syringe needle. There should be an investigation soon.*
- b. *Jonathan was pretty worried at the City Hospital. He remembered that the surgeon had pricked herself with a used syringe needle. There should be an investigation soon*
- c. *Jennifer was pretty worried at the City Hospital. She remembered that the surgeon had pricked himself with a used syringe needle. There should be an investigation soon.*
- d. *Jennifer was pretty worried at the City Hospital. She remembered that the surgeon had pricked herself with a used syringe needle. There should be na investigation soon.*⁴¹

Mencionado primeiro: Albert ficou chateado quando Debbie não se importou que Rachel tivesse ameaçado Gordon e ele na viagem de escalada.

Médio: Debbie ficou chateada quando Albert não se importou que Rachel tivesse ameaçado Gordon e ele na viagem de escalada.

Mais recente: Rachel ficou chateada quando Debbie não se importou que Albert tivesse ameaçado Gordon e ele na viagem de escalada.

⁴¹ (119) a. Jonathan estava muito preocupado no Hospital da Cidade. Ele lembrou que o cirurgião tinha picado ele mesmo com uma agulha de seringa usada. Deveria haver uma investigação em breve.

b. Jennifer estava muito preocupada no Hospital da Cidade. Ela lembrou que o cirurgião tinha picado ele mesmo com uma agulha de seringa usada. Deveria haver uma investigação em breve.

c. Jonathan estava muito preocupado no Hospital da Cidade. Ele lembrou que o cirurgião tinha picado ela mesma com uma agulha de seringa usada. Deveria haver uma investigação em breve.

d. Jennifer estava muito preocupada no Hospital da Cidade. Ela lembrou que o cirurgião tinha picado ela mesma com uma agulha de seringa usada. Deveria haver uma investigação em breve.

Essa técnica captura os movimentos oculares dos participantes no momento da leitura de frases do experimento. Tal técnica permite também a observação e a análise das sacadas e fixações oculares. Tanto as fixações quanto as sacadas oculares fornecem importante ferramenta para investigar o processamento da anáfora com antecedentes sintáticos e logofóricos. Pode-se observar que tanto informações sintáticas quanto discursivas poderiam ser acessadas nas frases analisadas. Os resultados desse experimento mostraram que os antecedentes regidos pelos princípios de ligação tiveram tempo de leitura menor se comparados aos antecedentes logofóricos na primeira fixação do olhar. Isso implica que a sintaxe influenciou em um momento inicial, já o discurso teve uma influência posterior, não sendo restringidos pelo Princípio A. Apesar dos resultados, Sturt (2003) não descarta que o discurso é relevante no momento do processamento.

Já em seu estudo de 2014, Sturt focou o seu estudo em observar o papel das restrições sintáticas e a concordância de gênero na resolução anafórica. Apesar de diversos estudos seguirem esse caminho (Badecker & Straub (2002), Dillon et al (2013), Nicol & Swinney (1989), Xiang et al (2009)), o estudo de Sturt se diferenciou por ser uma tentativa de não seguir os padrões de ambientes sintáticos dos outros estudos, sendo poucos os estudos que usam estruturas diferentes (Kaiser et al (2009), Runner et al (2003, 2006)). Com isso, o autor indica que há a omissão das teorias que surgiram após a Teoria da Ligação na Linguística Teórica que mostram que há diversos problemas na Teoria da Ligação (Pollard & Sag, 1992; Reinhart & Reuland, 1993).

Dessa forma, o autor buscou examinar como o contexto sintático influencia o curso do processamento da resolução do processamento da anáfora, de modo a observar em que medida a Teoria da Ligação dos antecedentes acessível e inacessível são considerados. A fim de investigar isso, Sturt (2014) realizou três experimentos com *eyetracking* e um experimento de escolha do antecedente. Os experimentos de movimentos oculares buscaram examinar as preferências iniciais e o tempo de curso da recuperação de antecedentes em contexto de coargumento (Experimento 1), contextos PNP (Experimento 2) e contextos PPNP (Experimento 3). Já a tarefa de escolha do antecedente (Experimento 4) buscou verificar o quanto os sujeitos estavam dispostos a considerar antecedentes locais e não-locais para coargumento e PNP.

Neste estudo de Sturt (2014), o interesse central foi observar as etapas iniciais da resolução da anáfora, ou seja, investigar que pistas guiam os estágios iniciais de recuperação do antecedente em diferentes contextos estruturais. Para este fim, o autor controlou o gênero, semelhante ao seu estudo de 2003. Os contextos foram: reflexivo e um antecedente local coargumentos do mesmo predicado verbal e frases com NPs de imagem com e sem possessivo. A tarefa de escolha antecedente investigou se os falantes do inglês escolheriam um antecedente não-local para os reflexivos em NP de imagem.

No experimento 1, Sturt (2014) replicou o experimento realizado em 2003, com as mesmas sentenças e condições experimentais, para ter um padrão do tempo de recuperação do antecedente para contrastar com os experimentos 2 e 3 com reflexivos dentro de NPs de imagem. As sentenças utilizadas foram as mesmas usadas em Sturt (2003). Os resultados desse primeiro experimento 1 mostraram efeitos de gênero do antecedente local e nenhuma influência do antecedente não-local, conforme observado em Sturt, 2003. Os tempos de leitura do reflexivo na primeira e segunda passada do olhar tiveram influência do gênero do antecedente disponível localmente. Isso mostra que as restrições de ligação condicionam o processamento de recuperação de reflexivos co-argumentos, indo na mesma direção dos achados de Clackson et al. (2011); Dillon et al. (2013); Nicol & Swinney (1989); Sturt (2003); Xiang et al. (2009).

No Experimento 2, foi examinado o tempo-curso da resolução da correferência em reflexivos PNPs. As sentenças foram semelhantes à do Experimento 1, exceto que o reflexivo apareceu dentro de uma frase nominal de imagem (PNP). As sentenças do experimento 2 foram:

(120) a. *Local antecedent match, nonlocal antecedente match*

Jonathan was walking through the military barracks. He heard that the soldier had a picture of himself in the middle of the mess hall. The food being served for dinner did not look very appetising.

b. *Local antecedent match, nonlocal antecedente mismatch*

Jennifer was walking through the military barracks. She heard that the soldier had a picture of himself in the middle of the mess hall. The food being served for dinner did not look very appetising.

c. *Local antecedent mismatch, nonlocal antecedente match*

Jennifer was walking through the military barracks. She heard that the soldier had a picture of herself in the middle of the mess hall. The food being served for dinner did not look very appetising.

d. *Local antecedent mismatch, nonlocal antecedente mismatch*

*Jonathan was walking through the military barracks. He heard that the soldier had a picture of herself in the middle of the mess hall. The food being served for dinner did not look very appetising.*⁴²

A predição do autor era um resultado semelhante ao do experimento 1, visto que *soldier* é o único antecedente disponível de acordo com a TL. *Jonathan* e *Jennifer*, então são os antecedentes indisponíveis.

Os resultados obtidos foram: tempo de leitura mais longos quando o antecedente local tinha o gênero incompatível com o do reflexivo em comparação quando o gênero combinava e uma tendência de efeito não-local tardio quando o gênero do antecedente combinava quando comparado ao que não combinava. Em resumo, os resultados foram semelhantes ao do experimento 1, em que os tempos de leitura foram influenciados pelo gênero do antecedente local.

No Experimento 3, as sentenças dos experimentos anteriores foram adaptadas para que se pudesse testar os reflexivos dentro de PNP. Os itens foram adaptados como em (99):

(121) a. *Local antecedent match, nonlocal antecedente match*

Jonathan was walking through the military barracks. He heard about the soldier's Picture of himself in the middle of the mess hall. The food being served for dinner did not look very appetising.

b. *Local antecedent match, nonlocal antecedente mismatch*

Jennifer was walking through the military barracks. She heard about the soldier's Picture of himself in the middle of the mess hall. The food being served for dinner did not look very appetising.

⁴²(120) a. Antecedente local combinando, antecedente não-local combinando

Jonathan estava andando pelos quartéis das forças armadas. Ele ouviu que o soldado tinha uma foto dele mesmo no meio da confusão corredor. A comida servida para o jantar não aparentava muito apetitosa.

b. Antecedente local combinando, antecedente não-local não combinando

Jennifer estava andando pelos quartéis das forças armadas. Ela ouviu que o soldado tinha uma foto dele mesmo no meio da confusão corredor. A comida servida para o jantar não aparentava muito apetitosa.

c. Antecedente local não combinando, antecedente não-local combinando

Jennifer estava andando pelos quartéis das forças armadas. Ela ouviu que o soldado tinha uma foto dela mesma no meio da confusão corredor. A comida servida para o jantar não aparentava muito apetitosa.

d. Antecedente local não combinando, antecedente não-local não combinando

Jonathan estava andando pelos quartéis das forças armadas. Ele ouviu que o soldado tinha uma foto dela mesma no meio da confusão corredor. A comida servida para o jantar não aparentava muito apetitosa.

c. *Local antecedent mismatch, nonlocal antecedente match*

Jennifer was walking through the military barracks. She heard about the soldier's Picture of herself in the middle of the mess hall. The food being served for dinner did not look very appetising.

d. *Local antecedent mismatch, nonlocal antecedente mismatch*

*Jonathan was walking through the military barracks. He heard about the soldier's Picture of herself in the middle of the mess hall. The food being served for dinner did not look very appetising.*⁴³

Assim como nos experimentos 1 e 2, o antecedente disponível é *soldier* e os indisponíveis são *Jonathan* e *Jennifer*. Seguindo as mesmas previsões teóricas (Pollard e Sag, 1992, Reinhart e Reuland, 1993), a hipótese do autor era de que PNP's formam predicados nominais e, conseqüentemente, exigem a obrigatoriedade da vinculação ao possuidor.

Os resultados do experimento 3 evidenciaram tempos de leitura mais longos quando o gênero violava a leitura local, semelhantemente aos experimentos 1 e 2, levando a uma semelhança ao encontrado por Badecker e Straub (2002). Em resumo, os resultados desse terceiro experimento sugeriram que o antecedente local foi preferencialmente recuperado e que os participantes preferem o possuidor como um antecedente para o reflexivo. Esses resultados contrastam com os encontrados por Runner et al. (2003, 2006).

No Experimento 4, por fim, Sturt (2014) testou as preferências dos sujeitos com relação aos antecedentes locais e não-locais para os reflexivos em contextos de co-argumento, PNP e PPNP, através de uma tarefa de escolha do antecedente. Foram averiguadas as escolhas nas seguintes sentenças:

(122) a. *Coargument reflexive, local antecedent match*

⁴³(121) a. Antecedente local combinando, antecedente não-local combinando

Jonathan estava andando pelos quartéis das forças armadas. Ele ouviu sobre a foto do soldado dele mesmo no meio da confusão no corredor. A comida servida para o jantar não aparentava muito apetitosa.

b. Antecedente local combinando, antecedente não-local não combinando

Jennifer estava andando pelos quartéis das forças armadas. Ela ouviu sobre a foto do soldado dele mesmo no meio da confusão no corredor. A comida servida para o jantar não aparentava muito apetitosa.

c. Antecedente local não combinando, antecedente não-local combinando

Jennifer estava andando pelos quartéis das forças armadas. Ela ouviu sobre a foto do soldado dela mesma no meio da confusão no corredor. A comida servida para o jantar não aparentava muito apetitosa.

d. Antecedente local não combinando, antecedente não-local não combinando

Jonathan estava andando pelos quartéis das forças armadas. Ele ouviu sobre a foto do soldado dela mesma no meio da confusão no corredor. A comida servida para o jantar não aparentava muito apetitosa.

Jonathan was walking through the military barracks. He heard that the soldier had positioned himself in the middle of the mess hall. The food being served for dinner did not look very appetising.

b. *Coargument reflexive, local antecedent mismatch*

Jennifer was walking through the military barracks. She heard that the soldier had positioned herself in the middle of the mess hall. The food being served for dinner did not look very appetising.

c. *PNP reflexive, local antecedent match*

Jonathan was walking through the military barracks. He heard that the soldier had a picture of himself in the middle of the mess hall. The food being served for dinner did not look very appetising.

d. *PNP reflexive, local antecedent mismatch*

Jennifer was walking through the military barracks. She heard that the soldier had a picture of herself in the middle of the mess hall. The food being served for dinner did not look very appetising.

e. *PPNP reflexive, local antecedent match*

Jonathan was walking through the military barracks. He heard about the soldier's Picture of himself in the middle of the mess hall. The food being served for dinner did not look very appetising.

f. *PPNP reflexive, local antecedent mismatch*

*Jennifer was walking through the military barracks. She heard about the soldier's Picture of herself in the middle of the mess hall. The food being served for dinner did not look very appetising.*⁴⁴

⁴⁴(122) a. Reflexivo coargumento, antecedente local combinando

Jonathan estava andando pelos quartéis das forças armadas. Ele ouviu que o soldado tinha posicionado ele mesmo no meio da confusão no corredor. A comida servida para o jantar não aparentava muito apetitosa.

b. Reflexivo coargumento, antecedente local não combinando

Jennifer estava andando pelos quartéis das forças armadas. Ela ouviu que o soldado tinha posicionado ela mesma no meio da confusão no corredor. A comida servida para o jantar não aparentava muito apetitosa.

c. PNP reflexivo, antecedente local combinando

Jonathan estava andando pelos quartéis das forças armadas. Ele ouviu que o soldado tinha uma foto dele mesmo no meio da confusão no corredor. A comida servida para o jantar não aparentava muito apetitosa.

d. PNP reflexivo, antecedente local não combinando

Jennifer estava andando pelos quartéis das forças armadas. Ela ouviu que o soldado tinha uma foto dela mesma no meio da confusão no corredor. A comida servida para o jantar não aparentava muito apetitosa.

e. PPNP reflexivo, antecedente local combinando

Jonathan estava andando pelos quartéis das forças armadas. Ele ouviu sobre a foto do soldado dele mesmo no meio da confusão no corredor. A comida servida para o jantar não aparentava muito apetitosa.

f. PPNP reflexivo, antecedente local não combinando

Os resultados do experimento 4 contrastam com os experimentos anteriores, visto que os sujeitos se mostraram dispostos a considerar o antecedente indisponível nos contextos PNP e PPNP. Em especial, nas condições PPNPs os sujeitos preferiram o antecedente fora do possuidor, indo na direção contrária da TL clássica e seus desdobramentos (Chomsky, 1981, 1986, Pollard & Sag, 1992; Reinhart e Reuland, 1993), que alegam que os reflexivos em PPNPs devem ser ligados ao possuidor. Em suma, os achados de Sturt (2014) mostraram que os sujeitos preferem fazer a ligação local para os contextos sintáticos verificados.

Pode-se mencionar também o trabalho realizado por Harris (2000). Nesse trabalho foi descrito um estudo com EEG⁴⁵ para verificar as características das respostas de ERP⁴⁶ em frases com violação sintática e com violação não sintática. Na literatura atual é possível observar a existência de padrões de ERP encontrados a partir da verificação de violações de caráter sintático e semântico. A técnica oferece precisão temporal através da extração de ERPs em que o EEG afere a ativação elétrica relacionada a estímulos linguísticos enquanto o sujeito executa a tarefa linguística (FRANÇA, 2005). Os ERPs são sensíveis a violações de naturezas sintáticas e semânticas, de acordo com França & Maia (2013):

Os psicolinguístas e neurocientistas podem, assim, comparar sentenças que fazem sentido com aquelas que não fazem, verificando como a percepção de cada palavra afeta a altura do pico (amplitude) do potencial (ou onda cerebral) e o tempo que a onda demora a se formar (latência). (FRANÇA & MAIA, 2013, p.45).

No experimento de Harris (2000), realizou-se uma comparação nas frases com violação sintática e com violação não sintática. Observou-se quando a anáfora sintática concordava ou não concordava da anáfora logofórica. Poderia ser encontrada uma violação sintática de P600⁴⁷ nas frases analisadas por ser de caráter sintático, além de provocar o padrão semelhante ao encontrado nesses tipos de violação. O P600 não seria encontrado nas frases logofóricas, já que a violação presente não seria de natureza sintática, seria de natureza semântico-pragmática. O autor ainda afirma que seria difícil saber quais diferenças estariam presentes nas violações

Jennifer estava andando pelos quartéis das forças armadas. Ela ouviu sobre a foto do soldado dela mesma no meio da confusão no corredor. A comida servida para o jantar não aparentava muito apetitosa.

⁴⁵ Eletroencefalógrafo (EEG, do inglês ...).

⁴⁶ Potenciais relacionados a eventos (ERP, do inglês *event-related brain potential*).

⁴⁷ ERP relacionado a construções com má-formação sintática.

logofóricas, por que elas não foram definidas na literatura em geral, esperava-se apenas distingui-las das de padrão sintático. Dessa forma, elaborou-se um estudo com 24 conjuntos de frases experimentais construídos no seguinte modelo:

- (123) a. *The boys' cousin introduced Suzie and himself at the wedding.*
b. *The boys' cousin introduced Suzie and themselves at the wedding.*
c. *The boys' cousin introduced himself at the wedding.*
d. *The boys' cousin introduced themselves at the wedding.*⁴⁸

A tarefa do experimento foi realizada por 40 sujeitos. Tal tarefa consistia em ler as frases experimentais e determinar quem recebeu a ação da sentença com base na concordância de número. Na tela do computador, apareciam as duas opções de resposta para os sujeitos responderem a pergunta.

Os resultados confirmaram que as comparações envolvendo restrições sintáticas tiveram um P600, já nas restrições com logofóricos, isso não foi encontrado. Sugeriu-se que as comparações envolvendo argumentos são mediadas por processos sensíveis às restrições sintáticas, já os logofóricos são insensíveis ou sensíveis de forma diferente a essas restrições. Os autores não apresentaram detalhes sobre isso, mas usaram como contraponto à sensibilidade às restrições sintáticas.

Burkhardt (2002) fez um estudo em língua inglesa utilizando o paradigma *cross-modal* para verificar o processamento em sentenças contendo logóforos. Observou-se o tratamento dado estritamente aos aspectos sintáticos no processamento e também aos aspectos discursivos. Esse estudo buscou compreender o processamento de sentenças em tempo real, tendo como foco a reflexividade em meio à discussão sobre os campos da sintaxe, de um lado, e da sintaxe + discurso do outro.

O custo em relação ao processamento, de acordo com a autora, deve-se ao fato das diferenças entre as operações sintáticas e as operações discursivas. Na posição que defende a

⁴⁸(123) a. O primo dos meninos apresentou Suzie e ele mesmo no casamento.
b. O primo dos meninos apresentou Suzie e eles mesmos no casamento.
c. O primo dos meninos apresentou ele mesmo no casamento.
d. O primo dos meninos apresentou eles mesmos no casamento.

atuação da sintaxe somente, os dois reflexivos propostos no estudo teriam um comportamento similares, já na posição sintaxe + discurso, haveria uma diferença entre eles.

As tarefas de compreensão de sentenças e as de decisão lexical foram executadas de acordo com o planejado. O teste de decisão lexical consistiu na exibição da frase por meio auditivo, em seguida, respondia a pergunta de compreensão sobre a frase em pontos aleatórios no curso do experimento. Em um determinado momento, durante a apresentação da frase, aparecia uma palavra sonda na qual o sujeito teria que decidir apertando o botão “sim” ou “não”, observando, desse modo, se a sonda era ou não uma palavra do inglês. O tempo de reação para a decisão lexical foi gravado.

Para este experimento, participaram 45 estudantes (18 para as condições controle e 27 para as condições experimentais) da Universidade de Yale, falantes nativos do inglês. A autora criou 25 pares de sentenças experimentais e 119 frases distratoras. Nas frases experimentais, cada par consistia em uma frase com um reflexivo co-argumento e um reflexivo logofórico, como exposto abaixo:

(124) a. *The womani who was arrogant praised ^{PROBE} herselfi ^{PROBE} because the network had called about negotiations for a leading role.*

b. *The girli sprayed bug repellent around ^{PROBE} herselfi ^{PROBE} because there were many mosquitoes in the Everglades.*⁴⁹

Os verbos de ambas as frases foram controlados por frequência. O comprimento total das frases e a distância entre antecedente e reflexivo também foram controlados. Nas frases com reflexivos logofóricos foram incluídos objetos diretos (*bug repellent*) e preposições de lugar (*around* ou *behind*).

Na posição experimental era possível medir os recursos necessários durante o processamento do reflexivo, observando se há um custo adicional ou não. As sondas estavam em duas posições: antes do reflexivo (posição controle) e depois do reflexivo (posição

⁴⁹ (124) a. A mulher que era arrogante elogiou ela mesma porque os contatos tinham ligado a respeito das negociações para um papel de liderança.

b. A menina pulverizou o repelente em torno dela mesma porque havia muitos mosquitos nos Everglades.

experimental). Elas não eram semanticamente relacionadas à sentença nem permitiam que se gerasse uma continuação da sentença.

Através da comparação dos tempos de reação para a decisão lexical nas duas condições que se percebia se há diferenças entre a condição com a presença apenas da sintaxe e entre a condição com a presença da sintaxe + discurso.

Os resultados mostraram que não houve uma diferença significativa para a sonda na posição controle, todavia houve uma diferença significativa para os tempos de reação da sonda (RT) em posição experimental. Nas condições experimentais, registrou-se um tempo maior para os reflexivos logofóricos, indicando que a interpretação dos reflexivos logofóricos custa mais ao processador do que a dos reflexivos coargumentos.

Tabela 3 - RT por condição do experimento de Petra Burkhardt (2002).

	Posição controle (antes do reflexivo)	Posição experimental (depois do reflexivo)
Reflexivos co-argumento	729.04	675.84
Reflexivos logofóricos	722.72	701.52
Significância	p = .32	p = .005

Fonte: Petra Burkhardt (2002).

Esse custo, por sua vez, só era compatível com a posição da sintaxe + discurso, que afirma que a interpretação de reflexivos logofóricos requer acesso à informação discursiva (extra-sintática). Os dados obtidos favoreceram uma abordagem sintaxe + discurso para a reflexividade, sugerindo que a logoforicidade vai além da sintaxe. A diferença entre os reflexivos coargumentos (cuja interpretação é puramente de reflexivos sintáticos) e

logofóricos (o que implica que a sua interpretação requer acesso à informação sintática e não sintática) apontou que há um custo adicional para o processador.

Esses resultados encontrados por Burkhardt (2002) vão ao encontro aos resultados de Harris (2000). No estudo de Harris (2000), os “erros” que envolvem os dois tipos de reflexivos produzem diferentes padrões de ativação de potenciais cerebrais relacionados a eventos, indicando a existência de processos sintáticos e extra-sintáticos.

Um outro estudo, feito por Keller & Asudeh (2001), investigou os fatores sintáticos e discursivos nas restrições correferenciais. Eles focalizaram em seu estudo as configurações dos NPs de imagem⁵⁰. Observaram, principalmente, as restrições além de determinados problemas presentes na descrição e na explicação do fenômeno. Dessa forma, realizaram algumas propostas de revisão para a Teoria da Ligação para sanar os problemas encontrados. Alguns autores explicam a anáfora em NPs de imagem a partir de restrições estruturais, além disso, argumentam a respeito da possibilidade de restrições de natureza discursiva. Desse modo, não haveria uma relação estritamente direta com os princípios da Teoria da Ligação.

Há, assim, revisões feitas para a Teoria da Ligação. Fatores discursivos propõem que as anáforas estão isentas da Teoria da Ligação por não estarem sujeitas ao Princípio A e serem regidas por restrições pragmáticas como referencialidade, definitude e aspecto.

O estudo em questão propõe um experimento psicolinguístico a fim de esclarecer qual abordagem é mais coerente para o fenômeno. Para isso, realizou-se um experimento usando o paradigma de estimativa de magnitude (ME), que testa a influência dos fatores estruturais e pragmáticos sobre a correferência dos NPs de imagem. Trata-se de uma abordagem experimental mais precisa para capturar o fenômeno investigado e explicar os dados de forma mais robusta.

Esse estudo procurou verificar os fatores que determinam a correferência em NPs de imagem em inglês com o objetivo de fornecer dados confiáveis para o estatuto teórico desses NPs. Procurou-se, assim, analisar a respeito da presença na Teoria da Ligação e, como

⁵⁰ Tem sido observado na literatura que a complementaridade entre pronomes e anáforas, proposta pela Teoria da Ligação, se decompõe em certas estruturas. Um caso em que isso acontece e tem sido alvo de diversos estudos são com os NPs de imagem (*picture noun phrases*), onde anáfora e pronomes são igualmente aceitáveis, como em: *Ann found a picture of her/herself*.

consequência, a relação de correferência a qual são submetidos por fatores pragmáticos ou estruturais.

Para cumprir o primeiro objetivo do estudo, foi testada a influência dos fatores estruturais na ligação de NPs de imagem, comparando o comportamento de anáforas e pronomes em seis configurações. Os fatores estruturais foram dois: a posição da retomada, que podia ser tanto o objeto da sentença matriz (tal como nas configurações (i) - (iv) na Tabela 2), ou o possessivo dos NPs de imagem (como em configurações (V) e (VI) na Tabela 2) e a ausência de um possessivo (como nas configurações (i) e (ii)), ou a sua presença (como nas configurações (III) - (VI) na Tabela 2). O experimento continha três subdesigns, que testou as configurações (i) e (ii), (iii) e (iv) e (v) e (vi), respectivamente. As configurações estão exemplificadas na tabela abaixo:

Tabela 4 - Exemplos de estímulos e previsões do experimento de Keller & Asudeh (2001).

NP 1	NP2	SUJEITO	POSSESSIVO	SENTENÇA	PREDIÇÃO
<i>Noun</i>	<i>Pronoun</i>	<i>Yes</i>	<i>No</i>	(I) <i>Hanna found a picture of her.</i>	<i>Grammatical</i>
<i>Noun</i>	<i>Anaphor</i>	<i>Yes</i>	<i>No</i>	(II) <i>Hanna found a picture of herself.</i>	<i>Grammatical</i>
<i>Noun</i>	<i>Pronoun</i>	<i>Yes</i>	<i>Yes</i>	(III) <i>Hanna found Peter's picture of her.</i>	<i>Grammatical</i>
<i>Noun</i>	<i>Anaphor</i>	<i>Yes</i>	<i>Yes</i>	(IV) <i>Hanna found Peter's picture of herself.</i>	<i>Ungrammatical</i>
<i>Noun</i>	<i>Pronoun</i>	<i>No</i>	<i>Yes</i>	(V) <i>Hanna found Peter's picture of him.</i>	<i>Umgrammatical</i>

<i>Noun</i>	<i>Anaphor</i>	<i>No</i>	<i>Yes</i>	(VI) <i>Hanna found Peter's picture of himself.</i> ⁵¹	<i>Grammatical</i>
-------------	----------------	-----------	------------	---	--------------------

Fonte: Keller & Asudeh (2001).

Para verificar o segundo objetivo, que tratou da influência dos fatores pragmáticos na correferência de NPs de imagem, foram investigados os seguintes fatores pragmáticos: a definitude dos NPs de imagem, a classe aspectual do verbo e a referencialidade da retomada. Esses fatores foram divididos em três subdesigns. O primeiro continha a definitude e a classe verbal, o segundo e o terceiro continham a referencialidade.

A definitude dos NPs de imagem é exemplificada em (125) em que *a* está indefinido e *b* está definido:

(125) a. *Hannai found a picture of heri/herselfi.*

b. *Hannai found the picture of heri/herselfi.*⁵²

A classe aspectual da matriz verbal é ilustrada no exemplo (126), em que *encontrar* e *perder* são verbos de ação, enquanto *tirar* e *destruir* são verbos de realização. É relevante ressaltar que essa classificação é dada pelo autor. Os verbos *encontrar* e *tirar* pressupõem [+existência] de um objeto e *perder* e *destruir* são [-existência].

(126) a. *Hannai found a picture of heri/herselfi.*

b. *Hannai lost a picture of heri/herselfi.*

⁵¹ I. Hanna encontrou uma foto dela.
 II. Hanna encontrou uma foto de dela mesma.
 III. Hanna encontrou a foto de Peter dela.
 IV. Hanna encontrou a foto de Peter dela mesma.
 V. Hanna encontrou a foto de Peter dele.
 VI. Hanna encontrou a foto de Peter dele mesmo.

⁵² (125) a. Hanna encontrou uma foto dela/dela mesma.
 b. Hanna encontrou a foto dela/dela mesma.

c. *Hannai took a picture of heri/herselfi.*

d. *Hannai destroyed a picture of heri/herselfi.*⁵³

Os exemplos da referencialidade da retomada podem ser observados a seguir:

(127) a. *Hannai found Peter's picture of heri/herselfi.*

b. *The womani found Peter's picture of heri/herselfi.*

c. *Each womani found Peter's picture of heri/herselfi*⁵⁴.

Os autores realizaram algumas previsões em relação ao estudo das anáforas NPs de imagem estarem isentas de vinculação local. Havia, ainda, uma previsão relacionada ao possessivo, observando-se que o pronome também poderia ser ligado a ele. Desse modo, esperava-se aceitabilidade nas condições (I), (II), (III) e (VI) e não aceitabilidade nas condições (IV) e (V). Em relação à configuração sintática, não seria esperado um efeito principal de configuração de ligação para os pares (I) - (II), mas para (III) - (IV) e (V) - (VI) seria esperado um efeito significativo. Já em relação aos fatores pragmáticos, esperava-se que determinados fatores, como classe verbal, definitude e referencialidade tivessem efeito sobre a correferência. Esperava-se, ainda, um efeito no primeiro subexperimento da classe verbal e da definitude, já no segundo e no terceiro subexperimento esperava-se um efeito de referencialidade.

Como exposto acima, os materiais experimentais incluíram três subdesigns. O primeiro investigou (I) e (II), o segundo (III) e (IV) e o terceiro (V) e (VI). Os níveis de cada fator de configuração de ligação foram: nome-pronome ou nome-anáfora.

⁵³(126) a. Hanna encontrou uma foto dela/dela mesma.
b. Hanna perdeu uma foto dela/dela mesma.
c. Hanna tirou uma foto dela/dela mesma.
d. Hanna destruiu uma foto dela/dela mesma

⁵⁴(127) a. Hanna encontrou a foto de Peter dela/dela mesma.
b. A mulher encontrou a foto de Peter dela/dela mesma.
c. Cada mulher encontrou a foto de Peter dela/dela mesma.

Com relação aos fatores estruturais, foram encontrados efeitos significativos no primeiro subexperimento (I e II). A anáfora foi mais aceitável do que o pronome. No segundo subexperimento, em (III) e (IV), não se atingiu significância, a anáfora e o pronome foram igualmente aceitáveis. No terceiro subexperimento (V) e (VI), novamente, foi obtido um efeito principal e a anáfora foi mais aceitável do que o pronome.

No que diz respeito aos fatores pragmáticos, a ANOVA para o primeiro subexperimento também revelou uma interação significativa do verbo com o antecedente *Hanna*, mostrando uma diminuição na aceitação de pronomes para verbos de realização [+ Existência]. Uma interação de Definitude e *Ana* também foi encontrada, porém com significância apenas por sujeitos. A aceitabilidade de pronomes é aumentada para NPs de imagem definidos. A análise de variância para o segundo subexperimento mostrou uma interação significativa de Referencialidade e *Hanna* com uma diminuição na aceitação de pronomes se o antecedente NP é um quantificador. Nenhuma interação Referencialidade e *Hanna* esteve presente no terceiro subexperimento.

Analisando-se, de modo geral, os dados encontrados, os resultados mostraram que os fatores estruturais regem as possibilidades de ligação em NPs de imagem, enquanto que os fatores pragmáticos desempenham apenas um papel limitado. Entretanto, os fatores estruturais identificados divergem dos assumidos pela Teoria da Ligação.

Os experimentos feitos em inglês descritos anteriormente são fundamentais para o estudo dos logóforos, pois os fatores pragmáticos têm recebido muita atenção na literatura teórica. Esses estudos são fundamentais, ainda, pois existem poucos estudos quantitativos conduzidos para determinar em que medida esses fatores influenciam a correferência, além da interação com fatores estruturais.

Os experimentos em Psicolinguística Experimental com foco no processamento de logóforos têm como base, em sua maioria, a perspectiva de Reinhart e Reuland (1993) em que a posição estrutural da anáfora determina seu caráter logofórico. Em relação às perspectivas de Clements e Zribi-Hertz, mostram-se como possíveis abordagens para esses estudos.

Em PB, Calaça (2016) investigou se estruturas logofóricas como “O irmão de Vítor penteou Lucas e ele mesmo com a escova da sua tia.” e “O irmão de Vítor penteou Lucas e ele com a escova da sua tia.” são consideradas aceitáveis para os falantes do português brasileiro (PB). A autora realizou dois experimentos de julgamento de aceitabilidade no intuito de saber

se essas estruturas com são aceitáveis em PB. A hipótese central foi de que ambas as estruturas são aceitáveis para os falantes do PB e que nos contextos em que há uma anáfora logofórica também pode haver um pronome, conforme aponta Reinhart e Reuland (1993).

No experimento 1, foram utilizadas sentenças como as abaixo:

Tabela 5 - Exemplo das sentenças experimentais do teste piloto de Calaça (2016).

TIPO DE SENTENÇA	SENTENÇAS
Anáfora logofórica	O genro de Mauro cortou José e ele mesmo com a faca na cozinha. O neto de Breno olhou Murilo e ele mesmo no espelho da sala.
Pronome logofórico	O genro de Mauro cortou José e ele com a faca na cozinha. O neto de Breno olhou Murilo e ele no espelho da sala.

Fonte: Calaça (2016).

Como é possível observar na tabela acima, as condições experimentais foram: retomada com pronome logofórico *ele* e retomada com anáfora logofórica *ele mesmo*. A variável dependente do experimento foi o tipo de julgamento (aceitável x inaceitável) feito em cada condição, e as variáveis independentes foram o tipo de logóforo (anáfora e pronome).

Os resultados obtidos nesse primeiro teste não corroboraram completamente a hipótese inicialmente formulada. Em geral, as sentenças consideradas aceitáveis foram aquelas que continham a anáfora logofórica e não aceitáveis aquelas que tinham o pronome logofórico. A anáfora logofórica teve 276 julgamentos aceitáveis e o pronome logofórico teve 213 julgamentos aceitáveis, porém, neste último não obtivemos resultado significativo, contrariando a hipótese de que as duas estruturas são gramaticais no PB.

Os resultados mostraram que houve um maior número de aceitabilidade para a anáfora logofórica e maior número de inaceitabilidade para o pronome logofórico. Para a anáfora obteve-se um resultado significativo e para o pronome um resultado não-significativo. Entre as condições experimentais utilizadas também se obteve um resultado significativo, o que indica que os falantes viram a anáfora logofórica e o pronome como estruturas distintas.

O segundo experimento realizado pela autora também foi realizado com a finalidade de perceber se as estruturas mostradas na tabela são aceitáveis em PB, tomando como base as estruturas em inglês apresentadas por Reinhart e Reuland (1993). Neste segundo experimento foi modificado o gênero do antecedente de modo que a anáfora logofórica e o pronome logofórico possuíam o mesmo gênero do antecedente disponível. Além da modificação nas sentenças, foi modificado também o tipo de julgamento feito pelo sujeito que passou a ser escalar (1-5).

Os resultados encontrados neste segundo teste corroboraram a hipótese formulada inicialmente pela autora de que as estruturas com a anáfora logofórica *ele mesmo* e com o pronome logofórico *ele* são aceitáveis para os falantes em PB. Em resumo, os dados desses dois experimentos apontaram para a aceitabilidade dessas estruturas, já que foram obtidos valores significativos nos dois experimentos, especialmente para a condição experimental anáfora logofórica, que os sujeitos julgaram ser aceitável nos dois experimentos.

CAPÍTULO 4: O processamento da logoforicidade em português brasileiro

As anáforas logofóricas apresentam desafios computacionais únicos para o processador, visto que é necessário armazenar e recuperar a informações do antecedente não c-comandado. Apesar disso, somos direcionados a perceber que os falantes de uma língua compreendem e interpretam esses tipos de anáforas sem dificuldades de entendê-las, conforme observamos nos estudos delineados no capítulo anterior.

Neste capítulo, trataremos dos experimentos em que investigamos o processamento da logoforicidade em falantes nativos do português brasileiro. Apresentaremos aqui os materiais utilizados nesta pesquisa e descreveremos os resultados encontrados nos experimentos realizados.

Os três experimentos realizados nesta tese, que serão descritos adiante, objetivaram verificar o processamento em tempo real das sentenças apresentadas em (1-5) contendo logóforos com o objetivo de saber se:

- a) Há uma distinção no processamento de anáforas e logóforos;
- b) As anáforas são processadas sintaticamente, enquanto os logóforos são processados com base também em informações discursivas.

Nossa principal hipótese é a de que há diferenças de processamento entre essas duas estruturas. Acreditamos que as anáforas são inicialmente acessadas sintaticamente enquanto para os logóforos é necessário informações discursivas. Essa hipótese vai na mesma direção do previsto por Reinhart e Reuland (1993) e pelo estudo experimental de Harris (2000), ambos realizados em língua inglesa.

A partir dos efeitos encontrados nos experimentos realizados, que descreveremos ainda neste capítulo, sugerimos que o processamento desses dois tipos de estrutura é diferente.

Os experimentos descritos nesta sessão foram inseridos na Plataforma Brasil para serem submetidos à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do CCS da UFPB (protocolo CAAE 55165616.2.0000.5188).

4.1 Estudo experimental 1

O primeiro experimento feito nesta tese buscou analisar as diferenças de processamento entre anáforas e logóforos. Harris (2000) sugeriu que a teoria de Reinhart e Reuland (1993) está

correta, devido à falta de efeitos sintáticos do ERP para os logóforos. Xiang et al. 2009 e King et al. 2012 APUD Jalbert (2018), por sua vez, apontam que os logóforos (ao contrário das anáforas) possuem a propriedade de sensibilidade a *antecedentes intrusos*⁵⁵.

Observaremos frases semelhantes às de Harris (2000) para determinar se a falta de um efeito P600 seria atribuído ao licenciamento do logóforo ser extra-sintático, ou se a falta de resultado é atribuída à presença de *antecedentes intrusos*. Assim, utilizamos a pró-forma *ele mesmo* em posição de anáfora e de logóforo congruentes e incongruentes para verificar tal processamento.

A hipótese prevista para este experimento foi a de que essas estruturas são processadas diferentemente pelos falantes do PB, assim como em língua inglesa, como pontuado na Teoria da Reflexividade de Reinhart e Reuland (1993) e apresentados nos dados experimentais de Harris (2000).

4.1.1 Método

4.1.1.1 *Participantes*

Participaram desta pesquisa 36 estudantes de diversos cursos de graduação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - Campus I João Pessoa - todos falantes nativos do português brasileiro, com idades entre 19 e 24 anos.

4.1.1.2 *Material*

Para a realização desse primeiro experimento, criamos quatro conjuntos de frases experimentais, organizadas via quadrado latino. Foram utilizadas 12 sentenças experimentais e 24 frases distratoras. As frases distratoras foram inseridas no experimento para que o sujeito não percebesse qual a natureza das frases que foram o objeto de estudo da pesquisa. Dessa forma, cada participante viu 12 itens experimentais, sendo 4 de cada condição, mais 24 frases distratoras, totalizando 36 sentenças. As sentenças foram segmentadas em 6 partes com uma pergunta de compreensão da frase no final de cada sentença. Estas sentenças foram divididas de acordo com o tipo da pró-forma e a concordância com o antecedente, formando as condições

⁵⁵O antecedente da sentença em que o reflexivo não faz correferência.

experimentais. Em todas as sentenças, o reflexivo estava na mesma posição em relação ao verbo.

Nas condições em que a pró-forma assumia a função de anáfora, antecediam o *ele mesmo* o advérbio *apenas* e nas condições com logóforo, a pró-forma era antecedida de um nome próprio e o aditivo *e*. Tivemos o cuidado de controlar a quantidade de letras do segmento quatro: os nomes próprios somados ao aditivo possuíam a mesma quantidade de letras do advérbio. Também foi preparada uma pequena instrução, lida antes do início do teste, e uma sessão de treino para que o sujeito compreendesse a tarefa.

A variável dependente do experimento foi o tempo de leitura do segmento crítico (segmento 5), correspondente ao segmento com a pró-forma *ele mesmo*. As variáveis independentes foram o tipo da pró-forma (anáfora e logóforo) e a concordância de número com o antecedente (concordando e discordando). A partir dessas variáveis, obtivemos quatro condições experimentais: anáfora concordando com o antecedente (AFC), anáfora não concordando com o antecedente (AFNC), logóforo concordando com o antecedente (LOGFC) e logóforo não concordando com o antecedente (LOGNC). Tanto os antecedentes quanto as retomadas em todas as frases foram controlados no gênero masculino.

Na tabela abaixo podemos ver os exemplos das condições e das frases experimentais do experimento 1.

Tabela 6 – Condições e sentenças do experimento 1

TIPO DE SENTENÇA	SENTENÇAS
1. Anáfora concordando – AFC	O primo/ de Luiza/ barbeou/ apenas/ ele mesmo/ com o barbeador/ no banheiro. O primo de Luíza se barbeou?
2. Anáfora não concordando - AFNC	O primo/ de Luiza/ barbeou/ apenas/ eles mesmos/ com o barbeador/ no banheiro. O primo de Luíza se barbeou?
3. Logóforo concordando – LOGC	O primo/ de Luiza/ barbeou/ Alana e/ ele mesmo/ com o barbeador/ no banheiro. O primo de Luíza se barbeou e barbeou Alana?

4. Logóforo não concordando - LOGNC	O primo/ de Luiza/ barbeou/ Alana e/ eles mesmos/ com o barbeador/ no banheiro. O primo de Luíza se barbeou e barbeou Alana?
-------------------------------------	--

Fonte: Elaboração própria.

Na condição 1 - AFC, a pró-forma é uma anáfora com o número concordando com o antecedente apresentado no início da frase:

O primo/ de Luiza/ barbeou/ apenas/ **ele mesmo/** com o barbeador/ no banheiro. O primo de Luíza se barbeou?

Na condição 2 - AFNC, temos a pró-forma anáfora não concordando em número com o antecedente, o que caracteriza agramaticalidade.

O primo/ de Luiza/ barbeou/ apenas/ **eles mesmos/** com o barbeador/ no banheiro. O primo de Luíza se barbeou?

Na condição 3 – LOGC, temos a pró-forma logofórica concordando em número com o antecedente.

O primo/ de Luiza/ barbeou/ Alana e/ **ele mesmo/** com o barbeador/ no banheiro. O primo de Luíza se barbeou e barbeou Alana?

E na quarta e última condição, temos mais uma condição agramatical na qual o logóforo não concorda com o antecedente da sentença.

O primo/ de Luiza/ barbeou/ Alana e/ **eles mesmos/** com o barbeador/ no banheiro. O primo de Luíza se barbeou e barbeou Alana?

5.1.1.3 Procedimento

Escolhemos a técnica experimental de leitura automonitorada não cumulativa (*moviewindow*) que consiste em averiguar *online* o tempo de leitura das frases por prover medidas temporais de processamento com uma excelente precisão. Nesse tipo de tarefa, os

participantes ficam em frente a uma tela de computador, na qual são lidas as frases que estão segmentadas, vendo apenas um segmento por vez.

O experimento foi elaborado por meio do *Psycopy* em um notebook e apresentado aos sujeitos em uma sala silenciosa da UFPB. Antes de começar o experimento, os estudantes liam as instruções do experimento na tela do computador e, em seguida, realizavam a prática para compreender a tarefa junto ao pesquisador. Essa prática consistia na leitura de 6 sentenças extras com o mesmo número de segmentos das usadas no experimento. Após essa prévia, o participante era deixado sozinho na sala para realizar o teste. A tarefa consistia em ler as frases em frente à tela do computador e ao teclado. Para ler cada segmento da frase, o participante teria que apertar a tecla de espaço e para responder a pergunta ele deveria apertar S para “sim” e N para “não”. As teclas a serem apertadas estavam sinalizadas no computador. Dessa forma, o sujeito tinha como tarefa a leitura de cada segmento da frase e a escolha de uma opção, ou seja, deveria marcar como “sim” ou “não” a pergunta posterior a cada frase.

Os estímulos apresentados no experimento foram randomizados. Após o término da leitura automonitorada, foi solicitado que o participante assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas cópias. As cópias ficaram com o participante e a pesquisadora.

5.1.2 Resultados e discussão

Os resultados obtidos nesse primeiro teste corroboraram a hipótese formulada. Fizemos a estatística através da análise da variância ANOVA. Analisamos o segmento 5 (segmento crítico) e encontramos efeito principal do tipo da pró-forma ANOVA: $F(9,72) = 9,16$; $p < 0,001$. Nós não encontramos efeito principal de concordância ANOVA: $F(7,72) = 3,55$ $p < 0,63$ e também não encontramos efeito de interação ANOVA: $F(7,72) = 1,62$ $p < 0,72$.

O gráfico abaixo mostra o efeito principal do tipo da pró-forma para o segmento 5.

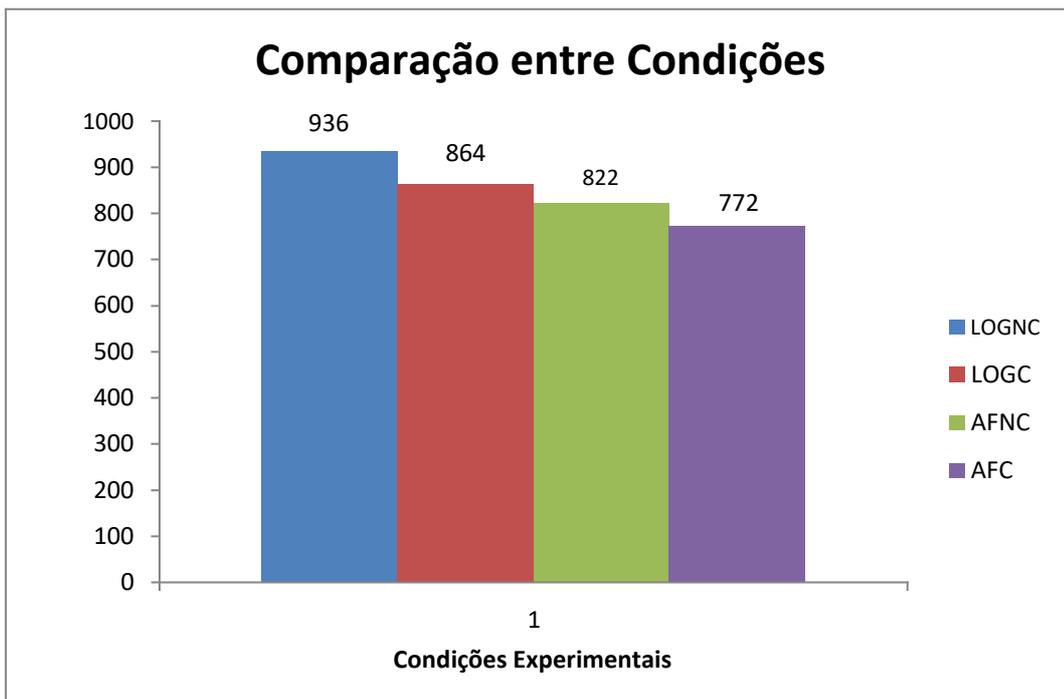


Figura 1 - Gráfico comparativo das condições.

Através do gráfico de efeitos abaixo também podemos visualizar o efeito dos tempos de leituras das condições experimentais.

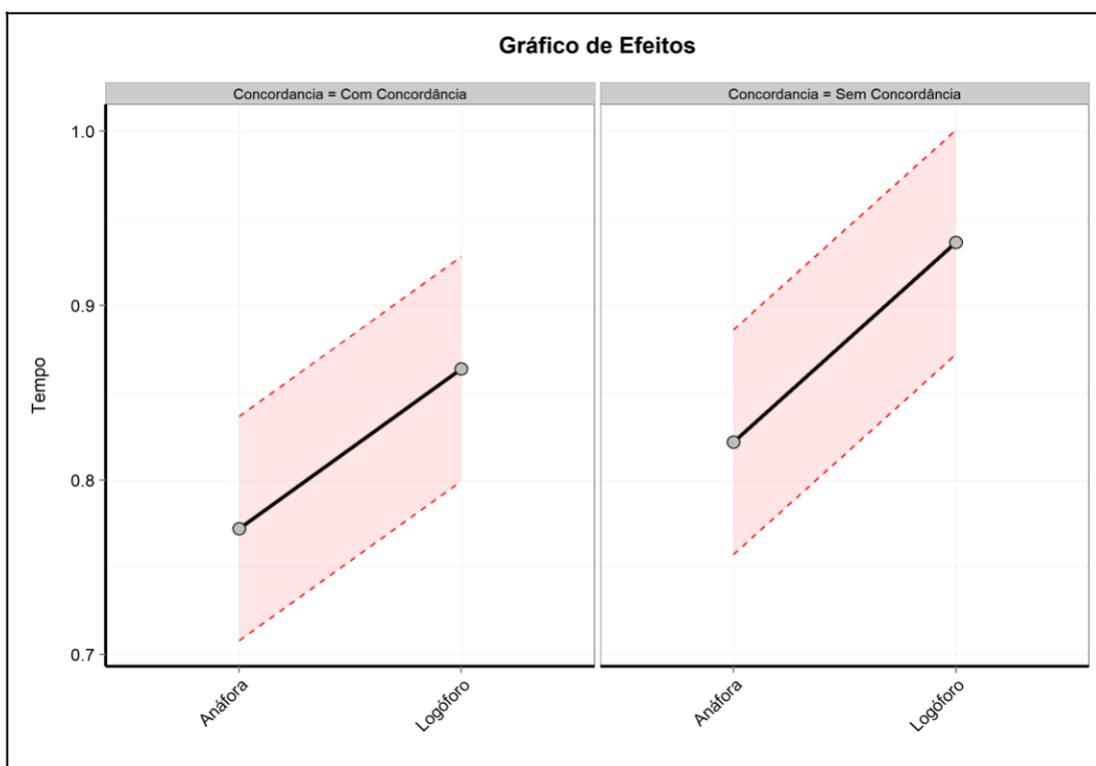


Figura 2 - Gráfico dos efeitos das condições.

A partir dos gráficos acima é possível perceber que os sujeitos leram mais rapidamente as condições com anáfora em comparação às condições com logóforos. Esse resultado vai em direção à hipótese prevista para este experimento, já que dialoga com os resultados de Harris et al. (2000), ao apontar uma clara separação entre anáforas e logóforos.

Com relação à concordância, os sujeitos processaram ambas as condições congruentes e incongruentes semelhantemente devido ao fato de que existe dois antecedentes (não necessariamente sintáticos, mas são dois seres com o traço [+ humano]) no mesmo DP, apesar da concordância se dar apenas com o DP completo. Dessa forma, os sujeitos podem ter considerado levar a anáfora para o plural sem problema, porque todo o DP antecede a anáfora, não só o núcleo. Assim, do ponto de vista morfossintático, se eu tenho dois entes, um masculino e um feminino, a concordância vai para o plural no gênero masculino.

Com isso, podemos inferir que anáforas e logóforos são processados de maneira diferente. No entanto, ainda permanece a questão de saber se isso é um resultado do módulo pelo qual eles são governados ou se é devido a presença dos antecedentes intrusos. Harris et al. (2000) alega que há módulos de licenciamento separados para anáforas e logóforos. Com o objetivo de diferenciar essas duas afirmações, fizemos o experimento 2.

5.2 Experimento 2

O segundo experimento realizado na presente pesquisa também foi feito com o objetivo de averiguar se existe uma diferença de processamento do *ele mesmo* anafórico e logofórico, semelhantemente à língua inglesa (Reinhart e Reuland, 1993) e aos dados de Harris (2000). A partir disso, tomamos como base as estruturas do experimento anterior. A nossa hipótese é a mesma do experimento 1.

Neste experimento os *antecedentes intrusos* do experimento 1 foram removidos, pois observamos o processamento do *ele mesmo* sem a possibilidade de intervenção desses antecedentes. Diante disso, utilizamos a mesma estrutura das sentenças do experimento descrito anteriormente, porém, retiramos o primeiro antecedente. Isso se deu para que houvesse uma melhor clareza sobre os resultados do experimento anterior.

Essas novas sentenças asseguram que, no momento da retomada, há apenas um único referente potencial, o sujeito. Então, podemos esperar que o resultado seja devido ao processamento dos próprios reflexivos, e não por causa dos antecedentes intrusos apontados por Jalbert (2018). Todos os outros segmentos contidos no experimento 1 permanecem os mesmos.

5.2.1 Método

5.2.1.1 *Participantes*

Participaram como voluntários do experimento 36 estudantes de graduação da UFPB (Universidade Federal da Paraíba) - Campus I João Pessoa -, com idade entre 20 e 27 anos, todos falantes nativos do português brasileiro.

5.2.1.2 *Material*

O material criado para este experimento consiste em 12 frases experimentais divididas em 4 conjuntos, semelhantes às frases do experimento 1, mas com um segmento a menos. Acrescentou-se ao experimento 24 frases distratoras.

O experimento teve como variável dependente o tempo de leitura do segmento crítico, e como variáveis independentes o tipo da pró-forma (anáfora e logóforo) e a concordância com o antecedente (concordando e discordando). As condições experimentais foram as mesmas do experimento anterior, porém retiramos o primeiro antecedente da frase e colocamos todos os nomes próprios no gênero masculino.

Segue abaixo a tabela com os exemplos das condições experimentais.

Tabela 7 – Condições e sentenças do experimento 1

TIPO DE SENTENÇA	SENTENÇAS
------------------	-----------

1. Anáfora concordando – AFC	Luiz/ barbeou/ apenas/ ele mesmo/ com o barbeador/ no banheiro. Luiz se barbeou?
2. Anáfora não concordando – AFNC	Luiz/ barbeou/ apenas/ eles mesmos/ com o barbeador/ no banheiro. Luiz se barbeou?
3. Logóforo concordando – LOGC	Luiz/ barbeou/ Alana e/ ele mesmo/ com o barbeador/ no banheiro. Luiz se barbeou e barbeou Alana?
4. Logóforo não concordando – LOGNC	Luiz/ barbeou/ Alana e/ eles mesmos/ com o barbeador/ no banheiro. Luiz se barbeou e barbeou Alana?

Fonte: Elaboração própria.

Nas condições 1 (AFC) e 2 (AFNC) temos a pró-forma assumindo a posição de anáfora. Na condição 1, esta concorda com o antecedente, enquanto na condição 2, não concorda, tornando a frase agramatical.

AFC - **Luiz**/ barbeou/ apenas/ **ele mesmo**/ com o barbeador/ no banheiro. Luiz se barbeou?

AFNC - **Luiz**/ barbeou/ apenas/ **eles mesmos**/ com o barbeador/ no banheiro. Luiz se barbeou?

Nas condições 3 e 4, reunimos as frases com a pró-forma logofórica, concordando e não concordando com o antecedente.

LOGC - **Luiz**/ barbeou/ Alana e/ **ele mesmo**/ com o barbeador/ no banheiro. Luiz se barbeou e barbeou Alana?

LOGNC - **Luiz**/ barbeou/ Alana e/ **eles mesmos**/ com o barbeador/ no banheiro. Luiz se barbeou e barbeou Alana?

5.2.1.3 Procedimento

Elaboramos um experimento *online* de leitura automonitorada não cumulativa (*moviewindow*) através do programa *Psycopy* em um notebook. Nesse experimento os participantes leram as frases guiando sua própria leitura em frente à tela do computador e ao teclado. Foram lidas, em velocidade natural, os segmentos do experimento que são apresentados um a um cada vez que o participante apertava a tecla espaço do teclado a sua frente. Cada vez que essa tecla era apertada, o segmento lido sumia e, automaticamente, aparecia o próximo segmento e por fim, a pergunta, indicando que ele deveria escolher uma entre as duas opções de resposta (sim ou não) para que passasse para a próxima frase.

Antes de iniciar a tarefa experimental, a pesquisadora solicitou dos participantes que assinassem o termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas cópias, lessem as instruções e fizessem uma prática junto com a pesquisadora para treinar e compreender o teste a ser feito. Após isso, foi solicitado que lessem de maneira natural as sentenças e optassem em selecionar a opção de resposta de acordo com a compreensão da frase lida. Os participantes fizeram a tarefa sozinhos em uma sala da UFPB. Foram apresentadas a cada sujeito 12 frases experimentais e 24 frases distratoras e, para cada uma delas, duas opções de resposta: (S) sim e (N) não. Tanto as teclas das respostas quanto à tecla de espaço estavam sinalizadas no teclado.

5.2.2 Resultados e discussão

Os resultados encontrados nessa leitura automonitorada, apresentados nos gráficos abaixo, evidenciaram que mesmo quando os antecedentes intrusos são removidos, encontramos efeito significativo para o tipo da pró-forma através da ANOVA. Além disso, também obtivemos resultado significativo para a concordância do reflexivo com o antecedente. Os sujeitos leram mais rápido quando o reflexivo concordava em comparação às sentenças em que discordava com o antecedente.

Obtivemos diferenças significativas para as variáveis tipo da pró-forma e concordância por meio da ANOVA ($p < .0,002$) e ($p < 0,0004$), respectivamente. Esse resultado aponta que as anáforas são processadas diferentemente dos logóforos, estes sofrem lentidão na leitura em comparação com aquelas. Com relação à concordância, quando concordam com o antecedente

são lidas mais rapidamente se comparadas às que discordam. Uma possível explicação para isto seria a ausência de outros referentes potenciais na sentença. Vejamos:

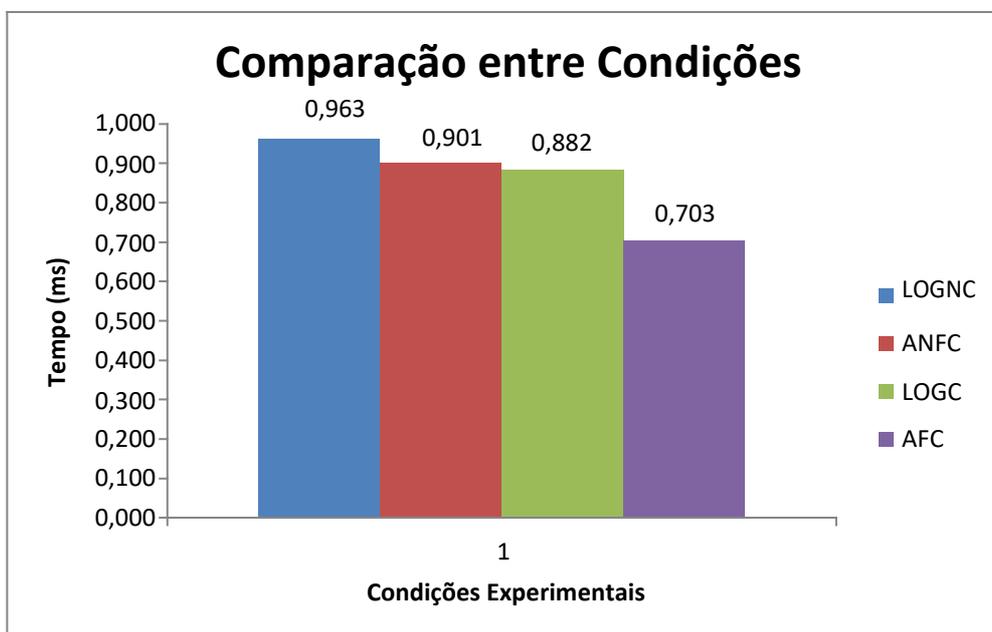


Figura 3 - Gráfico comparativo das condições.

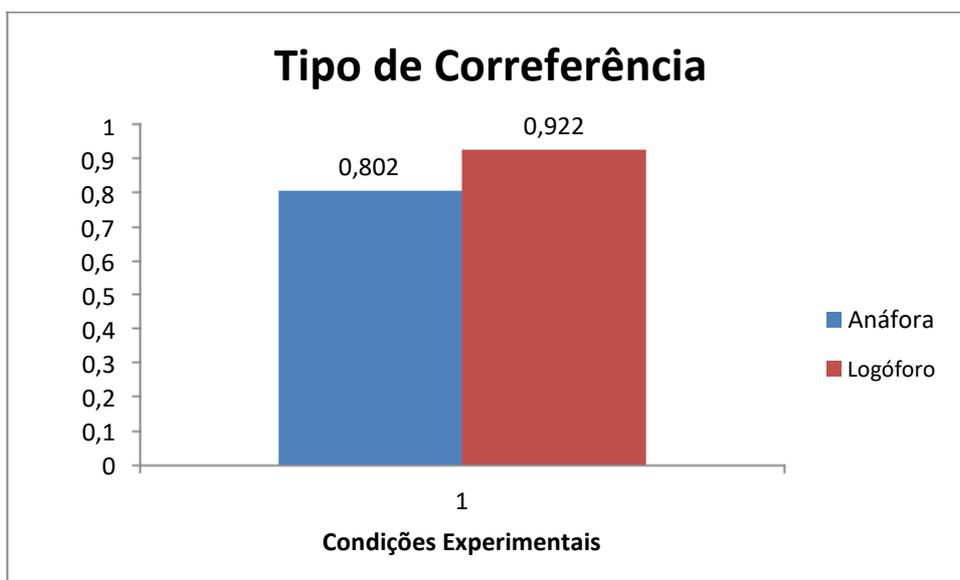


Figura 4 - Gráfico comparativo do tipo da pró-forma.

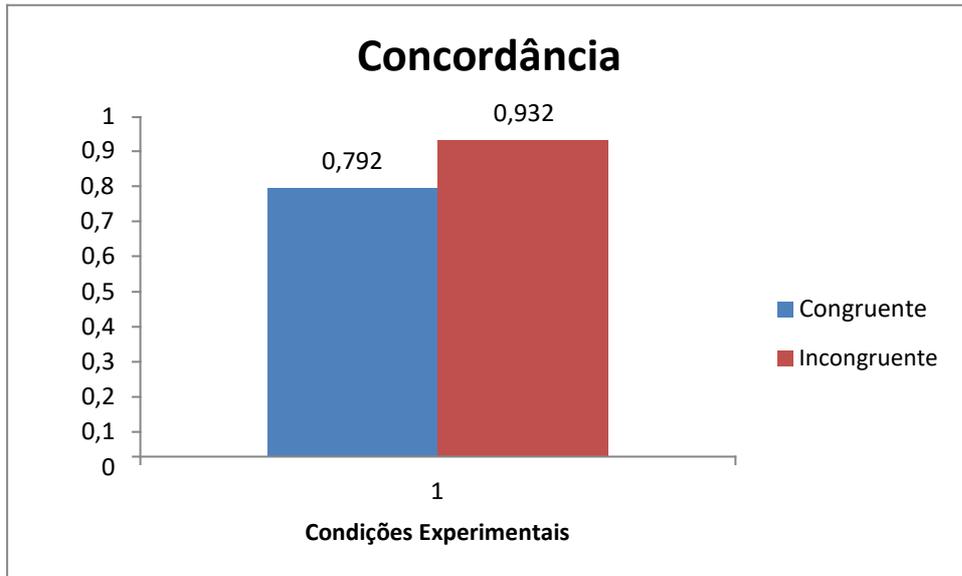


Figura 5 - Gráfico comparativo do tipo de concordância.

O gráfico dos efeitos abaixo também expõe os resultados apresentado nos gráficos acima.

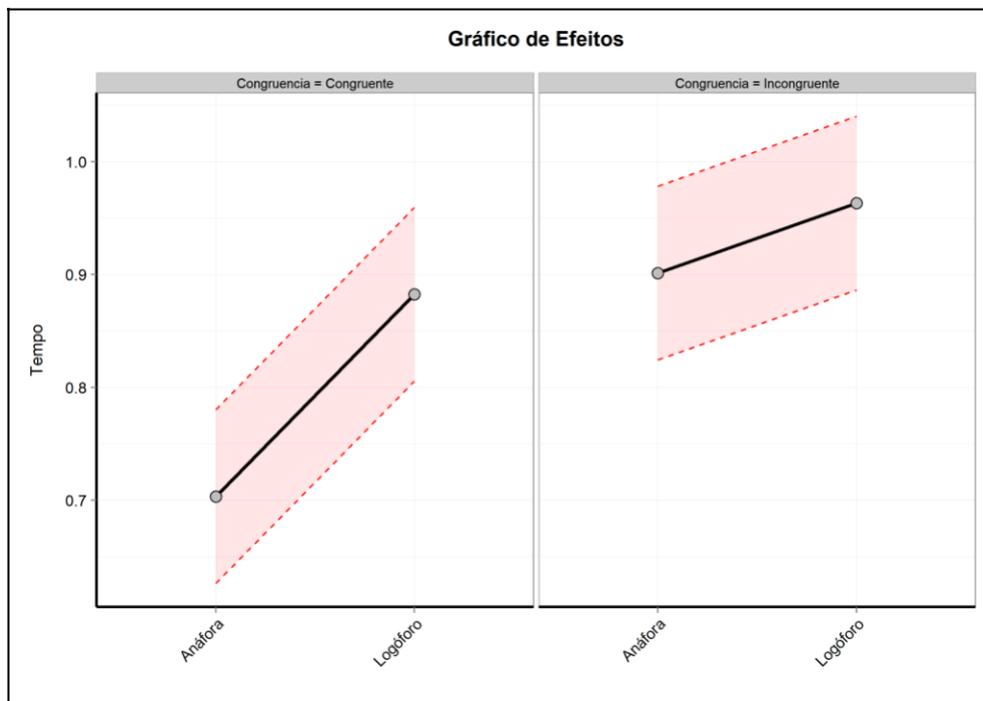


Figura 6 - Gráfico dos efeitos das condições.

Os resultados apresentados nos gráficos acima mostram que tanto as anáforas quanto os logóforos sofrem lentidão na leitura quando discordam do sujeito da sentença na ausência de outros potenciais referentes.

Os resultados do experimento 1 e o experimento de Harris et al (2000) fornecem evidências convincentes para a distinção de processamento entre anáforas e logóforos. O resultado da ANOVA do experimento 2 seguiu o mesmo direcionamento e nos mostrou que isto não pode ser devido à presença do antecedente intruso, conforme aponta Jalbert (2018). Porém, diferentemente do experimento 1, encontramos efeito significativo para a variável concordância com leitura mais rápida para as condições congruentes e mais lenta para as não congruentes. A escolha da manipulação da congruência se deu para verificar se haveria uma interação entre as propriedades referenciais dos DP antecedentes e as propriedades referenciais das anáforas, através da manipulação das possíveis concordâncias estabelecidas.

Nos resultados deste experimento vemos uma clara diferença entre anáforas e logóforos discordantes e concordantes. Isso mostra que tanto o tipo da pró-forma quanto a concordância foram levadas em consideração pelos sujeitos, bem como que a diferença entre anáforas e logóforos não pode ser reduzida à presença ou ausência do antecedente intruso. Com isso descartado, podemos concluir, com base nesse experimento, que anáforas e logóforos são diferentes e que a congruência entre eles e o antecedente é levada em consideração pelos sujeitos.

5.3 Experimento 3

No experimento 3 continuamos a investigação da anáfora e do logóforo nas retomadas da pró-forma *ele mesmo*, utilizando a técnica *online* da leitura automonitorada. Nossa principal previsão continua sendo a de que haverá divergência de tempos de leitura pelos participantes ao lerem as estruturas testadas. Acreditamos que as estruturas com anáfora e logóforo, congruentes ou não em número com a retomada, serão levadas em consideração no processamento dos sujeitos, indo na mesma direção dos experimentos 1 e 2 que também tiveram como base a Teoria de Reinhart e Reuland (1993) e o experimento de Harris et al (2000).

Abaixo apresentaremos os materiais utilizados neste experimento, além de descrever os participantes, o método e os resultados.

5.3.1 Método

5.3.1.1 *Participantes*

Neste experimento também captamos 36 participantes, alunos de graduação da UFPB, com idade entre 23 e 34 anos.

5.3.1.2 *Material*

O material utilizado foi composto de 12 frases experimentais, metade com o *ele mesmo* anafórico e metade logofórico, e 24 frases distratoras. As frases foram organizadas via quadrado latino. O participante via 12 itens experimentais, sendo 3 de cada condição mais 24 frases distratoras, totalizando 36 sentenças. As 4 condições experimentais foram nomeadas igualmente às dos experimentos anteriores, mas modificamos as sentenças como posto na tabela 8.

Como variáveis dependentes tivemos o tempo de leitura da retomada (segmento crítico) e como variáveis independentes estão o tipo da pró-forma (anáfora e logóforo) e a concordância com o antecedente (concordando e discordando).

Segue abaixo a tabela com os exemplos das condições experimentais.

Tabela 8 – Condições e sentenças do experimento 3.

TIPO DE SENTENÇA	SENTENÇAS
1. Anáfora concordando - AFC	O neto de Bruna olhou apenas ele mesmo com o espelho na penteadeira. O neto de Bruna se olhou?
2. Anáfora não concordando - AFNC	O neto de Bruna olhou apenas eles mesmos com o espelho na penteadeira. O neto de Bruna se olhou?
3. Logóforo concordando - LOGC	O neto de Bruna olhou ambos ele mesmo e Helen com o espelho. O neto de Bruna se olhou e olhou Helen?

4. Logóforo não concordando - LOGNC	O neto de Bruna olhou ambos eles mesmos e Helen com o espelho. O neto de Bruna se olhou e olhou Helen?
-------------------------------------	--

Fonte: Elaboração própria.

Semelhantemente ao experimento 1, nas condições experimentais 1 e 2 a pró-forma em posição anafórica concorda e não concorda, respectivamente, com o antecedente. Já nas condições 3 e 4 temos a pró-forma logofórica concordando e não concordando.

AFC - **O neto de Bruna** olhou apenas **ele mesmo** com o espelho na penteadeira. O neto de Bruna se olhou?

AFNC - **O neto de Bruna** olhou apenas **eles mesmos** com o espelho na penteadeira. O neto de Bruna se olhou?

LOGC - **O neto de Bruna** olhou ambos **ele mesmo e Helen** com o espelho. O neto de Bruna se olhou e olhou Helen?

LOGNC - **O neto de Bruna** olhou ambos **eles mesmos e Helen** com o espelho. O neto de Bruna se olhou e olhou Helen?

É importante destacar que acrescentamos as palavras *apenas* e *ambos* com a finalidade de preparar o sujeito para o que será lido em seguida: anáfora ou logóforo. Além disso, nas condições LOGC e LOGNC o nome próprio aparece após o reflexivo.

1.3.1.3 Procedimento

Utilizamos o mesmo procedimento dos experimentos 1 e 2 descritos acima.

5.3.2 Resultados e discussão

A análise da variância ANOVA mostrou que houve efeito principal da variável tipo de retomada ($p < 0,005$) e não houve efeito significativo para a variável congruência ($p < 0,16$). Assim como não houve efeito de interação das variáveis ($p < 0,93$). Os resultados encontrados neste experimento corroboram com os resultados anteriores e a Teoria da Reflexividade (R&R). Como podemos observar nos gráficos 7 e 8 abaixo, em que foi medido o tempo de leitura do

segmento crítico (ele mesmo), os tempos de leitura das anáforas foram mais rápidos do que o tempo de leitura do logóforo e a congruência não foi um fator preponderante.

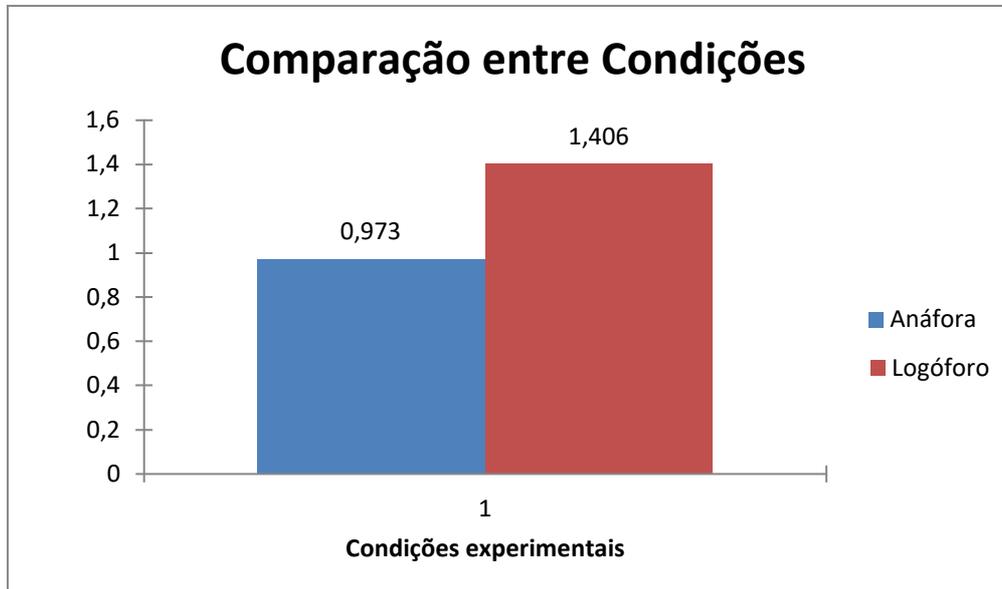


Figura 7: Gráfico comparativo do tipo da pró-forma.

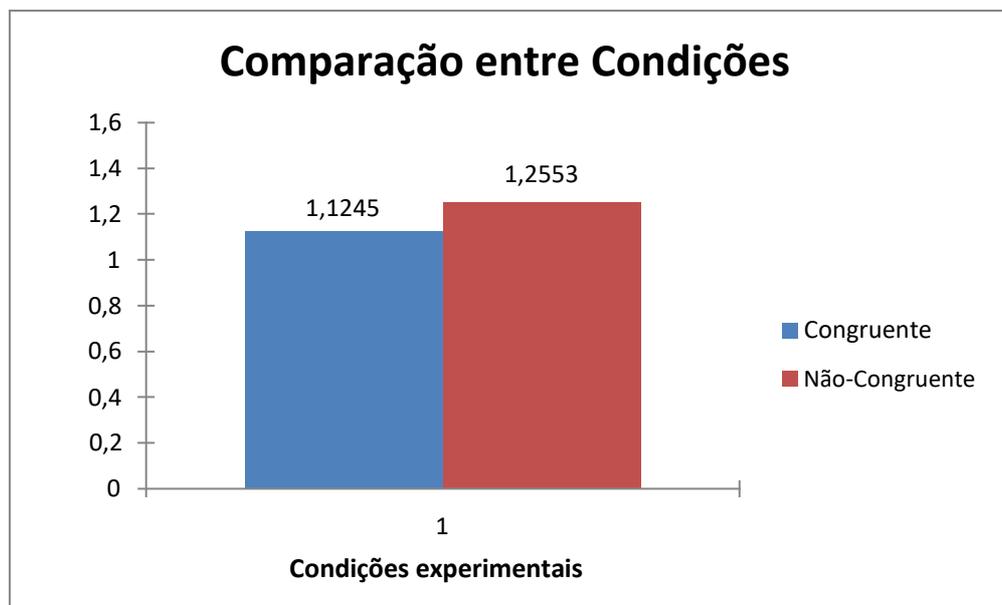


Figura 8: Gráfico comparativo do tipo da congruência.

Esses resultados são corroborados com os testes de tukey. Na comparação entre as condições LOGC – AFC, LOGNC – AFC, LOGNC - AFNC tivemos, respectivamente, os seguintes resultados significativos ($p < .0,005$), ($p < .0,001$) e ($p < .0,005$) e nas condições AFNC – AFC, LOGC – AFC e LOGNC - LOGC não obtivemos resultados significativos. Isso nos permite interpretar que a diferença entre o *ele mesmo* em posição anafórica e em posição logofórica são estruturas diferentes e influenciam no processamento da correferência, conforme postulado por Reinhart & Reuland (1993) e apresentado nos dados de Harris(2000), pois quando há uma estrutura anafórica o *ele mesmo* é lido mais rapidamente do que quando há uma estrutura logofórica, independente se há congruência ou não.

Os resultados de Harris (2000) mostram que essas estruturas são diferentes, e isso pode ser observado, através dos resultados do experimento, já que obtivemos diferenças entre os tipos da pro-forma.

Esses resultados vão na mesma direção dos resultados *online* já encontrados em língua inglesa em relação a diferença entre anáforas e logóforos, pois mostram que há uma resposta para a violação logofórica diferente da resposta encontrada nas violações do tipo sintáticas, já que são ativadas de maneira divergente, apresentando custos de processamento diferentes entre essas duas estruturas.

6 DISCUSSÃO GERAL

Vimos no experimento 1 que as anáforas foram processadas mais rapidamente do que os logóforos. Quando há menos referências discursivas (experimento 2), vimos que a concordância foi um fator relevante no processamento desses reflexivos e que, quando concordavam, o processamento da anáfora foi mais rápido do que o do logóforo. Dessa forma, os dados estão de acordo com Reinhart e Reuland (1993) e Harris et al (2000) que sugerem diferenças entre essas estruturas.

Tendo em vista que observamos o tipo do DP e a relação de concordância, no Experimento 1, utilizamos o DP do tipo "O primo de Luiza" que, sintaticamente, poderia surtir o mesmo efeito do DP "Luiz" que utilizamos no experimento 2, mas que, semanticamente, o fato de ser apresentado ao sujeito sintagmas com 2 entidades, como em "O **primo** de **Luiza**", parece ter favorecido a falta de efeito de concordância, enquanto no DP "Luiz" o sujeito tinha disponível na leitura da sentença apenas uma entidade, o que pode ter favorecido o efeito, mesmo que a leitura não seja agramatical nem no primeiro caso, nem no segundo. Não consideramos as frases experimentais agramaticais, sejam com ou sem concordância, devido à contraparte pronominal que anáforas como "ele mesmo" apresentam (como no capítulo 1 deste trabalho), que pode fazer referência a entidades não citadas no discurso. Ou seja, em ambas as sentenças "Luiz barbeou apenas eles mesmos" ou "Luiz barbeou Alana e eles mesmos" não há agramaticalidade, porque a referência da contraparte pronominal da anáfora permite que se inclua outras pessoas não citadas na cena, além de Luiz e Alana.

Sendo assim, com relação à concordância, observamos com os resultados dos experimentos 1 e 2, a complexidade das propriedades referenciais dos elementos que constituem a anáfora estudada ("ele" + "mesmo"), visto que nos experimentos 1 e 2 os sujeitos provavelmente consideraram essas propriedades referenciais de maneiras diferentes. No primeiro experimento não obtivemos resultado significativo porque em "O primo de Luiza barbeou Alana e eles mesmos" "eles mesmos" pode incluir o primo de Luiza e Luiza, sem problema de interpretação. Então os referentes podem ser exatamente os que estão dados na sentença. Já em "Luiz barbeou Alana e eles mesmos" o sujeito provavelmente teve que pensar em outros referentes possíveis, que não estão dados na sentença, o que pode ser a razão do maior tempo total de leitura.

No que diz respeito às estruturas anafóricas e logofóricas, ambos os estudos de Reinhart e Reuland (1993) e Harris et al (2000) afirmam que o módulo que governa as anáforas é diferente do que governa logóforos. Este estudo mostra que tal alegação é coerente, já que tivemos um efeito similar entre os experimentos 1 e 2. Nos gráficos apresentados no capítulo anterior vemos que há uma diferença em como os sujeitos estão processando o antecedente das anáforas e logóforos. Portanto, é razoável acreditar que a falta de um P600 no Harris (2000) é devido às diferenças entre esses dois tipos de reflexivo, pois como observamos no experimento 2, a diferença de processamento não foi devido exclusivamente à presença dos antecedentes intrusos e sim porque há uma diferença em como os sujeitos estão processando as anáforas e logóforos.

Os resultados obtidos a partir do experimento 3 descrito acima afirma, mais uma vez, que a leitura mais rápida foi nas condições em que tínhamos a presença da anáfora, independentemente da congruência com o antecedente. De modo geral, na variável tipo da pró-forma encontramos um resultado significativo, já na variável congruência e na interação entre as variáveis não encontramos efeito significativo.

Os resultados do último experimento convergem para o que foi encontrado nos experimentos 1 e 2, o que corrobora os achados em língua inglesa. Além disso, Reinhart e Ruland (1993) afirmam que essas estruturas são diferentes, como mencionado acima. Assim podemos explicar os resultados obtidos neste teste, pois as anáforas possuem a propriedade de reflexivizar o predicado ao qual esteja contido e os logóforos não marcam o predicado como reflexivo e não ocupam sozinhos uma posição argumental, como aponta R&R (1993).

Em suma, os resultados apontados acima mostram uma disparidade entre a leitura da anáfora em comparação com a do logóforo, independentemente da congruência com o antecedente. Assim como postula R&R (1993), a restrição sintática que rege apenas a distribuição dos reflexivos e é aplicável apenas aos argumentos enquanto que os logóforos, reflexivos em posição não argumental, possuem restrição que não é da Teoria da Ligação ou qualquer outra restrição sintática. Os nossos experimentos apontaram que o logofórico é de natureza extrassintática.

Portanto, os resultados sugerem que as anáforas obtêm seus antecedentes em termos da sintaxe mais restrita, enquanto os logóforos pela semântica / discurso, conforme afirma Reinhart e Reuland (1993).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados nos três experimentos relatados acima fornecem evidências para o processamento diferencial da pró-forma *ele mesmo* como anáfora e logóforo. Quando há antecedentes intrusos presentes, podemos ver que, nas condições congruentes, as anáforas são processadas mais rapidamente e há lentidão quando o reflexivo é um logóforo. Apesar dessas evidências, a questão de saber se a diferença no processamento reflete os diferentes módulos gramaticais que regem o licenciamento desses reflexivos ainda carece de mais investigação. Embora Reinhart e Reuland (1993) sugeriram que este deve ser o caso, esta é uma conclusão que ainda não podemos fazer apenas com os experimentos descritos aqui, ainda que os experimentos 1, 2 e 3 confirmem o processamento diferencial de anáforas e logóforos e que essa diferença seja prevista tanto pela teoria da reflexividade quanto pelo experimento de Harris (2000).

Uma outra questão que é necessário investigar é a maneira como são licenciados os diferentes tipos de logóforos, visto que sabemos que nem todos os logóforos são processados da mesma maneira, não obstante Reinhart e Reuland (1993) predizem que todos os logóforos obtêm antecedentes do discurso. Como podemos ver em (127) e (128), diferentes logóforos permitem diferentes tipos de antecedentes, mas a teoria dos autores citados não prevê isso.

(127) João disse que Maria convidou Ana e ele mesmo para a festa.

(128) João disse que Maria viu uma foto dela mesma na cômoda do quarto.

Dado que tanto as teorias de ligação tradicionais quanto as teorias de reflexividade preveem a presença de logóforos que provavelmente são licenciados extra-sintaticamente, há uma omissão quanto à forma como cada um é licenciado.

Crucialmente, este estudo mostra que as anáforas e os logóforos das estruturas estudadas são processados de maneira diferente mesmo quando se remove os antecedentes intrusos, contrariando os efeitos encontrados por King et al. (2012) e Xiang et al. (2009), em que os antecedentes intrusos afetam o processamento dessas estruturas.

Os resultados encontrados nos experimentos desta tese lançam luz sobre os resultados em Harris et al. (2000) e a teoria de Reinhart e Reuland (1993), que afirmam que o módulo que governa as anáforas é diferente dos logóforos. O efeito de tipo da pró-forma presente no

experimento 1 foi similar ao do experimento 2 nas condições AFC – LOGC e do experimento 3, mesmo com a remoção dos antecedentes intrusos e inclusão do advérbio antes da pró-forma.

Portanto, é plausível considerar que a falta de um P600 no teste de Harris et al. (2000) foi resultado da diferença entre anáforas e logóforos como posto por Reinhart e Reuland (1993).

Com os resultados do primeiro experimento, obtivemos evidências de que, independentemente se a pró-forma concorda ou não com o antecedente, a posição dessa pró-forma na sentença determinou as diferenças de processamento. No experimento 2, com menos referentes no discurso, a concordância foi levada em consideração pelos sujeitos. Vemos que quando uma anáfora ou logóforo não pode ser combinado com um antecedente sentencial, o tempo de leitura é maior. Quando havia tal concordância, também encontramos efeito significativo para o tipo da pró-forma. No último experimento também encontramos um resultado significativo para o tipo da pró-forma após a inclusão de um advérbio, corroborando os resultados anteriores.

Assim, esta pesquisa contribuiu trazendo os primeiros dados de leitura automonitorada que comparam estruturas anafóricas e logofóricas ao examinar como se dá o processamento da pró-forma *ele mesmo* em dois tipos de posição sentencial: anafórica e logofórica. Aqui vimos a interação do antecedente sintático, do antecedente intruso e a concordância com a anáfora e o logóforo. Vemos que todos esses fatores de interação afetam o processamento da proforma *ele mesmo*.

Por fim, esta tese fornece uma perspectiva pioneira do processamento anafórico e logofórico do *ele mesmo*, apresentando um terreno fértil que permite futuras investigações psicolinguísticas sobre a natureza dos logóforos e seu processamento em PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIEL, M. *Accessing Noun Phrase antecedents*. London: Routledge, 1990.

BADECKER, W.; STRAUB, K. The Processing Role of Structural Constraints on the Interpretation of Pronouns and Anaphors. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, v. 28, n. 4, p. 748-769, 2002.

BRITO, D. B. S. *O se reflexivo no português brasileiro*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFAL, Maceió.

BURKHARDT, P. Logophors: Looking Outside of Syntax; Evidence from Real-Time sentence Comprehension. In: THRIFT, E. et al. (Eds.). *Proceedings of Console IX*. Disponível em: <<http://www.hum2.leidenuniv.nl/pdf/lucl/sole/console9/console9-burkhard.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

CALAÇA, F. G.; OLIVEIRA, R. C. A atuação do princípio A no processamento da anáfora 'a si mesmo'. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALFAL, XVII., 2014, João Pessoa. Anais da ALFAL. João Pessoa: UFPB, 2014.

CANTRALL, W. R. *On the nature of the reflexive in English*. 1969. Dissertação – Universidade de Illinois, 1969.

_____. *Viewpoint, reflexives, and the nature of noun phrases*. The Hague: Mouton, 1974.

CLEMENTS, G. N. The logophoric pronoun in Ewe: its role in discourse. *Journal of West African Linguistics*, v. 10, p. 141-177, 1975.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris 1981.

CHRISTIANO, Maria Elizabeth Affonso. *As estruturas reflexivas em português e seu tratamento na gramática dos casos profundos*. 1991. Tese (Doutorado em Linguística). UNESP, Araraquara.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Erivaldo Balduino; SILVA, José Romerito. *Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas*. IN.:

CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

FALTZ, Leonard. *Reflexivition: a Study in Universal Grammar*. New York: Garland, 1985.

FORAKER, S. *The processing of logophoric reflexives shows discourse and locality constraints*. Proceedings of the Chicago Linguistic Society: Parasessions, 2003.

GALVES, C. C. *Ensaio sobre gramática do português*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2001a.

HARRIS, T.; WEXLER, K.; HOLCOMB, P. J. An ERP investigation of binding and coreference. *Brain and Language*, v. 75, p. 313-346, 2000.

KEENAN, E.; COMRIE, B. Noun phrase accessibility and universal grammar. *Linguistic Inquiry*, v. 8, p. 63-100, 1977.

KELLER, F.; ASUDEH, A. Constraints on Linguistic Coreference: Structural vs. Pragmatic Factors. In: MOORE, J. D.; STENNING, K. (Eds.). *Proceedings of the 23rd Annual Conference of the Cognitive Science Society*. Mahawah: Lawrence Erlbaum, 2001.

KENNISON, S. Comprehending the pronouns her, him, and his: implications for theories of referential processing. *Journal of Memory and Language*, v. 49, p. 335-352, 2003.

KUNO, S. Functional sentence perspective. A case study from Japanese and English. *Linguistic Inquiry*, v. 3, p. 269-320, 1972.

_____. *Three perspectives in the functional approach to syntax*. In Papers from the parasession on functionalism. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1975, p. 276-336.

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

KURODA, S. Where epistemology, grammar and style meet: A case study from Japanese. In: ANDERSON, S.; KIPARSKY, P. (Eds.). *A Festschrift for Morris Halle*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1973.

LACERDA, Maria Cláudia. *O Processamento da Anáfora se em Português Brasileiro: comparando dados de Minas Gerais e Paraíba*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014.

LACERDA, Maria Cláudia; OLIVEIRA, Rosana Costa de.; LEITÃO, Márcio Martins. O processamento da anáfora intra-sentencial em português brasileiro. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, 2014.

LEITÃO, M. M.; PEIXOTO, P.; SANTOS, S. Processamento da co-referência intra-sentencial em português brasileiro. *Veredas on-line*, v. 2, p. 50-61, 2008.

LEITÃO, M. M. Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem. In: MARTELOTTA, M. E. *Manual de Linguística*. Editora: Contexto, São Paulo, 2011.

MAIA, M.; MAIA, J. A compreensão de orações relativas por falantes monolíngues e bilíngues de português e de inglês. In: MAIA, M.; FINGUER, I. (Eds.). *Processamento da Linguagem*. Pelotas: Educat, 2005, p. 163-178.

MENUZZI, S. *Binding Theory and Pronominal Anaphora in Brazilian Portuguese*. 1997. Dissertação de doutoramento.– Universidade de Leiden, 1997.

MINKOFF, S. A. Consciousness, Backward Coreference, and Logophoricity. *Linguistic Inquiry*, v. 35, p. 485-494, 2004.

MIOTO C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

NAPOLI, D. J. *Reflexivization across clause boundaries in Italian*. *Journal of Linguistics*, v. 15. Issue 01, 1979.

NICOL, J.; SWINNEY, D. The role of structure in coreference assignment during sentence comprehension. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 18, n. 1, p. 5-19, 1989.

OLIVEIRA, R. C.; LEITÃO, M. M.; HENRIQUE, J. G. A Influência dos Antecedentes Vinculados e não vinculados no processamento da anáfora a si mesmo(a). *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 71; 78-85, 2012.

OLIVEIRA, R. C.; LEITÃO, M. M.; ARAÚJO, E. M. A influência dos antecedentes vinculados e não vinculados no processamento da anáfora 'ele(a) mesmo(a)'. *Revista do GELNE (UFC)*, v. 15, p. 123-142, 2013.

OLIVEIRA, R. C.; FERRARI NETO, J.; CASTOR, J. B. A influência dos antecedentes disponíveis e não-disponíveis da anáfora 'ele(a) mesmo(a)' em português brasileiro (PB). *Letrônica*, v. 7, p. 278-297, 2014.

OTERO, C. (1999). "Pronombres Reflexivos y Recíprocos". in BOSQUE, I. e DEMONTE, V. (orgs.) (1999). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Vol. 1. Real Academia Española, Madrid, Espasa.

RAPOSO, E. P. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

REINHAT, T.; REULAND, E. Reflexivity. *Linguistic Inquiry*, v. 24, n. 4, p. 657-720, 1993.

ROSS, J. R. On declarative sentences. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. (Eds.). *Readings in English transformational grammar*. Georgetown University Press: 1970. p. 222-272.

SAFIR, K. *Implied non-coreference & the pattern of anaphora*. Rutgers University, appeared in *Linguistics & philosophy*, 1991.

SELLS, P. Aspects of Logophoricity. *Linguistic Inquiry*, v. 18, n. 3, p. 445-479, 1987.

STURT, P. The time-course of the application of binding constraints in reference resolution. *Journal of Memory and Language*, v. 48, p. 542-562, 2003.

THRÁINSSON, H. Reflexives and Subjunctives in Icelandic. In: FORD, A.; REIGHARD, J.; SINGH, R. (Eds.). *Proceedings of the North Eastern Linguistic Society 6*. University of Massachusetts, Graduate Linguistic Student Association, Amherst, 1976. p. 225-239.

WARSHAWSKY, F. *Reflexivization I & II*. Indiana University Linguistics Club, 1965. [Reproduzido em notas de linguistic underground (Syntax and Semantics 7), editado por James D. McCawley. New York: Academic Press, 1976, p. 63-84].

ZRIBI-HERTZ, A. Anaphor binding and narrative point of view: English reflexive pronouns in sentence and discourse. *Language*, v. 65, n. 4, p. 695-727, 1989.

APÊNDICE

APÊNDICE 1

As condições experimentais e as frases utilizadas nos experimentos 1, 2 e 3 são apresentadas abaixo:

Experimento 1

Anáfora congruente em gênero com o antecedente - AFC

O irmão de/ Viviane/ machucou/ apenas/ ele mesmo/ com o carro/ na BR230. O irmão de Viviane se machucou?

O genro de Karla cortou apenas ele mesmo com a faca na cozinha. O genro de Karla se cortou?

O primo de Luíza barbeou apenas ele mesmo com o barbeador no banheiro. O primo de Luíza se barbeou?

O colega de Vitória penteou apenas ele mesmo com a escova no quarto. O colega de Vitória se penteou?

O amigo de Flávia feriu apenas ele mesmo com o brinquedo no parque. O amigo de Flávia se feriu?

O neto de Bruna olhou apenas ele mesmo com o espelho na penteadeira. O neto de Bruna se olhou?

O vizinho de Eva feriu apenas ele mesmo com a lâmina na barbearia. O vizinho de Eva se feriu?

O filho de Lia molhou apenas ele mesmo com a água na piscina. O filho de Lia se molhou?

O pai de Marília lavou apenas ele mesmo com o sabão na banheira. O pai de Marília se lavou?

O chefe de Kátia atrapalhou apenas ele mesmo com a cadeira na reunião. O chefe de Kátia se atrapalhou?

O noivo de Maria corrigiu apenas ele mesmo com o slide na faculdade. O noivo de Maria se corrigiu?

O patrão de Olga representou apenas ele mesmo com o papel na reunião. O patrão de Olga se representou?

Anáfora não congruente em gênero com o antecedente - AFNC

O irmão de Viviane machucou apenas eles mesmos com o carro na BR230. O irmão de Viviane se machucou?

O genro de Karla cortou apenas eles mesmos com a faca na cozinha. O genro de Karla se cortou?

O primo de Luiza barbeou apenas eles mesmos com o barbeador no banheiro. O primo de Luíza se barbeou?

O colega de Vitória penteou apenas eles mesmos com a escova no quarto. O colega de Vitória se penteou?

O amigo de Flávia feriu apenas eles mesmos com o brinquedo no parque. O amigo de Flávia se feriu?

O neto de Bruna olhou apenas eles mesmos com o espelho na penteadeira. O neto de Bruna se olhou?

O vizinho de Eva feriu apenas eles mesmos com a lâmina na barbearia. O vizinho de Eva se feriu?

O filho de Lia molhou apenas eles mesmos com a água na piscina. O filho de Lia se molhou?

O pai de Marília lavou apenas eles mesmos com o sabão na banheira. O pai de Marília se lavou?

O chefe de Kátia atrapalhou apenas eles mesmos com a cadeira na reunião. O chefe de Kátia se atrapalhou?

O noivo de Maria corrigiu apenas eles mesmos com o slide na faculdade. O noivo de Maria se corrigiu?

O patrão de Olga representou apenas eles mesmos com o papel na reunião. O patrão de Olga se representou?

Logóforo congruente em gênero com o antecedente - LOGC

O irmão de Viviane machucou Karla e ele mesmo com o carro na BR230. O irmão de Viviane se machucou e machucou Karla?

O genro de Karla cortou Joana e ele mesmo com a faca na cozinha. O genro de Karla se cortou e cortou Joana?

O primo de Luíza barbeou Alana e ele mesmo com o barbeador no banheiro. O primo de Luíza se barbeou e barbeou Alana?

O colega de Vitória penteou Lucia e ele mesmo com a escova no quarto. O colega de Vitória se penteou e penteou Lúcia?

O amigo de Flávia feriu Thaís e ele mesmo com o brinquedo no parque. O amigo de Flávia se feriu e feriu Thaís?

O neto de Bruna olhou Helen e ele mesmo com o espelho na penteadeira. O neto de Bruna se olhou e olhou Helen?

O vizinho de Eva feriu Júlia e ele mesmo com a lâmina na barbearia. O vizinho de Eva se feriu e feriu Júlia?

O filho de Lia molhou Kelly e ele mesmo com a água na piscina. O filho de Lia se molhou e molhou Kelly?

O chefe de Kátia atrapalhou Leila e ele mesmo com a cadeira na reunião. O chefe de Kátia se atrapalhou e atrapalhou Leila?

O pai de Marília lavou Lívia e ele mesmo com o sabão na banheira. O pai de Marília se lavou e lavou Lívia?

O noivo de Maria corrigiu Mayra e ele mesmo com o slide na faculdade. O noivo de Maria se corrigiu e corrigiu Mayra?

O patrão de Olga representou Thaís e ele mesmo com o papel na reunião. O patrão de Olga se representou e representou Thaís?

Logóforo não congruente em gênero com o antecedente - LOGNC

O irmão de Viviane machucou Karla e eles mesmos com o carro na BR230. O irmão de Viviane se machucou e machucou Karla?

O genro de Karla cortou Joana e eles mesmos com a faca na cozinha. O genro de Karla se cortou e cortou Joana?

O primo de Luiza barbeou Alana e eles mesmos com o barbeador no banheiro. O primo de Luíza se barbeou e barbeou Alana?

O colega de Vitória penteou Lucia e eles mesmos com a escova no quarto. O colega de Vitória se penteou e penteou Lúcia?

O amigo de Flávia feriu Thaís e eles mesmos com o brinquedo no parque. O amigo de Flávia se feriu e feriu Thaís?

O neto de Bruna olhou Helen e eles mesmos com o espelho na penteadeira. O neto de Bruna se olhou e olhou Helen?

O vizinho de Eva feriu Júlia e eles mesmos com a lâmina na barbearia. O vizinho de Eva se feriu e feriu Júlia?

O filho de Lia molhou Kelly e eles mesmos com a água na piscina. O filho de Lia se molhou e molhou Kelly?

O chefe de Kátia atrapalhou Leila e eles mesmos com a cadeira na reunião. O chefe de Kátia se atrapalhou e atrapalhou Leila?

O pai de Marília lavou Lívia e eles mesmos com o sabão na banheira. O pai de Marília se lavou e lavou Lívia?

O noivo de Maria corrigiu Mayra e eles mesmos com o slide na faculdade. O noivo de Maria se corrigiu e corrigiu Mayra?

O patrão de Olga representou Thaís e eles mesmos com o papel na reunião. O patrão de Olga se representou e representou Thaís?

Experimento 2

Anáfora congruente em gênero com o antecedente - AFC

O Vítor machucou apenas ele mesmo com o carro na BR230. Vítor se machucou?

Carlos cortou apenas ele mesmo com a faca na cozinha. Carlos se cortou?

Luiz barbeou apenas ele mesmo com o barbeador no banheiro. Luiz se barbeou?

Daniel penteou apenas ele mesmo com a escova no quarto. Daniel se penteou?

Flávio feriu apenas ele mesmo com o brinquedo no parque. Flávio se feriu?

Bruno olhou apenas ele mesmo com o espelho na penteadeira. Bruno se olhou?

Gabriel feriu apenas ele mesmo com a lâmina na barbearia. Gabriel se feriu?

Heitor molhou apenas ele mesmo com a água na piscina. Heitor se molhou?

Otávio atrapalhou apenas ele mesmo com a cadeira na reunião. Otávio se atrapalhou?

Marcos corrigiu apenas ele mesmo com o slide na faculdade. Marcos se corrigiu?

Paulo lavou apenas ele mesmo com o sabão na banheira. Paulo se lavou?

José representou apenas ele mesmo com o papel na reunião. José se representou?

Anáfora não congruente em gênero com o antecedente - AFNC

Vítor machucou apenas eles mesmos com o carro na BR230. Vítor se machucou?

Carlos cortou apenas eles mesmos com a faca na cozinha. Carlos se cortou?

Luiz barbeou apenas eles mesmos com o barbeador no banheiro. Luiz se barbeou?

Daniel penteou apenas eles mesmos com a escova no quarto. Daniel se penteou?

Flávio feriu apenas eles mesmos com o brinquedo no parque. Flávio se feriu?

Bruno olhou apenas eles mesmos com o espelho na penteadeira. Bruno se olhou?

Gabriel feriu apenas eles mesmos com a lâmina na barbearia. Gabriel se feriu?

Heitor molhou apenas eles mesmos com a água na piscina. Heitor se molhou?

Otávio atrapalhou apenas eles mesmos com a cadeira na reunião. Otávio se atrapalhou?

Paulo lavou apenas eles mesmos com o sabão na banheira. Paulo se lavou?

Marcos corrigiu apenas eles mesmos com o slide na faculdade. Marcos se corrigiu?

José representou apenas eles mesmos com o papel na reunião. José se representou?

Logóforo congruente em gênero com o antecedente - LOGC

Vítor machucou Karla e ele mesmo com o carro na BR230. Vítor se machucou e machucou Karla?

Carlos cortou Joana e ele mesmo com a faca na cozinha. Carlos se cortou e cortou Joana?

Luiz barbeou Alana e ele mesmo com o barbeador no banheiro. Luiz se barbeou e barbeou Alana?

Daniel penteou Lucia e ele mesmo com a escova no quarto. Daniel se penteou e penteou Lúcia?

Flávio feriu Thaís e ele mesmo com o brinquedo no parque. Flávio se feriu e feriu Thaís?

Bruno olhou Helen e ele mesmo com o espelho na penteadeira. Bruno se olhou e olhou Helen?

Gabriel feriu Júlia e ele mesmo com a lâmina na barbearia. Gabriel se feriu e feriu Júlia?

Heitor molhou Kelly e ele mesmo com a água na piscina. Heitor se molhou e molhou Kelly?

Marcos corrigiu Mayra e ele mesmo com o slide na faculdade. Marcos se corrigiu e corrigiu Mayra?

Otávio atrapalhou Leila e ele mesmo com a cadeira na reunião. Otávio se atrapalhou e atrapalhou Leila?

Paulo lavou Lívia e ele mesmo com o sabão na banheira. Paulo se lavou e lavou Lívia?

José representou Thaís e ele mesmo com o papel na reunião. José se representou e representou Thaís?

Logóforo não congruente em gênero com o antecedente - LOGNC

Vítor machucou Karla e eles mesmos com o carro na BR230. Vítor se machucou e machucou Karla?

Carlos cortou Joana e eles mesmos com a faca na cozinha. Carlos se cortou e cortou Joana?

Luiz barbeou Alana e eles mesmos com o barbeador no banheiro. Luiz se barbeou e barbeou Alana?

Daniel penteou Lucia e eles mesmos com a escova no quarto. Daniel se penteou e penteou Lúcia?

Flávio feriu Thaís e eles mesmos com o brinquedo no parque. Flávio se feriu e feriu Thaís?

Bruno olhou Helen e eles mesmos com o espelho na penteadeira. Bruno se olhou e olhou Helen?

Gabriel feriu Júlia e eles mesmos com a lâmina na barbearia. Gabriel se feriu e feriu Júlia?

Heitor molhou Kelly e eles mesmos com a água na piscina. Heitor se molhou e molhou Kelly?

Otávio atrapalhou Leila e eles mesmos com a cadeira na reunião. Otávio se atrapalhou e atrapalhou Leila?

Paulo lavou Lívia e eles mesmos com o sabão na banheira. Paulo se lavou e lavou Lívia?

Marcos corrigiu Mayra e eles mesmos com o slide na faculdade. Marcos se corrigiu e corrigiu Mayra?

José representou Thaís e eles mesmos com o papel na reunião. José se representou e representou Thaís?

Anáfora congruente em gênero com o antecedente – AFC

O irmão de Viviane machucou apenas ele mesmo com o carro na BR230. O irmão de Viviane se machucou?

O genro de Karla cortou apenas ele mesmo com a faca na cozinha. O genro de Karla se cortou?

O primo de Luiza barbeou apenas ele mesmo com o barbeador no banheiro. O primo de Luíza se barbeou?

O colega de Vitória penteou apenas ele mesmo com a escova no quarto. O colega de Vitória se penteou?

O amigo de Flávia feriu apenas ele mesmo com o brinquedo no parque. O amigo de Flávia se feriu?

O vizinho de Eva feriu apenas ele mesmo com a lâmina na barbearia. O vizinho de Eva se feriu?

O neto de Bruna olhou apenas ele mesmo com o espelho na penteadeira. O neto de Bruna se olhou?

O filho de Lia molhou apenas ele mesmo com a água na piscina. O filho de Lia se molhou?

O chefe de Kátia atrapalhou apenas ele mesmo com a cadeira na reunião. O chefe de Kátia se atrapalhou?

O pai de Marília lavou apenas ele mesmo com o sabão na banheira. O pai de Marília se lavou?

O noivo de Maria corrigiu apenas ele mesmo com o slide na faculdade. O noivo de Maria se corrigiu?

O patrão de/Olga representou apenas ele mesmo com o papel na reunião. O patrão de Olga se representou?

Anáfora não congruente em gênero com o antecedente - AFNC

O irmão de Viviane machucou apenas eles mesmos com o carro na BR230. O irmão de Viviane se machucou?

O genro de Karla cortou apenas eles mesmos com a faca na cozinha. O genro de Karla se cortou?

O primo de Luiza barbeou apenas eles mesmos com o barbeador no banheiro. O primo de Luíza se barbeou?

O colega de Vitória penteou apenas eles mesmos com a escova no quarto. O colega de Vitória se penteou?

O amigo de Flávia feriu apenas eles mesmos com o brinquedo no parque. O amigo de Flávia se feriu?

O chefe de Kátia atrapalhou apenas eles mesmos com a cadeira na reunião. O chefe de Kátia se atrapalhou?

O pai de Marília lavou apenas eles mesmos com o sabão na banheira. O pai de Marília se lavou?

O noivo de Maria corrigiu apenas eles mesmos com o slide na faculdade. O noivo de Maria se corrigiu?

O patrão de Olga representou apenas eles mesmos com o papel na reunião. O patrão de Olga se representou?

Logóforo congruente em gênero com o antecedente - LOGC

O irmão de Viviane machucou ambos ele mesmo e Karla com o carro. O irmão de Viviane se machucou e machucou Karla?

O genro de Karla cortou ambos ele mesmo e Joana com a faca. O genro de Karla se cortou e cortou Joana?

O primo de Luíza barbeou ambos ele mesmo e Alana com o barbeador. O primo de Luíza se barbeou e barbeou Alana?

O colega de Vitória penteou ambos ele mesmo e Lúcia com a escova. O colega de Vitória se penteou e penteou Lúcia?

O amigo de Flávia feriu ambos ele mesmo e Thaís com o brinquedo. O amigo de Flávia se feriu e feriu Thaís?

O neto de Bruna olhou ambos ele mesmo e Helen com o espelho. O neto de Bruna se olhou e olhou Helen?

O vizinho de Eva feriu ambos ele mesmo e Júlia com a lâmina. O vizinho de Eva se feriu e feriu Júlia?

O filho de Lia molhou ambos ele mesmo e Kelly com a água. O filho de Lia se molhou e molhou Kelly?

O chefe de Kátia atrapalhou ambos ele mesmo e Leila com a cadeira. O chefe de Kátia se atrapalhou e atrapalhou Leila?

O pai de Marília lavou ambos ele mesmo e Livia com o sabão. O pai de Marília se lavou e lavou Livia?

O noivo de Maria corrigiu ambos ele mesmo e Mayra com o slide. O noivo de Maria se corrigiu e corrigiu Mayra?

O patrão de Olga representou ambos ele mesmo e Thaís com o papel. O patrão de Olga se representou e representou Thaís?

Logóforo não congruente em gênero com o antecedente - LOGC

O irmão de Viviane machucou ambos eles mesmos e Karla com o carro. O irmão de Viviane se machucou e machucou Karla?

O genro de Karla cortou ambos eles mesmos e Joana com a faca. O genro de Karla se cortou e cortou Joana?

O primo de Luiza barbeou ambos eles mesmos e Alana com o barbeador. O primo de Luiza se barbeou e barbeou Alana?

O colega de Vitória penteou ambos eles mesmos e Lúcia com a escova. O colega de Vitória se penteou e penteou Lúcia?

O amigo de Flávia feriu ambos eles mesmos e Thaís com o brinquedo. O amigo de Flávia se feriu e feriu Thaís?

O neto de Bruna olhou ambos eles mesmos e Helen com o espelho. O neto de Bruna se olhou e olhou Helen?

O vizinho de Eva feriu ambos eles mesmos e Júlia com a lâmina. O vizinho de Eva se feriu e feriu Júlia?

O filho de Lia molhou ambos eles mesmos e Kelly com a água. O filho de Lia se molhou e molhou Kelly?

O chefe de Kátia atrapalhou ambos eles mesmos e Leila com a cadeira. O chefe de Kátia se atrapalhou e atrapalhou Leila?

O pai de Marília lavou ambos eles mesmos e Livia com o sabão. O pai de Marília se lavou e lavou Livia?

O noivo de Maria corrigiu ambos eles mesmos e Mayra com o slide. O noivo de Maria se corrigiu e corrigiu Mayra?

O patrão de Olga representou ambos eles mesmos e Thaís com o papel. O patrão de Olga se representou e representou Thaís?

ANEXO

ANEXO 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

Esta pesquisa é sobre o processamento da correferência em Português Brasileiro (PB) e está sendo desenvolvida por *Flávia Gonçalves Calaça de Souza*, aluna de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Doutora *Rosana Costa de Oliveira*.

O objetivo do estudo é investigar o processamento da logoforicidade em Português Brasileiro. A sua finalidade é contribuir para a compreensão dos processos cognitivos envolvidos na leitura de elementos correferenciais, fazendo com que possamos no futuro criar mecanismos de aprendizado que facilitem o processo de leitura dos indivíduos.

Solicitamos a sua colaboração para ler as frases que aparecerão na tela do computador e, ao término da frase, responder a uma pergunta de compreensão sobre a frase, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de humanas e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Não haverá risco a sua saúde, pois você terá apenas que ler algumas frases e responder algumas perguntas em frente de uma tela de computador. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

_____ Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Contato com a pesquisadora: *flavia.ufpb@hotmail.com*

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para (83) 98833-1023

Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB:

Campus I – Cidade Universitária – Bloco Arnaldo Tavares – Sala 812 - 1º.andar – CCS.

Telefone: 83- 3216-7791.

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável